

SER DO CERRADO



Saberes e diversidade
nos jardins do Inhotim

INHOTIM

INSTITUTO INHOTIM

O Inhotim é um museu de arte contemporânea e jardim botânico localizado em Brumadinho (MG), numa região de transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado. Com cerca de 700 obras de arte exibidas ao ar livre e em galerias em meio a um jardim botânico com espécies nativas e exóticas de várias partes do mundo, o Inhotim proporciona aos visitantes uma experiência única que mescla arte e natureza. Em 2010, o Inhotim foi reconhecido como Jardim Botânico e, desde então, cumpre com a importante missão de conservar as espécies vegetais e promover a sensibilização ambiental e a popularização da ciência.



Fruto do pequizeiro
(*Caryocar brasiliense*),
espécie muito comum
no Cerrado mineiro.



Pequizeiro (*Caryocar brasiliense*).

SER DO CERRADO

Saberes e diversidade
nos jardins do Inhotim

2^a edição, 2025

REALIZAÇÃO



APOIO



Frutos da *Butia capitata*,
palmeira endêmica do
Cerrado em Minas Gerais,
Bahia e Goiás, classificada
como Vulnerável
(CNCFlora).



É com alegria que chegamos à segunda edição da publicação *Ser do Cerrado: Saberes e diversidade nos jardins do Inhotim*, que celebra este projeto tão importante para o Inhotim. Esta nova edição também coincide com um momento especial da nossa instituição, que, por meio de avanços em sua governança, vem reafirmando e ampliando seu compromisso com a natureza e com o território onde está inserida.

O projeto *Ser do Cerrado* nasceu de uma parceria frutífera com o Ministério Público de Minas Gerais, por meio da Plataforma Semente. Desde seu lançamento, conquistou destaque na imprensa, despertou grande interesse do público visitante e mobilizou nossa equipe interna. Acima de tudo, o projeto foi marcante por revelar histórias e detalhes de um bioma extraordinário, mas ainda pouco conhecido, consolidando o papel do Inhotim na educação ambiental e na divulgação científica.

Graças a essa iniciativa, aprofundamos nossas pesquisas sobre as plantas do Cerrado, incorporando 140 novas espécies nativas à nossa coleção. Desenvolvemos, ainda, uma intensa programação de educação ambiental, incluindo oficinas, visitas, palestras e atividades especiais que contaram as histórias dos territórios, dos povos e das plantas que habitam os gerais. Realizamos uma edição dedicada do programa Jovens Agentes Ambientais, focada exclusivamente no Cerrado, aproximando ainda mais a juventude de Brumadinho a esse universo.

De lá para cá, o Inhotim avançou significativamente em suas ações voltadas ao Cerrado e à natureza em geral. Estruturamos uma nova diretoria para questões ambientais, e temos revisitado e fortalecido nossa vocação como Jardim Botânico, tornando-a cada vez mais relevante para o território que ocupamos.

Hoje, o Instituto investe esforços crescentes na conservação de espécies raras, endêmicas e ameaçadas da região. Dos 140 hectares do Inhotim, 75 são áreas de fragmentos florestais de alta diversidade — representando 56,4% da nossa área total. Esses fragmentos aumentam em 60 hectares a conectividade entre áreas de mata do entorno, favorecendo a circulação de fauna e flora e contribuindo para a manutenção dos ecossistemas.

Nascido como uma coleção particular, o Inhotim vive, hoje, uma transição de foco: de um espaço dedicado prioritariamente ao colecionismo para uma instituição que também se compromete profundamente com a conservação da biodiversidade local. Sabemos que, através das plantas e paisagens do nosso território, há muito o que aprender — e também muito o que compartilhar com o mundo. E quando falamos de território, falamos, sobretudo, de Cerrado, já que o Inhotim está localizado no encontro deste bioma com outro igualmente essencial: a Mata Atlântica.

Celebramos, então, o Cerrado, o projeto *Ser do Cerrado* e todas as parcerias institucionais que tornam possíveis iniciativas tão grandiosas e transformadoras.

Paula Azevedo
Diretora-Presidente
Instituto Inhotim

Reconhecendo a importância ecológica e social do Cerrado, o Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente (Caoma), do Ministério PÚBLICO do Estado de Minas Gerais (MPMG), está desenvolvendo o projeto *Ser do Cerrado*, que integra o Plano Geral de Atuação Finalístico do MPMG e prevê ações de valorização, conservação e recuperação em áreas representativas do bioma em Minas Gerais.

Em 7 de dezembro de 2021, o MPMG, por meio do Caoma, em parceria com o Conselho Nacional do Ministério PÚBLICO (CNMP) e o Instituto Inhotim, lançou oficialmente o projeto, que tem como uma de suas linhas de ação promover a conservação de espécies do Cerrado por meio da inclusão de plantas deste bioma na coleção do Jardim Botânico Inhotim e da realização de ações de educação ambiental para sensibilização de pessoas quanto à importância ecológica e cultural do bioma.

O projeto é fruto de medida compensatória estabelecida em Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado pela Mineradora Itaminas, e sua execução tem sido acompanhada pela Plataforma Semente e pelo MPMG.

A integração entre os diversos órgãos que se dedicam à proteção do meio ambiente, sejam eles da sociedade civil ou da iniciativa privada, potencializa a tutela ambiental do Cerrado, considerado prioritário em termos de conservação, por estar altamente devastado no Brasil.

Além disso, a destinação de um espaço no Instituto Inhotim para que o Ministério PÚBLICO possa difundir o seu papel constitucional de defensor do meio ambiente permite a aproximação entre a instituição e a sociedade e mostra que os Promotores de Justiça vêm atuando em defesa de todos os biomas, inclusive do Cerrado.

Caroline Frare Lameirinha
Carlos Eduardo Ferreira Pinto
Promotores de Justiça (MPMG)

13 Prefácio

17 CONHECER O CERRADO

- 19** As fitofisionomias do Cerrado
- 25** Evoluir e resistir
- 31** Berço das águas
- 35** Povos e comunidades tradicionais do Cerrado
- 39** Povos do Cerrado mineiro
- 49** Cerrado ameaçado

ENTREVISTAS

- 54** Giselda Durigan
- 70** Diana Aguiar
- 84** Maria Auxiliadora (Dodora) Drumond

97 O CERRADO NO INHOTIM

- 101** A presença do Cerrado no Jardim Botânico Inhotim
- 112** O coração do Jardim Botânico Inhotim
- 115** Educação Ambiental para conhecer e conservar o Cerrado

123 SER DO CERRADO

- 125** O projeto Ser do Cerrado 2022-2023
 - 127** Os caminhos sinuosos da nova coleção botânica
 - 130** Meliponário: para conhecer e amar as abelhas
 - 135** Uma nova coleção botânica
 - 146** Jardim de Sequeiro
 - 148** Bastidores do Viveiro
 - 151** Ações de acessibilidade
 - 154** Protagonismo jovem na conservação do Cerrado
 - 159** Semana do Meio Ambiente 2022
 - 169** Semana do Cerrado 2022
 - 175** O projeto Ser do Cerrado 2025-2026
-
- 177** Sugestões para saber mais sobre o Cerrado
 - 179** Referências bibliográficas
 - 181** Fichas técnicas

PREFÁCIO

A primeira edição do projeto *Ser do Cerrado* — realizado entre 2022 e 2023, em parceria com o Ministério Público de Minas Gerais e a Plataforma Semente — foi um marco significativo para o Inhotim. Partindo da premissa de que é preciso conhecer para conservar, promovemos diversas ações que colocaram o Cerrado no centro do debate com diferentes públicos.

No contexto de realização do projeto, publicamos a primeira edição do livro *Ser do Cerrado: Saberes e diversidade nos jardins do Inhotim*, além do Território Temático *Ser do Cerrado*, disponível no site do Instituto. Ambos os conteúdos buscaram compartilhar informações sobre a riqueza biológica e cultural do bioma, reafirmando o compromisso contínuo do Inhotim com a natureza e a educação ambiental.

Agora, com a renovação do projeto para os anos de 2025 e 2026, temos o prazer de apresentar esta edição revista e atualizada do livro. Mantivemos os textos originais, as entrevistas com pesquisadoras e os relatos das atividades realizadas no Inhotim por meio do projeto. No entanto, consideramos essencial incluir dados atualizados sobre o desmatamento do Cerrado e o risco de extinção de suas espécies — números que indicam que as ameaças ao bioma não apenas persistem, como se intensificaram nos últimos anos. Para efeito de comparação, as informações mais recentes estão destacadas em notas de rodapé ao longo do texto.

É nosso desejo que estas páginas sirvam como um convite à reflexão e à ação, incentivando cada pessoa leitora a proteger e celebrar o Cerrado.

Boa leitura!



**CONHECER
O CERRADO**



As flores pequenas e brancas da copaíba (*Copaifera langsdorffii*) atraem abelhas, principais polinizadoras dessa espécie nativa do Cerrado.

CONHECER O CERRADO

O Cerrado é um dos seis biomas brasileiros. Ele está localizado nos planaltos centrais do país, fazendo-se presente nas cinco regiões geoeconômicas, mais precisamente em 11 estados e no Distrito Federal. É vizinho de quase todos os outros biomas brasileiros, criando zonas de transição com a Amazônia, a Caatinga, a Mata Atlântica e o Pantanal. A área ocupada pelo Cerrado é de 2.036.448 quilômetros quadrados, praticamente 1/4 de todo o território nacional. Em Minas Gerais, é o bioma predominante e ocupa 57% das terras do estado.

Conhecido como a savana brasileira, o Cerrado tem semelhança com outras formações vegetais intertropicais do planeta, como as presentes na área central da África, no litoral da Índia e no norte da Austrália. Diferentemente das savanas africanas e australianas, os rios do Cerrado são perenes, garantindo-lhe alta disponibilidade de água mesmo na estação seca. Suas reservas de água abastecem uma complexa rede hidrográfica, tornando-o essencial para o fornecimento de água e energia para todas as regiões do Brasil.

Ao contrário da maioria dos biomas, que apresentam grandes extensões contínuas de uma mesma vegetação, o Cerrado pode manifestar uma grande diversidade de vegetações em um curto espaço geográfico. Ele é composto por formações vegetais bastante heterogêneas que resultam de fatores geológicos, climáticos e hidrológicos das regiões que ocupa. Seus diversos ecossistemas abrigam uma grande variedade de espécies. Trata-se da savana tropical mais rica em biodiversidade no planeta, contendo cerca de 30% das espécies identificadas no Brasil e cerca de 5% de toda a diversidade da Terra.

As plantas do Cerrado são adaptadas a um padrão anual de chuvas notadamente marcado por duas estações bem definidas: a seca (de abril a setembro) e a chuvosa (de outubro a março). Ao longo de milhões de anos, as espécies desenvolveram estruturas e mecanismos capazes de resistir a perturbações como a ocorrência de fogo, secas e geadas. Cada vegetação é acompanhada por uma composição de fauna adaptada às condições próprias de cada formação. Assim, as

fitofisionomias do bioma abrigam uma quantidade impressionante de seres vivos — mais de 12 mil espécies de plantas, 837 aves, cerca de 10 mil espécies de borboletas e mariposas, 800 espécies de peixes e 227 mamíferos —, números que tendem a crescer à medida que mais pesquisas forem realizadas. Para alguns grupos de insetos, considerando a diversidade encontrada em todo o planeta, o Cerrado é o refúgio de 13% das borboletas e de 35% das abelhas — ambas importantes polinizadoras da flora nativa — e de 23% dos cupins — importantes na formação e funcionamento dos solos (MMA, 2021).

Essa diversidade de espécies vegetais e animais oferece uma rica possibilidade de uso e manejo, através de saberes desenvolvidos de maneiras variadas pelas populações humanas que nele habitam. Os povos e comunidades tradicionais do Cerrado utilizam frutos nativos, plantas medicinais, fibras, óleos, madeiras e outros recursos naturais, reproduzindo e reinventando práticas culturais que remetem à origem da presença humana na região, datada de cerca de 12 mil anos atrás.

Apesar de sua importância para o contexto socioecológico brasileiro, o Cerrado é tratado como um bioma de segunda categoria, sendo muitas vezes erroneamente associado a uma área pobre e feia. Sua história recente é marcada pela invasão e degradação das terras naturais, estimuladas por uma expansão econômica rumo ao interior do Brasil que vem ocorrendo desde a década de 1960 e causando enormes danos ao bioma.

AS FITOFISIONOMIAS DO CERRADO

Quando pensamos no Cerrado, logo vem à mente uma paisagem ampla, repleta de campos, com árvores esparsas e troncos tortuosos, uma verdadeira savana. Apesar de essa imagem tão marcante fazer parte do Cerrado, várias outras formações vegetais também compõem o bioma.

Fitofisionomia é o nome dado ao aspecto que a vegetação assume em um determinado lugar. O histórico evolutivo e a grande extensão territorial do Cerrado tornam a classificação das fitofisionomias desse bioma um desafio e tanto. Isso porque ele apresenta muitas variações ambientais ao longo de suas áreas de ocorrência — tais como regime de fogo, clima, fertilidade e drenagem do solo. Por exemplo, se em uma área há mais disponibilidade de água e nutrientes, a paisagem tende a ter árvores mais avantajadas e em maior número. Já em áreas onde o solo é muito raso ou a estação seca é prolongada, a paisagem assume características campestres, com arbustos esparsos e árvores pequenas.

Por tudo isso, dizemos que o Cerrado é formado por um mosaico de fitofisionomias, que vai desde o Campo Limpo até o Cerradão. A seguir, vamos detalhar as formações campestres, savânicas e florestais que compõem o Cerrado, segundo Ribeiro e Walter (2008).

Nas formações campestres, destacam-se três tipos de fitofisionomias. No Campo Limpo, a vegetação é composta predominantemente por gramíneas, não há árvores e a presença de arbustos é insignificante. No Campo Sujo, arbustos e subarbustos esparsos são entremeados por espécies herbáceas. No Campo Rupestre, que geralmente ocorre em altitudes acima de 900 metros, a predominância da vegetação também é herbácea-arbustiva. Entretanto, a presença de rochas e a baixa profundidade do solo intensificam o estresse hídrico no ambiente e geram a ocorrência de muitas espécies endêmicas desta fitofisionomia. Em todas as formações campestres, as gramíneas são presença marcante.

As formações savânicas englobam principalmente quatro tipos de fitofisionomias: Palmeiral, Vereda, Cerrado Sentido Restrito e Parque de Cerrado. O Palmeiral ocorre tanto em solos bem drenados quanto mal drenados e caracteriza-se pela presença dominante de uma palmeira alta. Essa fitofisionomia possui quatro subtipos: babaçual, com predomínio do babaçu (*Attalea speciosa*); buritizal, com dominância de buriti (*Mauritia flexuosa*); guerobal, onde domina a gueroba (*Syagrus oleracea*); e macaubal, onde há predomínio de macaúba (*Acrocomia aculeata*). A Vereda também conta com a presença dominante do buriti, mas ela se difere do palmeiral por ocorrer em campos úmidos onde o lençol freático

aflora, geralmente próximos a encostas de rios. No Cerrado Sentido Restrito, espécies do estrato arbóreo e herbáceo-arbustivo compõem a estrutura da vegetação, com pequenas árvores retorcidas e evidências de passagem do fogo. As árvores estão distribuídas aleatoriamente no campo, de forma que suas copas não se tocam e não criam um dossel (cobertura formada pela copa das árvores).

Conforme a estrutura das espécies do estrato arbóreo-arbustivo, é possível dividir o Cerrado Sentido Restrito em quatro subtipos: denso, típico, ralo e rupestre. Desses quatro subtipos, as espécies arbóreas predominam apenas no Cerrado Denso, onde podem chegar a representar 70% da cobertura vegetal. Nos subtipos Cerrado Típico, Cerrado Ralo e Cerrado Rupestre, a cobertura arbórea pode chegar até 50%, 20% e 20%, respectivamente. A diferença é que o Cerrado Rupestre, assim como o Campo Rupestre, é formado em terrenos de maiores altitudes, sobre rochas e solos rasos. No Parque de Cerrado, as árvores ficam concentradas em elevações do terreno, que podem ser quase imperceptíveis ou se destacar na paisagem formando os chamados *murundus*.

Nas formações florestais, há o predomínio de espécies arbóreas que formam um dossel contínuo. Mata Ciliar, Mata de Galeria e Mata Seca são fitofisionomias florestais que acontecem no Cerrado, mas não são vegetações

exclusivas deste bioma. Aqui vamos considerar apenas o Cerradão, formação florestal exclusiva do Cerrado que ocorre em terrenos bem drenados sem associação com cursos de água. No Cerradão, a altura média das árvores varia de 8 a 15 metros, proporcionando condições de luminosidade que favorecem a formação de um sub-bosque com pequenos arbustos e ervas. A composição de espécies desta vegetação é parecida com a do Cerrado Sentido Restrito, principalmente o Cerrado Denso e o Típico, mas, em função das características do solo, formam uma estrutura semelhante à das florestas.

A distribuição das plantas no Cerrado é determinada por fatores como: clima, fertilidade e acidez do solo, disponibilidade de água, geomorfologia e topografia, frequência de fogo, fatores antrópicos, e a complexa interação entre todos estes fatores. Esse conjunto de condições fez com que boa parte das espécies que ocorrem no Cerrado tenha sido naturalmente selecionada por apresentar características bastante peculiares. A biodiversidade do bioma impressiona não só pela quantidade de espécies encontradas, mas também pelo alto número de espécies endêmicas — isto é, que só ocorrem naturalmente ali, e em nenhum outro lugar do mundo. Para se ter uma ideia, mais de 1/3 das plantas nativas, 28% dos répteis e 17% dos anfíbios que ocorrem no Cerrado são exclusivos do bioma.

O CERRADO É UM HOTSPOT DE BIODIVERSIDADE

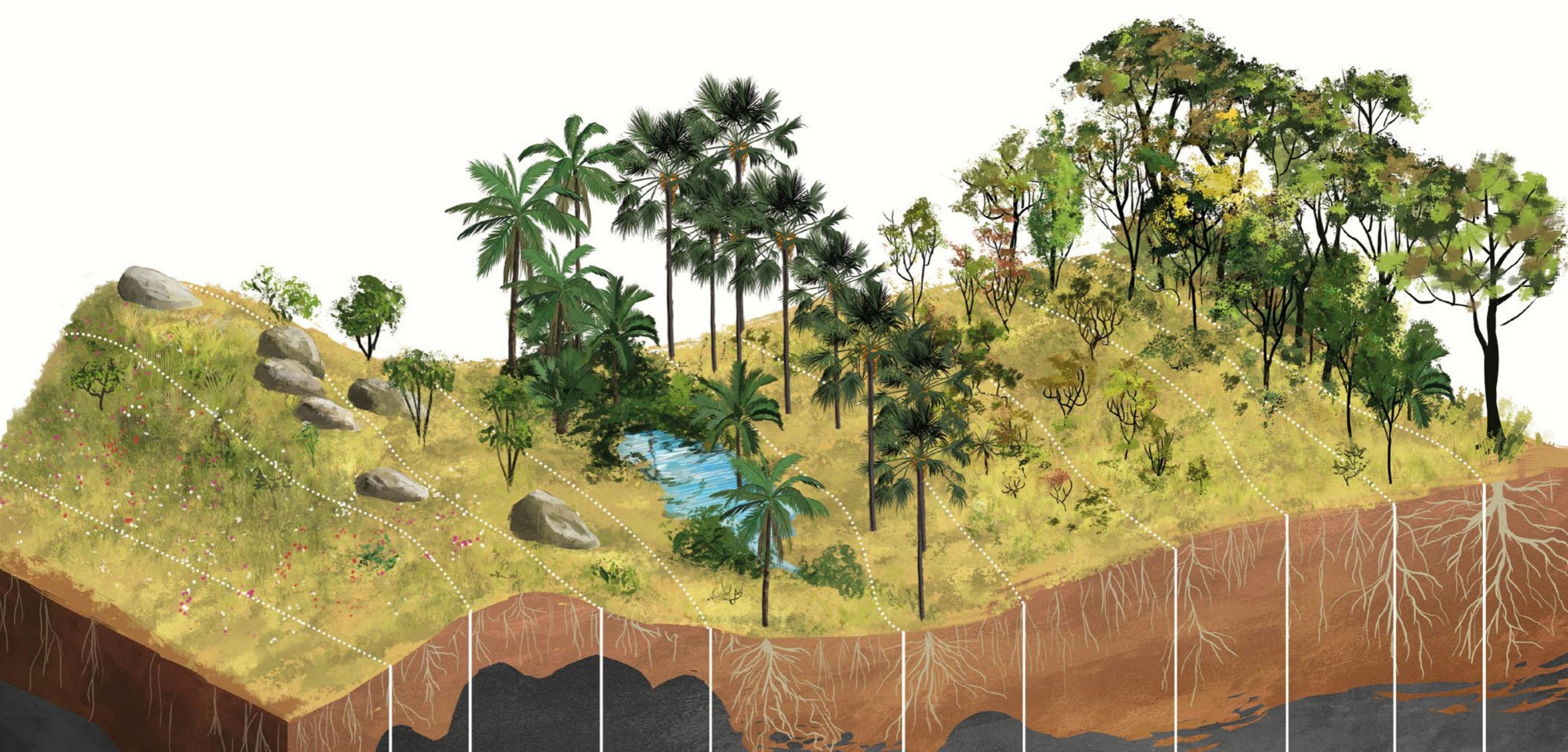
Hotspots são áreas naturais com elevada e exclusiva riqueza biológica, e que enfrentam alto grau de ameaças antrópicas. Essas características fazem desses ecossistemas áreas prioritárias de preservação e conservação da biodiversidade.

O conceito de hotspots foi desenvolvido em 1988 pelo ecologista britânico Norman Myers, que inicialmente classificou apenas dez regiões como hotspots globais. Uma série de revisões e atualizações feita pelo próprio Myers e outros pesquisadores ampliou o número de hotspots. Atualmente, 34 regiões do planeta Terra são consideradas prioritárias para proteger a biodiversidade. Ao todo, elas recobrem apenas 2,3% da superfície terrestre e abrigam 50% das espécies vegetais e 42% de todos os vertebrados conhecidos no planeta.

É importante destacar que, para uma área ser classificada como hotspot, ela deve abrigar no mínimo 1.500 espécies endêmicas e ser ameaçada por uma alta taxa de desmatamento em sua vegetação original. Segundo esses critérios, o Brasil possui dois hotspots: o Cerrado e a Mata Atlântica.

No Cerrado, a abundância de espécies endêmicas se destaca: das 12.076 espécies de plantas e vertebrados que nele se encontram, 4.689 são endêmicas. Quanto à extensão, o bioma já perdeu quase metade da sua vegetação nativa: entre 1985 e 2021, 26,6 milhões de hectares¹ de Cerrado foram desmatados.

¹ Após a publicação da primeira edição deste livro, o projeto MapBiomas Brasil lançou um relatório mais atualizado, englobando o período de 1985 até 2023. Considerando todo esse intervalo, foram 38 milhões de hectares desmatados — ou seja, em dois anos, mais 11,4 milhões de hectares de Cerrado foram devastados.



FITOFISIONOMIAS DO CERRADO

Formações campestras

Formações savânicas

Formação florestal

Campo Limpo

Campo Sujo

Campo Rupestre

Cerrado Rupestre

Vereda

Palmeiral

Parque do Cerrado

Cerrado Ralo

Cerrado Típico

Cerradão

Barbacenia delicatula é uma espécie endêmica de Minas Gerais e uma das plantas raras do Cerrado presentes no Jardim Botânico Inhotim.



EVOLUIR E RESISTIR

As condições ambientais são os principais fatores para a formação dos diferentes habitats na Terra e para a variedade de organismos distintos entre um local e outro. Uma vez que as plantas não se deslocam em grandes distâncias como os animais, elas precisam explorar os recursos disponíveis no lugar onde estão e resistir às intempéries que possam ocorrer ali. Em cada ambiente, as plantas apresentam atributos estruturais ou funcionais que lhes permitem sobreviver e se reproduzir. Essas adaptações resultam de evolução por seleção natural.

Ao longo de milhões de anos de evolução e resistência, a vegetação do Cerrado assumiu várias características adaptativas. Saiba mais sobre essas adaptações a seguir:

Sistema de reservas subterrâneo: uma das adaptações mais admiráveis não pode ser vista, já que acontece abaixo da terra. É que muitas espécies do Cerrado possuem um sistema de estruturas subterrâneas extraordinariamente desenvolvido. São xilopódios, caules rizóforos e raízes tuberosas que auxiliam na sobrevivência durante os longos períodos sem chuva — quando a parte aérea da planta pode secar completamente — e na resistência ao fogo, que, mesmo queimando completamente folhas e ramos, mantém mais ou menos intacta a parte subterrânea das plantas. Alguns desses sistemas possuem raízes muito longas e ramificadas que podem entrar muitos metros abaixo do solo para acessar as camadas mais úmidas e próximas do lençol freático.

Caules tortuosos: ao contrário do que acontece nas florestas, a competição pela luz não é tão intensa e decisiva para a sobrevivência das plantas nos campos e savanas. Assim, as árvores do Cerrado tendem a ter troncos não retílineos, com galhos direcionados para todos os lados formando copas bastante amplas e fustes baixos. Outra explicação para a tortuosidade dos troncos é o fogo, que pode causar a queima irreversível das gemas apicais (estruturas do caule responsáveis pelo crescimento vertical da planta), promovendo a brotação das gemas axiais (responsáveis pelo crescimento lateral da planta).

Caules suberosos: o súber espesso presente no tronco das árvores do Cerrado permite a sua sobrevivência às queimadas. Essa grossa camada de cortiça funciona como um isolante térmico que protege os tecidos internos e vivos da planta. Quando o fogo

avança, as partes externas do tronco são queimadas, mas as camadas internas conseguem manter temperaturas mais baixas.

Folhas grossas, duras e brilhantes: as folhas do Cerrado são mais grossas e duras, por causa da presença de uma cutícula espessa, formada por um composto de lipídios, que auxilia a planta a perder menos água para a atmosfera. Também é comum a presença de folhas muito brilhantes, que refletem os raios solares.

Folhas com estômatos na face abaxial (inferior): as plantas do Cerrado recebem grande incidência de luz na face superior das folhas, o que faz com que elas aumentem a transpiração. Ao apresentar estômatos apenas na face inferior das folhas, as plantas perdem menos água.

Pilosidade: várias plantas do Cerrado têm estruturas superficiais que se parecem com pelos. Esses tricomas têm várias funções: atuam na defesa da planta contra a herbivoria, diminuem a perda de água por transpiração e reduzem a incidência luminosa na planta.

Outras adaptações dizem respeito a implicações fisiológicas no metabolismo das plantas. Através do metabolismo C4, por exemplo, algumas gramíneas realizam a fixação de carbono com menor perda de água, favorecendo sua sobrevivência em condições de escassez hídrica. Já outras espécies apresentam mecanismos para contornar o excesso de alumínio existente no solo. O metal dificulta a absorção de nutrientes e em geral prejudica o desenvolvimento dos vegetais, mas algumas plantas do Cerrado conseguem absorver o alumínio e acumulá-lo nas folhas, sem que isso lhes cause toxicidade ou atrapalhe seu crescimento. Além disso, muitas plantas se tornaram dependentes do fogo para completar seus ciclos de vida, florescendo e germinando somente após a passagem dele.

O relógio biológico das plantas do Cerrado também se ajustou, aumentando as chances de perpetuação das espécies. Por exemplo, já reparou que os ipês florescem na estação seca? Nessa época, é comum que as árvores percam as folhas e assim economizem água, que evaporaria facilmente através das folhas durante a fotossíntese. A água economizada vai ajudar na difícil tarefa de produzir flores, frutos e sementes. Seguindo o ciclo reprodutivo, as sementes se dispersam nos meses seguintes e estarão prontas para germinar justamente no início do período de chuvas, quando terão água à disposição para crescer.

Agora que você entende um pouco mais sobre as características adaptativas das plantas, que tal observar com mais atenção a vegetação ao seu redor?



Caxinguelê (*Sciurus aestuans*) se alimenta dos coquinhos da palmeira *Syagrus coronata*, no Viveiro Educador do Inhotim.



O tronco do ipê-do-cerrado (*Handroanthus ochraceus*) é coberto por uma camada grossa de células mortas, o súber, que age como isolante térmico em caso de queimadas.

É FOGO!

Já deu para perceber que o fogo é uma presença importante no Cerrado. Ele condiciona a formação das paisagens e é essencial para a reprodução de algumas espécies vegetais. Uma série de fatores ajuda a entender por que há tantas queimadas no Cerrado. Como vimos, o clima no bioma tem duas estações bem definidas: verões chuvosos e invernos secos.

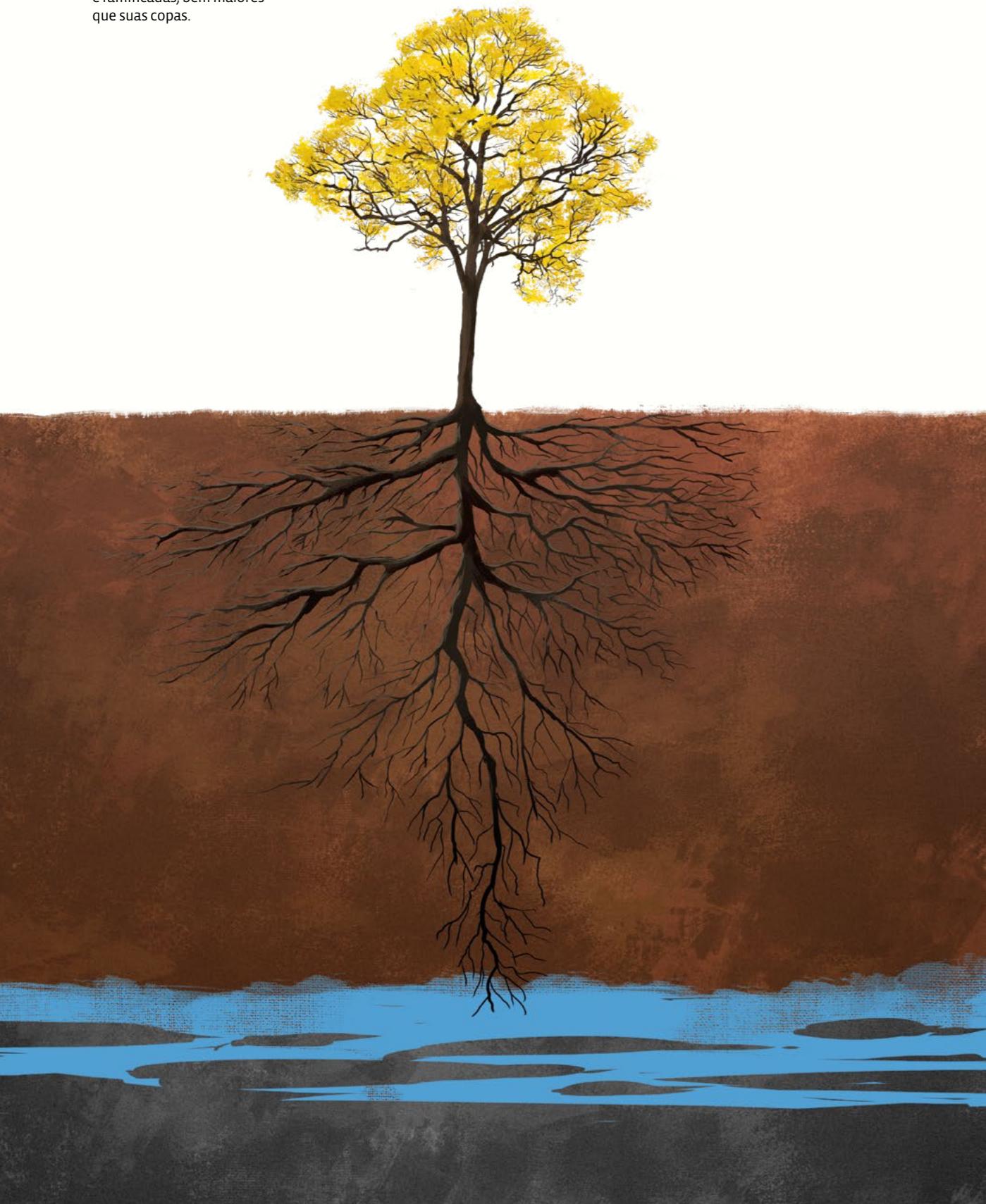
No verão, há a incidência de raios, que podem acontecer pouco antes de a chuva começar ou no estágio final da tempestade. As descargas elétricas são muito comuns no Brasil; em média 78 milhões de raios caem em território nacional todos os anos. Já na estação seca, a temperatura sobe, a umidade do ar cai e as plantas perdem as folhas, formando um acúmulo de biomassa seca sobre o solo. Essas condições contribuem para o surgimento e o avanço do fogo.

As queimadas geralmente são usadas como forma de renovar a pastagem em áreas de criação de gado ou outras atividades agrícolas. Elas também podem ocorrer accidentalmente, a partir da queda de balões ou do descuido ao dispensar uma ponta de cigarro. Mas é interessante notar que nem todo incêndio é provocado por ações antrópicas, afinal, o fogo já ocorria na natureza muito antes da existência humana. No Cerrado, outros fatores naturais, como a combustão espontânea, o atrito entre rochas e até o atrito do pelo de alguns animais com a vegetação seca podem desencadear incêndios.

Vale lembrar que a flora do Cerrado evoluiu junto com as queimadas naturais e, assim, ao longo dos milênios, adaptou-se a essa condição ambiental. Um exemplo é que o fogo contribui para a germinação de algumas espécies. A rápida elevação da temperatura causa fissuras em sementes impermeáveis, favorecendo a penetração de água e iniciando a germinação. Outras espécies rapidamente rebrotam e florescem após o fogo, transformando a paisagem cinza em um verdadeiro jardim. Esse jardim verde atrai animais herbívoros em busca de forragem nova ou até carnívoros em busca de insetos e répteis atingidos pelo fogo. Com o ressurgimento das flores, surge também um banquete de néctar e pólen para muitos insetos. A ação de polinizadores leva à produção de frutos e sementes que servem de alimento para muitos outros animais. E, assim, a fauna que tinha fugido do incêndio vai gradativamente retornando, atraída pela disponibilidade de alimento.

Contudo, nem sempre as queimadas são benéficas para o Cerrado. Incêndios em grandes proporções, com muita frequência ou que aconteçam em qualquer época do ano podem trazer consequências drásticas para o bioma. A depender da fase de desenvolvimento em que a planta esteja quando o fogo surgir, ele pode estimular sua reprodução ou provocar sua morte. Neste caso, em vez de ajudar, o fogo pode acarretar perda na biodiversidade e prejudicar a fauna e a flora do Cerrado. Por isso, é preciso ter cautela e estudar bem o ambiente antes de realizar o manejo do fogo.

Uma verdadeira floresta invertida. Muitas árvores do Cerrado têm raízes extremamente profundas e ramificadas, bem maiores que suas copas.



BERÇO DAS ÁGUAS

Até aqui, abordamos o Cerrado pela perspectiva de sua enorme biodiversidade, refletida na quantidade de espécies endêmicas adaptadas às suas diferentes fitofisionomias. Mas o bioma também tem importância significativa no que diz respeito ao equilíbrio hídrico da América do Sul. Se o Brasil é o país mais rico em água doce no mundo, o Cerrado, por sua vez, é a caixa-d'água do Brasil.

Por estar localizado na região central do país e ter uma geografia marcada por planaltos, o Cerrado abriga diversas nascentes e importantes áreas de recarga hídrica, que alimentam as principais bacias hidrográficas brasileiras e sul-americanas. Não é à toa que o Cerrado é conhecido como o berço das águas. Oito das doze principais regiões hidrográficas do Brasil têm nascentes no Cerrado: Amazônica (rios Xingu, Madeira e Trombetas); Tocantins-Araguaia (rios Araguaia e Tocantins); Atlântico Nordeste Oriental (Rio Itapecuru); Parnaíba (rios Parnaíba, Poti e Longá); São Francisco (rios São Francisco, Pará, Paraopeba, das Velhas, Jequitáí, Paracatu, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande); Atlântico Leste (rios Pardo e Jequitinhonha); Paraná (rios Paranaíba, Grande, Sucuriú, Verde e Pardo); e Paraguai (rios Cuiabá, São Lourenço, Taquari e Aquidauana). Para se ter ideia, a Bacia do São Francisco — que nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e escoa até o Oceano Atlântico, abastecendo áreas de grande necessidade no semiárido brasileiro — tem 94% de sua produção hídrica dependente das águas do Cerrado.

Além disso, no Cerrado estão três grandes reservatórios subterrâneos: os aquíferos Bambuí, Urucuia e Guarani. Suas rochas porosas e permeáveis conseguem armazenar água e são fundamentais para o fluxo dos rios. O Aquífero Bambuí, localizado no norte de Minas Gerais entre o Cerrado e a Caatinga, ocupa uma área de 180 mil quilômetros quadrados e está inserido dentro da bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Já o Urucuia, que está totalmente dentro do Cerrado, se estende por toda a região oeste da Bahia e possui fragmentos em Tocantins, Goiás, Piauí, Maranhão e no noroeste de Minas Gerais, abrangendo uma área de 120 mil quilômetros quadrados. Por fim, o Guarani, com aproximadamente 1,2 milhão de quilômetros quadrados, é o maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo e tem metade de sua área contida no Cerrado.

No Planalto Central, mais precisamente em Planaltina (DF), está localizada a Estação Ecológica de Águas Emendadas, uma unidade de proteção integral da natureza que abriga uma Vereda com quase 6 quilômetros de extensão, de onde nascem cursos de água que abastecem as bacias do Tocantins e do Paraná. É também no Cerrado que estão

as nascentes dos rios que formam o Pantanal, bioma que tem o fluxo hidrológico como elemento crucial para sua função ecossistêmica, possibilitando espaços de reprodução e aquisição de alimentos para a biodiversidade local.

O ciclo hidrológico do Cerrado inclui diferentes processos como evaporação, transpiração, precipitação, escoamento superficial, infiltração e escoamento subterrâneo. A água dos oceanos e corpos-d'água evapora, formando nuvens que, em certas condições, precipitam em forma de chuva ou granizo. Ao atingir o solo, a água pode escoar superficialmente ou infiltrar na terra. Os solos existentes no Cerrado, bastante porosos e permeáveis, favorecem a infiltração da água precipitada e, por consequência, o potencial de recarga hídrica do bioma. Eles funcionam como uma verdadeira esponja absorvedora de água. A água que infiltra no solo das chapadas alimenta tanto o lençol de água quanto as fontes e nascentes dos rios e as Veredas.

A cobertura vegetal tem um importante papel para a infiltração da água no solo. A vegetação protege as camadas superficiais da terra do impacto das gotas da chuva, evita a erosão e o encrostamento, e aumenta a macroporosidade do solo, ampliando a capacidade de absorção de água. Além disso, a vegetação do Cerrado tem pouca biomassa aérea e extrai pouca água do solo, em comparação com as florestas. Assim sendo, a manutenção dos serviços ecossistêmicos de produção de água proporcionados pelo Cerrado depende intrinsecamente da existência e da preservação de extensas áreas de vegetação nativa.

O Cerrado fornece água para todas as regiões brasileiras, sendo considerado recurso

fundamental para o abastecimento das cidades e de importantes setores da economia. Além disso, tendo em vista que as hidrelétricas são responsáveis por 75% da matriz energética do Brasil, as águas do Cerrado têm extrema relevância para a produção de energia no país. É nesse bioma que nascem os rios Paraná, São Francisco e Tocantins, onde estão localizadas as grandes usinas hidrelétricas brasileiras.

O Cerrado concentra 60% da produção agrícola anual brasileira. Por conseguinte, é no bioma onde há a maior concentração de sistema de irrigação por pivôs centrais do Brasil. Eles estão localizados, principalmente, no oeste de Minas Gerais, no sudeste de Goiás, no Distrito Federal e no oeste da Bahia. Estão no Cerrado os três municípios com a maior concentração de pivôs no país, que são Unaí (MG), Paracatu (MG) e Cristalina (GO). Juntos, eles possuem 2.558 pivôs, ocupando uma área de aproximadamente 191 mil hectares (ISPN, 2020). A agropecuária, principalmente a de larga escala, é responsável pela utilização de quase 70% dos recursos hídricos do país, e tecnologias como a dos pivôs centrais são as que mais demandam água, assim como as que mais desperdiçam.

As águas do Cerrado também são importantes fontes de lazer, recreação e turismo, trazendo mais qualidade de vida para as pessoas e gerando recursos para as localidades turísticas. Da simples contemplação da paisagem até a prática de esportes aquáticos, passando por banhos, passeios e pesca, as atrações disponíveis nos diversos rios, riachos, lagos, corredeiras e cachoeiras do Cerrado são inúmeras.

A buritirana (*Mauritiella armata*) é uma espécie que ocorre em terras úmidas, como margens de rios e Veredas.



Fruto da copaíba
(*Copaifera langsdorffii*).
Com características
antibióticas, anti-inflamatórias
e antissépticas, a espécie
é muito utilizada para
fins medicinais.



POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO CERRADO

A ocupação humana no Cerrado é muito anterior à chegada dos portugueses ao Brasil. Várias evidências mostram que populações humanas ocuparam a região central do país há mais de 10 mil anos. Basta lembrar que o fóssil humano mais antigo das Américas, Luzia, foi encontrado em uma gruta em Pedro Leopoldo (MG), e data de 11 mil anos atrás. O que fica claro é que a diversidade do Cerrado extrapola a abundância de espécies de fauna e flora. Ela se expressa também nas diferentes culturas que o bioma abriga.

Além dos povos originários, populações quilombolas e campesinas também se territorializaram no bioma e construíram modos de vida conectados com a natureza local. Em sua colaboração para o livro *Farmacopéia Popular do Cerrado* (2009, p. 29), o antropólogo e professor doutor Ricardo Ferreira Ribeiro resume a história de séculos de ocupação do Cerrado, destacando a profunda sincronia dos povos com os recursos naturais do bioma:

Coletando frutos e palmitos, caçando e pescando, os primeiros moradores aprenderam a retirar do Cerrado o que era necessário para sua existência. Por volta de dois mil anos antes de Cristo, esses Povos do Cerrado já viviam também de suas roças, plantavam milho e amendoim, fabricavam vasilhas de barro, produziam tecidos, esteiras e cordas de embira. Dessa forma, esses povos desenvolveram um modo de vida diferente daquele dos moradores dos mangues e matas do litoral, da Floresta Amazônica, dos campos frios do Sul, ou das altitudes dos Andes. Os portugueses, quando chegaram ao Brasil, encontraram os Tupis do litoral, que eram inimigos dos Tapuias, os índios de língua Jê, descendentes daqueles antigos moradores do Cerrado.

No começo da colonização, a região central do Brasil não foi muito explorada, devido à dificuldade de acesso e ao Tratado de Tordesilhas, que limitava a expansão portuguesa para o oeste. A partir do século 17, a busca por trabalho escravo, ouro e outras riquezas fez com que o Brasil Central começasse a ser mais explorado, principalmente nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Os bandeirantes paulistas foram os primeiros a ter contato com os povos originários do Cerrado. Esses povos não aceitaram o cativeiro e a invasão do seu território, e travaram um longo movimento de resistência. Suas grandes aldeias foram

adentrando o Brasil para fugir dos ataques dos inimigos e das doenças que eles traziam.

Ao mesmo tempo que aprenderam com os indígenas como viver da caça, da pesca, da coleta de frutos, do mel, das plantas medicinais e de tantos outros recursos naturais do Cerrado, os bandeirantes trouxeram novidades para esses sertões: o gado e o garimpo de ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Os bandeirantes construíram fazendas e multiplicaram as cabeças de gado, que viviam livres pelos campos e cresciam quase selvagens, rendendo carne, couro e sebo para abastecer as vilas de mineração que surgiam. As vilas foram aumentando a população no Cerrado, especialmente com a chegada dos escravizados trazidos da África para garimpar em terras brasileiras. Os negros escravizados fugitivos fundaram quilombos a longas distâncias das fazendas, onde o poder das autoridades coloniais não os alcançava. O interior do Brasil também deu guarida a pessoas que, por diferentes motivos, resolveram se estabelecer em áreas mais remotas do país. Com uma vida diferente daquela das cidades do litoral, uma sociedade sertaneja foi se formando no Cerrado.

No século 19, as distâncias entre o litoral e os sertões foram encurtadas pelos barcos a vapor, pelas ferrovias e pelas linhas de telégrafo que adentraram o Cerrado. Nessa época, surgiram as primeiras fábricas de tecidos, que contribuíram para que o algodão se estabelecesse como uma lavoura comercial. Já no início do século 20, produtos do Cerrado, como a borracha de mangabeira e de maniçoba, eram enviados para exportação através do Rio São Francisco. Nessa mesma época, o gado zebuino foi trazido da Índia para aumentar a produção de carne para exportação. Junto com ele, um novo modelo de criação foi instaurado no Cerrado: o gado não era mais criado às soltas nos campos gerais, e uma cerca de arame farpado passou a demarcar as pastagens.

Assim, só quem tinha condições de medir e cercar as terras — ou seja, os grandes fazendeiros — garantia seu terreno.

Mas a grande transformação veio na década de 1950, com a construção de Brasília e as estradas que se abriram para ligar a nova capital aos quatro cantos do país. A partir daí, aumentou vertiginosamente a ocupação humana do Cerrado e, consequentemente, a degradação ambiental. Nas décadas seguintes, a modernização da agricultura fez do bioma uma nova e promissora fronteira agrícola no Brasil. Baseado no monocultivo, o agronegócio foi responsável por expulsar as comunidades tradicionais do campo e promover uma acelerada perda da biodiversidade natural e cultural do Cerrado.

Os povos e comunidades tradicionais do Cerrado tiravam e ainda tiram seu sustento, principalmente, da agricultura familiar, do artesanato e do extrativismo. Eles detêm um conhecimento profundo da natureza, que é repassado oralmente de geração para geração e se reflete nas estratégias de uso e manejo dos recursos naturais. Esses grupos vivem em simbiose com a natureza, os ciclos e recursos naturais, a partir dos quais constroem seus modos de vida (Ribeiro, 2005).

O uso de tecnologias de baixo impacto sobre o meio ambiente, o manejo sustentável dos recursos e uma ligação espiritual com a natureza — demonstrada em simbologias, mitos e rituais associados às atividades que desempenham — são características que fazem dos povos e comunidades tradicionais os verdadeiros guardiões do Cerrado (Aguiar; Lopes, 2020). Infelizmente, muitos desses grupos têm testemunhado a devastação do bioma que os rodeia, tornando-se praticamente ilhas de áreas conservadas. Geralmente, os grupos habitam determinado local por várias gerações e se autoidentificam como uma cultura distinta.

O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os define como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Decreto nº 6.040, art. 3º, § 1º). A Política se soma a outros ordenamentos jurídicos que garantem os direitos dos povos tradicionais. Pela Constituição de 1988 e pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (2004), da qual o Brasil é signatário, as comunidades tradicionais têm assegurado o direito à autoidentificação e ao território, e devem ser consultadas sobre projetos que as impactem. A lei estadual nº 21.147 foi sancionada em 2014 com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais de Minas Gerais. Ela reconhece a autoafirmação identitária dessas populações e orienta a regularização fundiária dos seus territórios.

Embora diferentes instrumentos legais tenham sido criados pelos governos federal e estaduais — como os Projetos de Desenvolvimento Sustentável e os Projetos Agroextrativistas criados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra); as unidades de conservação que regulam o uso do território pelas comunidades; e os Termos de Autorização de Uso Sustentável —, o aparato jurídico disponível ainda é frágil, e as comunidades tradicionais enfrentam cada vez mais ameaças. Garantir a permanência desses povos em seus territórios é conservar o Cerrado, suas riquezas e os serviços que prestam à sociedade.

POVOS DO CERRADO MINEIRO



De sabor e aroma inconfundíveis, o pequi (*Caryocar brasiliense*) é um dos símbolos do Cerrado.

Minas Gerais é o quarto maior estado brasileiro em extensão territorial. E 57% dos seus 586.522,12 quilômetros quadrados são ocupados pelo Cerrado. Nessas terras, há várias comunidades e povos tradicionais. Além de indígenas, quilombolas e geraizeiros, existem raizeiras, apanhadoras de sempre-vivas, veredeiros, comunidades de fundo e fecho de pasto, vazanteiros e muitos outros grupos que compõem a socio-biodiversidade do Cerrado mineiro. Esses grupos habitam determinado território por várias gerações e possuem culturas específicas. Apesar de diferentes entre si, têm em comum uma profunda sintonia com os ecossistemas. São pessoas que têm seus modos de vida intrinsecamente relacionados com o bioma, que conservam a biodiversidade e que vivem porque o Cerrado vive.

INDÍGENAS

Diversidade é a característica principal dos povos originários do Brasil, não existindo uma cultura única que defina as mais de 300 etnias mapadas no país. Os modos de vida podem variar bastante de um povo para outro e de uma aldeia para outra, mas os povos indígenas têm em comum o profundo respeito e senso de pertencimento para com os territórios onde vivem.

Herdeiros de saberes ancestrais, os povos indígenas utilizam os recursos naturais sem colocar em risco os ecossistemas. Em suas práticas de caça, pesca, extrativismo, agricultura, criação de animais e produção de artesanato, combinam técnicas e manejos sustentáveis, sendo verdadeiros guardiões da biodiversidade.

Em Minas Gerais, cerca de 20 etnias pertencentes aos troncos linguísticos Macro-Jê e Guarani ocupam territórios de norte a sul do estado. Aranã, Kaxixó, Krenak, Maxakali e Xakriabá são alguns exemplos de povos indígenas que habitam o Cerrado mineiro e resistem para que seus modos de vida continuem a existir.

Para saber mais sobre os povos de Minas Gerais, visite o site do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes): www.cedefes.org.br.

QUILOMBOLAS

A palavra *quilombo* vem do idioma quimbundo e quer dizer “sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades”. Fruto da resistência ao modelo escravista que perdurou no Brasil por mais de 300 anos, as comunidades quilombolas são predominantemente negras, com cultura de raiz africana e sistemas produtivos voltados sobretudo para a sobrevivência de seus membros. Esses grupos étnicos se autodefinem a partir das relações que mantêm com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, suas tradições e suas práticas culturais próprias.

Abandonadas pelo Estado brasileiro após a abolição, pessoas libertas e seus descendentes foram se organizando como podiam, pacificamente, em espaços não ocupados ou doados. Muitas comunidades se estabeleceram no Cerrado, onde ainda hoje milhares de grupos lutam pela efetivação dos seus direitos identitários, culturais e territoriais, tal qual definido pela Constituição.

Minas Gerais é um dos estados brasileiros que mais utilizaram mão de obra escravizada, seja para o trabalho nas minas de ouro ou na produção agrícola. Durante quase todo o século 19, o estado deteve a maior população escravizada do Brasil. Por isso, hoje está entre os estados com maior número de comunidades quilombolas, ao lado da Bahia e do Maranhão. Mais adiante nesta publicação, vamos falar sobre a Comunidade de Pontinha, que habita em áreas do Cerrado no município de Paraopeba. Em Brumadinho, próximo ao Inhotim, comunidades como Sapé, Marinhos, Rodrigues e Ribeirão mantêm vivas as tradições e os modos de viver quilombolas. Estas são só algumas das mais de mil comunidades quilombolas identificadas na Relação das Comunidades Negras Quilombolas em Minas Gerais, documento constantemente atualizado pelo Cedefes.

Saiba mais sobre as comunidades quilombolas do Brasil no site da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq): www.conaq.org.br.

CIÊNCIA E TRADIÇÃO DE MÃOS DADAS EM PONTINHA

Na comunidade quilombola de Pontinha, em Paraopeba, na região central de Minas Gerais, a maior parte dos homens e mulheres tira seu sustento da extração de minhocuçu. Essa minhoca gigante pertence à espécie *Rhinodrilus alatus* e é endêmica do Cerrado mineiro. Há décadas é utilizada como isca para pesca em vários estados do Brasil.

Apesar de a atividade ser popular, a legislação considera crime a extração, o comércio, o transporte ou o uso do minhocuçu sem autorização dos órgãos ambientais. Isso porque até 2010 a espécie era considerada ameaçada de extinção. A extração de minhocuçu também gerou conflitos com proprietários de terras na região, muitas vezes envolvendo a polícia e outros órgãos de controle e fiscalização.

Pensando em promover o uso sustentável do minhocuçu e minimizar os conflitos existentes, em 2004 foi criado o Projeto Minhocuçu, que reuniu diferentes setores da sociedade e propôs acordos coletivos sobre o período de extração dos animais, os locais de coleta e as técnicas utilizadas. As orientações foram seguidas, e os conflitos diminuíram consideravelmente na região.

Uma das estratégias propostas foi não extrair minhocuçu durante seu período reprodutivo. Mas como a comunidade iria se sustentar nesse intervalo? A solução veio com a constatação de que o período de reprodução de minhocuçu coincide com a frutificação do pequi (Caryocar brasiliense), árvore-símbolo de Minas Gerais, que é típica do Cerrado e tem grande valor cultural e socioeconômico. Daí nasceu o Projeto Pequi, que desde 2013 vem desenvolvendo uma série de ações para apoiar o uso sustentável dos frutos do Cerrado como alternativa de geração de renda para a comunidade de Pontinha. Hoje, os produtos oriundos do projeto — doces, cremes, farofa e castanhas deliciosas — são comercializados em feiras e eventos regionais, sob a marca registrada de “Pontinha de Sabor”.

Ao longo de quase 20 anos, a colaboração entre a universidade e a comunidade de Pontinha resultou em inúmeros aprendizados e benefícios mútuos. A comunidade acolheu os conhecimentos trazidos pelas pesquisas acadêmicas, da mesma forma que a universidade e as demais instituições aprenderam sobre as minhocas, o pequi e o Cerrado com os povos que vivem na região.

A abertura ao diálogo e a participação de todos na busca por soluções foram fundamentais para alcançar resultados duradouros. Assim como esses projetos, outras iniciativas podem ser realizadas entre agentes da vizinhança, de modo a esclarecer equívocos, mediar conflitos e encontrar soluções positivas que estejam em harmonia com a defesa do meio ambiente.

GERAIZEIROS

No norte de Minas Gerais e sul da Bahia — onde o termo *Gerais* é usado para designar os planaltos, encostas e vales das regiões de Cerrado —, comunidades campesinas vivem do cultivo de lavouras diversas, da criação de animais e do extrativismo. São os geraizeiros, populações tradicionais do Cerrado que se adaptaram com sabedoria às características do bioma e às suas possibilidades de produção.

O modo de vida dos geraizeiros compõe-se a partir de influências indígenas, afrodescendentes e portuguesas, tendo o uso comum da terra como característica fundamental. Em geral, essas agricultoras e agricultores vivem sobre a mesma terra que seus pais e avós, de onde tiram tudo o que é necessário para sobreviver. Os animais são criados à solta, obedecendo a uma lógica secular que reconhece a capacidade da natureza de alimentar os seus rebanhos. A subsistência familiar e comunitária é obtida por meio do plantio de lavouras diversas, como milho, feijão, mandioca, frutas e verduras. E os produtos excedentes são comercializados em feiras e mercados de comunidades vizinhas.

O avanço das monoculturas de eucalipto desde a década de 1970 ocasionou expropriações, grilagem de terra e muitos impactos ambientais que afetam diretamente essas comunidades tradicionais. Desde então, os geraizeiros enfrentaram sucessivas expulsões e apropriações de seu território, e ainda hoje vivem sob grave insegurança jurídica. Lutam pela conquista de seus direitos assegurados por lei e resistem em defesa da própria existência e de um modo de vida que respeita a natureza e seus ciclos.

VEREDEIROS

Localizados na junção entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás, os veredeiros vivem nas Veredas e chapadas próximas a cursos de água há pelo menos um século. Ali cultivam lavouras, criam animais à solta e coletam frutos típicos do Cerrado, extraíndo do bioma os subsídios imprescindíveis à sua subsistência.

As comunidades veredeiras caracterizam-se por um sistema de produção agroextrativista, com plantio rotativo no solo úmido das Veredas, extrativismo e criação de gado à solta. Na época de chuva, deixam o gado se movimentar livremente pelas chapadas; já na seca, aproveitam os campos ainda úmidos do entorno da Vereda. É também nas proximidades das Veredas que geralmente assentam suas casas, de modo a se beneficiarem do microclima mais fresco e úmido proporcionado pelo ecossistema.

Ainda que dispersos em territórios ao longo dos cursos de água, os veredeiros se organizam em agrupamentos ligados pelo sentimento de localidade, por laços de parentesco, pelo trabalho e manejo da terra, por trocas de sementes crioulas e pelas relações recíprocas. Vão fortalecendo, assim, uma identidade veredeira intimamente conectada ao território, ao passo que desenvolvem estratégias comunitárias para manutenção dos seus modos de vida e conservação da agrobiodiversidade do Cerrado. Os veredeiros também têm se organizado politicamente: a Associação Central das Comunidades Veredeiras (ACEVER) foi criada em 2019 para fazer valer seus direitos enquanto povos tradicionais.

Assim como outros povos e comunidades tradicionais, os veredeiros enfrentam conflitos relacionados ao acesso à terra e aos recursos naturais. Some-se a isso a degradação das microbacias em razão da implantação de monoculturas de eucalipto, do desmatamento desenfreado, da produção de carvão, das queimadas intensivas e do assoreamento e aterramento das Veredas.

Vale salientar que as Veredas têm papel fundamental para a manutenção da vida no semiárido, pois são parte de uma rede hidrográfica que se estende por todo o território nacional e para além dele. Assim, o reconhecimento dos saberes e dos direitos dos veredeiros é um passo importante na luta contra a degradação das Veredas.

VAZANTEIROS

As comunidades vazanteiras são formadas por homens e mulheres que ocupam, sobretudo, as margens do Rio São Francisco e seus afluentes. O Velho Chico, que nasce em Minas Gerais e corta o país até chegar ao mar pelo estado de Alagoas, é considerado uma das principais fontes de desenvolvimento do país, principalmente em função de sua importância para a agricultura.

Os vazanteiros vivem e trabalham nas áreas inundáveis do São Francisco há mais de 400 anos. Eles trazem consigo raízes indígenas e negras, além de receberem bastante influência da vida ribeirinha. Na Carta-Manifesto das Mulheres e Homens Vazanteiros (2006), assim se definem: “Chamam-nos de vazanteiros porque a nossa agricultura está associada aos ciclos de enchente, cheia, vazante e seca do Rio São Francisco. Somos um povo que vive em suas ilhas e barrancas, manejando suas ‘terras crescentes’, tirando o sustento da pesca, da agricultura, do extrativismo e da criação de animais”.

Essas comunidades possuem um modo de vida próprio e se distribuem pelo território segundo os ciclos naturais das águas, procurando manter o acesso a terras fertilizadas por matéria orgânica em margens e ilhas. As terras baixas, chamadas de baixões, são os locais onde a terra é mais fértil e úmida. É lá que constroem assentamentos e cultivam legumes, verduras, frutas e pasto. Além disso, as vazantes

e os brejos, com seus buritizais e babaçuais, garantem o sustento dos extrativistas que também compõem as comunidades. O saber-fazer dos vazanteiros é aliado à conservação do ambiente, uma vez que eles são parte do lugar e vivem do ofício de manejar a natureza, tirando dela o alimento, o remédio, o sustento e a inspiração para a contínua preservação dos seus modos de vida.

Nas últimas décadas, a construção de reservatórios para usinas hidrelétricas ao longo da Bacia do Rio São Francisco vem, sistematicamente, reduzindo e destruindo as áreas de vazantes e causando profundas alterações na organização e no modo de vida dos vazanteiros. Na mesma carta-manifesto, eles afirmam: “Nós somos como o rio, nós somos do rio, sofremos com ele quando suas nascentes secam, seu leito se enche de areia, suas águas diminuem, perdem força, são represadas, poluídas, degradadas”. Por tudo isso, as comunidades têm resistido ao avanço do agronegócio e lutam para ser reconhecidas. Assim visam garantir o direito à terra, à água e ao uso de seus territórios.

O Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM) é uma organização de agricultores e agricultoras familiares do norte de Minas Gerais composta por representantes de diversos povos e comunidades tradicionais.

Acesse o site abaixo para saber mais sobre geraizeiros, veredeiros e vazanteiros: www.caa.org.br.

RAIZEIRAS

A medicina popular tradicional se expressa por meio de diferentes ofícios de cura, que resultam da aliança das medicinas dos povos indígenas brasileiros, dos povos africanos e dos colonizadores portugueses que chegaram ao Brasil. Raizeiras e raizeiros do Cerrado são reconhecidos em suas comunidades por cuidar da saúde por meio de recursos naturais e da espiritualidade.

Esses guardiões da medicina popular detêm conhecimentos ancestrais sobre o uso sustentável das plantas e são especialistas em caracterizar os ambientes do Cerrado, identificar suas plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta e preparar e indicar remédios caseiros de modo a tratar doenças. Em sua grande maioria compostos por mulheres, esses grupos estão presentes em comunidades dos estados de Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, Bahia e Minas Gerais.

Através das experiências adquiridas e transmitidas entre gerações e do manejo primoroso de mais de 300 espécies de plantas, a biodiversidade do Cerrado se transforma em medicamentos para as famílias. As raizeiras utilizam raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas e outros diversos recursos naturais para produzir remédios caseiros que são vendidos a baixo custo ou doados gratuitamente. Os atendimentos de saúde realizados pelas raizeiras geralmente ocorrem no próprio domicílio em que residem.

Além de tecer uma rede solidária de atendimento à saúde nas comunidades locais, as raizeiras também produzem conhecimento enquanto pesquisam as plantas e os métodos de sua medicina. O trabalho desses povos deu origem a uma farmacopeia popular do Cerrado — patrimônio imaterial brasileiro em processo de registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A Articulação Pacari reúne pessoas e organizações comunitárias que trabalham com medicina popular no Cerrado. A rede realiza o registro coletivo dos conhecimentos tradicionais para sua proteção e transmissão, além de promover a elaboração de instrumentos políticos que assegurem o direito de praticar a medicina tradicional e fazer o uso sustentável da biodiversidade de seus territórios. Entre as publicações organizadas pela Articulação, destacam-se a *Farmacopéia Popular do Cerrado* (2009) e o *Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado* (2014), ambos disponíveis on-line.

APANHADORAS DE SEMPRE-VIVAS

Em Minas Gerais, dezenas de comunidades rurais que habitam na região de Diamantina, na porção sul da Serra do Espinhaço, sobrevivem da coleta de sempre-vivas. Estas plantas, após colhidas e secas, conservam sua forma e coloração e podem ser vendidas *in natura* ou como matéria-prima para artesanatos e arranjos florais.

A atividade de coleta das flores tem forte protagonismo das mulheres e não possui apenas importância econômica para as famílias da região. Associada ao cultivo das roças e à criação de raças caipiras de animais, a prática agrícola compõe uma identidade cultural que é repassada de geração a geração. Na época de colheita, as apanhadoras sobem aos campos e lá permanecem em moradias temporárias. Depois de colhidas, as flores são transportadas até as casas na comunidade, secas ao sol e armazenadas para a comercialização.

Para as apanhadoras de sempre-vivas, a ida aos campos configura sentidos que vão além do trabalho e da economia. Ali ocorrem encontros entre as comunidades, interações e enlaces importantes, num ritual que nutre o senso de pertencimento a uma identidade coletiva.

Organizadas por meio da Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas Apanhadoras de Flores Sempre-vivas (Codecex), as apanhadoras de sempre-vivas lutam pelo reconhecimento de suas práticas e pelo direito de uso dos recursos dos quais dependem para manter seu modo de

vida. O manejo tradicional das sempre-vivas inclui deixar boa parte das plantas nos campos, permitindo a emissão de sementes para reprodução natural; e a devolução, aos campos nativos, das sementes que caem no piso das casas após a arrumação das flores para transporte e comercialização. Essas práticas visam, sobretudo, à manutenção da diversidade genética das populações e à conservação dessas espécies de flores.

Em 2020, o arranjo produtivo único das apanhadoras de sempre-vivas foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (ONU/FAO) com o selo de Sistema de Patrimônio Agrícola de Importância Global. O título, que é um reconhecimento a grupos tradicionais que preservam técnicas seculares de manejo da terra e desenvolvem em seu território uma relação sustentável com a natureza, foi o primeiro do tipo recebido pelo Brasil.

Conservar o Cerrado também passa por garantir os direitos dos povos e comunidades tradicionais. Para defender seus modos de vida, a soberania de seus territórios e o acesso à terra, indígenas, quilombolas, camponeses e diversas comunidades tradicionais têm somado suas lutas. Partindo do entendimento de que o ser humano faz parte do meio ambiente e deve contribuir para a sustentabilidade do ecossistema, várias organizações não governamentais e associações sociais têm lutado pelos direitos dos povos tradicionais do Brasil.

Actinocephalus polyanthus é uma das espécies de sempre-vivas “apanhadas” pelas comunidades tradicionais.

A espécie tem grande importância ecológica, pois oferece proteção e alimento para muitos animais nos ambientes em que ocorre.



Folha de *Thaumatophyllum bipinnatifidum*, espécie nativa da família das aráceas e muito utilizada no paisagismo.



CERRADO AMEAÇADO

Apesar da inegável importância do Cerrado para o equilíbrio ecossistêmico do Brasil e da América do Sul, o bioma está gravemente ameaçado.² Quase metade de sua área natural já foi destruída. Com 46,3%³ de sua área convertida em plantações, pastagens, estradas, hidrelétricas e cidades, o Cerrado é o segundo bioma brasileiro mais alterado pela ocupação humana.

O modelo de agronegócio sustentado pelo discurso desenvolvimentista foi responsável pela supressão de grandes extensões de vegetação original do Cerrado nos últimos 50 anos. O bioma projetado para ser o celeiro mundial de alimentos transformou-se em campo de testes para a agricultura em larga escala. Como resultado, esse modelo gerou impactos socioambientais irreparáveis.

Tão cobiçado para cultivos agrícolas, o Cerrado foi negligenciado pela legislação. A Constituição de 1988 ignorou o bioma enquanto patrimônio natural do Brasil; e o Novo Código Florestal, de 2012, ao mesmo tempo que estabeleceu que as propriedades de Cerrado na região da Amazônia Legal precisavam preservar 35% de área vegetada, determinou um percentual de apenas 20% para as demais regiões de Cerrado. Posteriormente, algumas leis estaduais foram criadas para proteger o bioma. Em Minas Gerais, por exemplo, existem leis que imunizam o ipê-amarelo e o pequizeiro de corte. Mas elas ainda são insuficientes para conter os perigos que ameaçam o bioma.

O principal problema é a perda de vegetação natural, que ocorre principalmente para a conversão em áreas de agropecuária. Hoje, a monocultura de soja ocupa 10% do Cerrado brasileiro. E o monocultivo implica atividades pouco sustentáveis para o meio ambiente, como a superexploração dos recursos naturais e o uso de agrotóxicos, além de provocar a diminuição da resiliência do ecossistema.

A perda de vegetação nativa implica perda de biodiversidade, problema que se mostra ainda mais grave se considerarmos o alto grau de endemismo entre as espécies do Cerrado. Segundo a pesquisa *Contas de Ecossistemas: Espécies ameaçadas de extinção*, publicada pelo

² Na revisão dos dados para a publicação da 2ª edição deste livro, observamos que alguns dados relativos ao risco de extinção de espécies e ao desmatamento do Cerrado foram atualizados. Para efeito de comparação e alerta acerca do avanço das ameaças sobre o bioma, acrescentamos notas ao longo do texto.

³ O último relatório do MapBiomas (2024) mostra que a conversão de áreas naturais de Cerrado aumentou para 48,3% em 2023.

IBGE em 2020, 1.061 espécies⁴ estão em risco de extinção no bioma — sem contar aquelas que podem ser extintas antes mesmo de conhecermos suas funções nos ecossistemas, suas propriedades e seus potenciais. Mesmo considerando o crescimento exponencial no número de pesquisas acadêmicas sobre o Cerrado nos últimos 20 anos, o bioma ainda é pouco estudado quando comparado às florestas tropicais. Sua complexidade de formações vegetais e geológicas e sua grande biodiversidade não são amplamente conhecidas. Assim, espécies podem desaparecer sem ao menos serem catalogadas pela ciência.

A velocidade de destruição das áreas naturais é impressionante. O *Relatório Anual do Desmatamento do Brasil*, publicado pelo MapBiomas em 2023, mostra que o Cerrado perdeu 57,1 hectares de vegetação nativa por hora em 2021. No total, foram 500.537 hectares de áreas naturais do Cerrado desmatados, o que representa quase 1/3 de toda a área desmatada no Brasil em 2021.⁵ A perda de vegetação também traz impactos negativos para o solo — como mais erosão, compactação e lixiviação — e interfere no ciclo das águas.

Outro problema causado pelo desmatamento é a fragmentação das paisagens, que traz graves implicações para o equilíbrio ambiental e os serviços ecossistêmicos. Com pouca conectividade entre os trechos de vegetação nativa, as reservas ficam mais suscetíveis a alterações causadas por mudanças climáticas, extrativismo ilegal e fogo descontrolado. Além disso, o isolamento entre os fragmentos limita a dispersão de sementes e a troca de genes, diminuindo ainda mais a resiliência das

populações de seres vivos. Uma alternativa para minimizar os efeitos da fragmentação dos habitats naturais é a criação de corredores ecológicos que possibilitem o trânsito da fauna e a troca de recursos entre fragmentos de vegetação natural.

Como vimos anteriormente, a vegetação do Cerrado é resistente e evoluiu ao longo de milhões de anos, sendo capaz de conviver com adversidades comuns do bioma. Contudo, a introdução de espécies exóticas gerou distúrbios novos. Gramíneas como capim-gordura (*Melinis minutiflora*) e *Brachiaria* spp. são exemplos de invasoras trazidas para o Cerrado no intuito de aumentar a produção das pastagens para a pecuária. Facilmente dispersas pela fauna ou pelo vento e com grande capacidade de acumular biomassa, elas provocam alterações na dinâmica dos incêndios, que se tornam mais intensos e danosos. Assim, um processo que seria natural pode se transformar num fator de degradação.

Incêndios criminosos são outra ameaça para o Cerrado. Eles são utilizados não só para renovar a pastagem, mas também como forma de invadir uma área natural ou intimidar comunidades, gerando muitos problemas socioambientais. A disputa por territórios é recorrente no Cerrado: poucas comunidades tradicionais têm seu direito à terra reconhecido, e há grande pressão do agronegócio e da mineração pela ampliação das áreas de produção.

O uso de agrotóxicos é mais um problema que acomete o Cerrado. Vale destacar que, desde 2008, o Brasil é recordista mundial no consumo de agrotóxicos, em grande parte utilizados na agricultura de larga escala

desenvolvida na região central do país. Essas substâncias são prejudiciais não só para a vegetação nativa, mas também para a fauna (principalmente polinizadores), as águas e as pessoas. Seus impactos são sentidos pelas comunidades campesinas e extrativistas, que veem suas plantações perderem produtividade e espécies nativas desaparecerem, além de sentirem no próprio corpo os efeitos nocivos dos agrotóxicos para a saúde.

Espécies exóticas usadas no cultivo de florestas plantadas do Cerrado causam problemas à produção hidrológica do bioma. É o caso das plantações de pinus e eucalipto em áreas úmidas do Cerrado, que desregulam a infiltração da água nos lençóis freáticos e diminuem a recarga hídrica. A partir da chegada dessas espécies e da implantação de sistemas de irrigação por pivô central em monocultivos, como os de grãos e cana-de-açúcar, famílias agricultoras que habitam essas áreas há gerações observaram o período de seca se agravar e tiveram de deixar suas propriedades em busca de outros meios de vida. Além disso, projetos de expansão equivocados, que pouco entendem sobre o funcionamento do ciclo hidrológico no bioma, põem em risco áreas imprescindíveis para o equilíbrio do Cerrado.

Outra ameaça é a percepção equivocada de que as florestas são mais belas ou mais importantes que os campos e as savanas. É importante expandir nosso olhar e notar que há outras belezas para além das árvores gigantes com folhagens verdes. As vegetações rasteiras e arbustivas do Cerrado também trazem em si uma grande beleza — nem maior nem menor que a das florestas, apenas diferente. Para além de uma visão estética da natureza, devemos conhecer as singularidades dos biomas e reconhecer a importância da diversidade. Afinal, cada espécie tem relevância no equilíbrio dinâmico do planeta, e destruir o Cerrado é fragilizar esse equilíbrio.

As soluções para os problemas que ameaçam o Cerrado são de diversas ordens e requerem ações tanto individuais quanto coletivas. Em primeiro lugar, é preciso sensibilizar e educar as pessoas, afinal não valorizamos nem protegemos o que não conhecemos. Depois, é preciso estimular o consumo consciente: procurar saber a origem dos produtos que consumimos, optar por comprar de produtores locais, valorizar o trabalho de produtores e fabricantes que prezam pela sustentabilidade do meio ambiente. Eleger representantes políticos que tenham consciência da importância de manter o Cerrado vivo e que respeitem os povos tradicionais que nele vivem há centenas de anos é outra atitude individual em defesa do Cerrado.

De forma coletiva, a existência de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade socioambiental do Cerrado e a fiscalização das atividades econômicas realizadas no bioma são essenciais para pausar a devastação e reduzir os conflitos. De todos os hotspots mundiais, o Cerrado é o que possui a menor porcentagem de áreas sob proteção integral. O bioma apresenta apenas 8,21% de seu território legalmente protegido por unidades de conservação (MMA, 2021). Vale ressaltar que 67% da vegetação nativa remanescente está em propriedades particulares. Portanto, a responsabilidade do setor privado na conservação da savana mais biodiversa do mundo é crucial. Nesse sentido, a demarcação de terras dos povos tradicionais e a criação de unidades de conservação são imprescindíveis para a preservação desse bioma.

O despertar para a valorização do Cerrado também passa por conhecer e reconhecer suas riquezas e saberes. Em um contexto de mudanças climáticas e escassez de recursos, temos muito o que aprender com a resiliência e resistência do Cerrado e de seus povos. Proteger o Cerrado não é importante só para o futuro, pois as perdas já são sentidas agora, e a hora de agir também é agora.

⁴ A tabela mais recente lançada pelo IBGE em 2023 mostra que o número de espécies em risco de extinção no Cerrado aumentou para 1.199.

⁵ Se os números de devastação do Cerrado em 2021 já eram alarmantes, o último *Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra* lançado pelo MapBiomas trouxe dados ainda mais estarrecedores: em 2023, a destruição da vegetação nativa foi de 117,4 hectares por hora — mais que o dobro do já elevadíssimo número de 2021. Ao todo, o bioma perdeu 1.028.378 hectares de áreas naturais em 2023, o que representa 41,45% de toda a área desmatada no Brasil naquele ano.



Fruto da gueroba
(*Syagrus oleracea*),
palmeira típica do Cerrado.

ENTREVISTAS

GISELDA DURIGAN

DIANA AGUIAR

MARIA AUXILIADORA
(DODORA) DRUMOND

GISELDA DURIGAN

Engenheira florestal, com doutorado em Biologia Vegetal. Fez pós-doutorado junto ao Royal Botanic Garden, em Edimburgo, Escócia. Pesquisadora científica do Instituto de Pesquisas Ambientais do Estado de São Paulo e professora nos cursos de pós-graduação em Ciência Florestal na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e em Ecologia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Membro do corpo editorial dos periódicos *Restoration Ecology* e *Applied Vegetation Science*. Desenvolve pesquisas em regiões de Cerrado e Mata Atlântica, atuando especialmente em ecologia vegetal e suas aplicações na conservação e restauração de ecossistemas.

Entrevista concedida em 5 de agosto de 2022
e mediada por Sílvia Almeida.

Inhotim: O que despertou seu interesse em estudar o bioma Cerrado? Como começou sua história com o Cerrado?

Giselda Durigan: Eu nasci em Maracaí (SP), uma região de Mata Atlântica, de solos férteis e argilosos, excelentes para a agricultura. Tive uma infância rural, em que o Cerrado não existia, mas os fragmentos de floresta do sítio eram meu parque de diversões. Quando eu tinha 9 anos de idade, meus pais decidiram nossa mudança para Assis (SP), para que os filhos pudesse seguir os estudos, iniciados na escola rural. Eu me lembro de uma aventura nessa época, quando um tio nos convidou para colher gabiroba, que é uma fruta do Cerrado. Colher gabiroba era uma tradição nessa região, no limite do Cerrado ao sul do Brasil, e esse foi meu primeiro contato com o bioma. Adorei a gabiroba, claro! Mas estranhei o solo arenoso, que não sujava os sapatos, e a paisagem ensolarada do Cerrado, com seu aspecto seco, árvores esparsas e pequenas, tortuosas. Tudo muito diferente das florestas da minha infância. Para mim, era outro universo. Eu trazia do meu pai agricultor a imagem de que o Cerrado era uma terra ruim, que não prestava para a agricultura. Mas dei valor para os frutinhos saborosos que não existiam nas florestas. Os anos foram passando, e eu vi o desenvolvimento científico e tecnológico chegar e, com ele, o desmatamento. Naquela época, nos anos 1960, a Amazônia e a Mata Atlântica começavam a ser protegidas pelo olhar do planeta de que não poderíamos mais desmatar, e o Código Florestal de 1965 já estabelecia limites. Por isso, alavancado pelos avanços da nossa pesquisa agropecuária, o desmatamento avançou sobre o Cerrado, que nos 50 anos seguintes foi reduzido à metade, tendo perdido mais de 1 milhão de quilômetros quadrados no país, passando a ser visto como “o celeiro do mundo”. Na minha região, por exemplo, campos de gabiroba já não existem, foram substituídos pela soja ou pela cana-de-açúcar.

O gosto pela natureza e a familiaridade com a produção rural me levaram à escolha da Engenharia Florestal como profissão. Por meio de um concurso público, ao final do mestrado, ingressei no Instituto Florestal,

instituição de pesquisa governamental de São Paulo. Desde 1984, venho trabalhando na unidade de Assis, ou seja, de volta ao Cerrado, que eu mal conhecia. Não posso dizer, portanto, que foi amor à primeira vista pelo Cerrado, mas, sim, que foi um dos acasos que direcionam a vida da gente para rumos que não planejamos. O amor foi nascendo e crescendo aos poucos.

Meu interesse científico, na época, era em ecologia e conservação de ecossistemas em geral. E, de repente, eu me vi no Cerrado e passei a trabalhar nele. Naturalmente, o primeiro passo a ser dado era conhecer as espécies nativas. Logo percebi que ninguém era capaz de identificar as plantas do Cerrado em campo, exceto algumas frutíferas, como a gabiroba e o cajuzinho, ou as plantas que as pessoas usam como medicinais, como a carobinha, a catuaba e o barbatimão. Essa falta de conhecimento foi, portanto, o gatilho para todo o meu envolvimento com o Cerrado de Assis, que, ao longo dos anos, foi se expandindo para outras regiões do Brasil e, mais recentemente, para todas as savanas do mundo, em interação com especialistas de diferentes continentes.

IN: Quais foram os passos ao longo de sua história de estudos sobre o Cerrado a partir daquele princípio?

GD: Eu comecei fotografando as plantas que não conhecia. Levava as fotografias para cada evento, reunião técnica, curso, na esperança de encontrar outros pesquisadores que me ajudassem a identificar as espécies. Continuava difícil. Foi então que decidi fazer meu doutorado na Unicamp, sob orientação do Prof. Hermógenes Leitão Filho, que muito me ajudou a desenvolver minhas habilidades de identificação de plantas. Aprendi a utilizar os livros de taxonomia, a entrar num herbário, a buscar o que eu estava procurando e entender as diferenças entre as plantas. Esse aprendizado foi passo a passo, numa época em que não existiam livros com fotografias de plantas e nem a Internet, com seus bancos de dados e imagens fantásticos e acessíveis. A importância desse tipo de material ficou muito clara para mim, e eu passei a produzi-los, para que outras pessoas pudessem identificar as plantas com mais facilidade.⁶

⁶ Alguns livros produzidos: Durigan, G. (2004). *Plantas do Cerrado Paulista: Imagens de uma paisagem ameaçada*. Páginas & Letras Editora e Gráfica. / Ramos, V. S. et al. (2008). *Árvores da Floresta Estacional Semidecidual: Guia de identificação de espécies*. Edusp. / Durigan, G. (2012). *Espécies Indicadoras de Fitofisionomias na Transição Cerrado-Mata Atlântica no Estado de São Paulo*. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais. / Durigan, G. et al. (2018). *Plantas Pequenas do Cerrado: Biodiversidade negligenciada*. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal.

Já nessa época, comecei a ser pressionada pela demanda de restauração de ecossistemas, que exigia respaldo científico. Meus primeiros experimentos de restauração foram instalados no final da década de 1980, tanto na Mata Atlântica quanto no Cerrado. A restauração florestal avançava com sucesso no Brasil, pois já se sabia como produzir as mudas e com que técnica se deve plantar. Mas o Cerrado, de novo, era um mistério: ninguém conseguia semente, ninguém conseguia fazer a semente germinar; as sementes germinavam no viveiro e, quando chegava a primeira estação chuvosa, as mudas morriam nos canteiros encharcados, porque as plantas do Cerrado gostam do solo bem drenado. E, mesmo quando conseguímos produzir as mudas, como fazer com que sobrevivessem e crescessem depois de plantadas? O crescimento é, geralmente, tão lento que uma muda pode passar dez anos sem conseguir atravessar os 50 centímetros de espessura da manta de braquiária, que é o maior obstáculo para restaurar o Cerrado. As dificuldades e a falta de conhecimento sobre o Cerrado eram tão grandes que, ao longo da carreira, fui deixando de lado a restauração florestal, que hoje, felizmente, tem um exército de especialistas no Brasil, respeitados mundo afora. E foi em busca de um mestre que fosse respeitado mundo afora em se tratando de Cerrado que, na virada do milênio, resolvi passar um ano na Escócia, interagindo com o lendário Jimmy Ratter. Publicamos juntos, em 2006, um artigo⁷ demonstrando o adensamento generalizado do Cerrado, que se tornou referência para estudos semelhantes em outras savanas do mundo. Depois de ter se dedicado ao Cerrado durante algumas décadas, viajando de norte a sul do Brasil, há consenso de que Jimmy Ratter conhecia mais profundamente o Cerrado que qualquer um de nós, brasileiros. Conhecimento esse, cabe destacar, que estava permanentemente disposto a compartilhar.

Depois de 20 anos de pesquisas em restauração do Cerrado, aprendi que, muitas vezes, a vegetação se regenera naturalmente e, também, que é possível plantar árvores e arbustos de um bom número de espécies. Porém, o resultado que se via estava longe de reproduzir a vegetação natural do Cerrado, que é uma savana. Nas savanas, o estrato rasteiro da vegetação é ainda mais importante que as árvores. Os capins, por exemplo, são fundamentais para o funcionamento do ecossistema, porque são eles que alimentam o fogo, que é essencial para manter as fisionomias abertas do Cerrado e para estimular a reprodução das plantas.

⁷ Durigan, G., & Ratter, J. A. (2006). Successional Changes in Cerrado and Cerrado/Forest Ecotonal Vegetation in Western São Paulo State, Brazil, 1962–2000. *Edinburgh Journal of Botany*, v. 63, n. 1, pp. 119-130.

Nas savanas, o estrato rasteiro da vegetação é ainda mais importante do que as árvores.

Então, desde 2010, passei a olhar também para o chão, trazendo comigo os alunos, com suas pesquisas de mestrado e doutorado. Foram alguns anos de estudos focados nas invasões biológicas e realizando experimentos em busca de solução para o problema. Primeiro, era preciso erradicar as árvores de *Pinus*,⁸ que invadem os campos úmidos, e as gramíneas africanas, que invadem campos e savanas em terrenos secos.⁹ Depois, era preciso aprender como restaurar a vegetação nativa que foi massacrada pelas invasoras.¹⁰

Para entender o impacto ambiental das invasões biológicas, era preciso entender o que estava sendo perdido. E aí saltou aos nossos olhos um novo desafio taxonômico, que era a identificação das plantas pequenas, pois elas é que são expulsas pelos invasores, sofrendo perdas dramáticas de biodiversidade, com inúmeros casos de extinção local. Porém, enquanto os guias de identificação de árvores se multiplicavam,

ervas, subarbustos e capins continuavam desconhecidos. Inconscientemente, as pessoas valorizam muito as árvores, mas nem sequer percebem que existem as plantas pequenas. Hoje eu sei que damos valor e somos capazes de lutar pelas coisas que conhecemos, mas não por aquelas que ignoramos. Essa percepção foi me levando, aos poucos, da floresta para a savana, da savana para o campo e das árvores para as plantas pequenas, sempre tentando ampliar e disseminar o conhecimento daquilo que se conhecia menos, em busca de equilíbrio.

A restauração do Cerrado deve recriar uma paisagem diversificada, onde um tamanduá-bandeira se sentiria feliz.

IN: Você tem estudado maneiras de restaurar áreas degradadas do Cerrado e defende que devemos observar o ecossistema como um todo para realizar uma restauração efetiva. Como podemos estimular uma visão ampla dos ecossistemas, mesmo entre leigos?

GD: Se quisermos entender a conservação e a restauração do Cerrado, temos, primeiro, que esquecer o que aprendemos sobre restauração florestal. É preciso, antes de mais nada, assimilar um ensinamento básico:

⁸ Para saber mais, ver: Durigan, G. et al. (2020). *Invasão por Pinus spp: Ecologia, prevenção, controle e restauração*. Instituto Florestal, São Paulo.

⁹ O experimento de controle da invasão por braquiária foi publicado no artigo: Assis, G. B. et al. (2021). Effectiveness and Costs of Invasive Species Control Using Different Techniques to Restore Cerrado Grasslands. *Restoration Ecology*, v. 29, e13219.

¹⁰ Os resultados dos experimentos de restauração de campos do Cerrado em áreas secas e úmidas foram publicados em: Pilon, N. A. et al. (2019). Native Remnants Can Be Sources of Plants and Topsoil to Restore Dry and Wet Cerrado Grasslands. *Restoration Ecology*, v. 27, n. 3, pp. 569-580.

o Cerrado típico é uma savana e, como tal, precisa ter um estrato rasteiro formado predominantemente por gramíneas, com árvores e arbustos mais ou menos esparsos. É preciso treinar o nosso olhar para a paisagem do Cerrado simulando o olhar de um tamanduá-bandeira, por exemplo. O tamanduá não gosta de passar o dia na escuridão do Cerradão e também não gosta de ficar o tempo todo exposto. Assim como o tamanduá, animais emblemáticos do Cerrado, como o lobo-guará, a ema ou o tatu-canastra, gostam do mosaico, mas precisam especialmente das áreas abertas, que estão desaparecendo. Então, a restauração do Cerrado deve recriar uma paisagem diversificada, onde um tamanduá-bandeira se sentiria feliz.

Existem plantas exclusivas de áreas abertas em terrenos secos, outras exclusivas das Veredas, algumas que preferem o Cerradão. Assim como para os animais, também a diversidade de plantas depende do mosaico. Por isso, a meta, tanto da conservação quanto da restauração do Cerrado, deve ser manter essa colcha de retalhos. Não é deseável que tudo se torne campo, nem que tudo se torne Cerradão. Onde existem, de fato, restrições de solo (solo muito raso, rochoso, com deficiência hídrica prolongada), só as plantas pequenas vão conseguir sobreviver e haverá um campo. Mas haverá lugar para as árvores em outros cantos mais propícios. Portanto, todo esforço de quem conserva e de quem restaura deve ser manter um pouquinho de cada coisa, cada uma no seu lugar. Precisamos preservar habitats fechados e campos abertos, e tudo que existe entre esses dois extremos. Não podemos deixar de lado elementos de extrema fragilidade e importância nesse mosaico, que são as áreas úmidas do Cerrado (Veredas, Campos de Murundus, etc.), áreas estas muito mal compreendidas e que estão sendo irresponsavelmente destruídas.

IN: Há informações equivocadas circulando sobre o Cerrado? Quais equívocos você gostaria de esclarecer?

GD: Há equívocos diversos na ecologia e na restauração do Cerrado, que se potencializam mutuamente. Na Ecologia, um dos erros mais comuns é tratar os campos naturais em que as árvores são raras ou ausentes como áreas degradadas, que precisam ser reflorestadas. Na mesma linha, está o entendimento equivocado, até de órgãos licenciadores, de que toda margem de rio tem de ter mata ciliar. A partir desses entendimentos equivocados, extensas áreas de campos e Veredas têm sido mapeadas como “passivo ambiental”. Automaticamente, vem um dos erros mais comuns na restauração, que é replicar, no Cerrado,

as técnicas que se usam para restaurar florestas,¹¹ com iniciativas que podem ter resultados catastróficos. Exemplo disso tem sido o plantio desastroso de árvores em Veredas íntegras da Chapada dos Veadeiros (matéria do *The New York Times*, publicada em 13 de julho de 2022), a pretexto de “restauração”. Para restaurar savana, é preciso, antes de mais nada, restaurar o estrato rasteiro que cobre o terreno, formado por plantas pequenas e capins nativos. E tratar de manter essa vegetação rasteira em longo prazo.

Ainda no contexto da restauração, iniciativas que começam com o preparo do solo arando e gradeando a terra muitas vezes causam bastante preocupação. O primeiro erro, aqui, é que essa operação destrói qualquer resquício de plantas nativas que possam rebrotar. Além disso, esse revolvimento do solo prejudica severamente a fauna edáfica, os microrganismos e a agregação do solo, que são muito pouco compreendidos pelos que trabalham com restauração no Brasil. Se observarmos bem de perto um bloco de solo que não foi arado e gradeado, é possível ver inúmeros pequenos canais formados por minhocas, formigas e outros seres que nem conseguimos enxergar. Outros canais são formados pelas raízes finas, especialmente dos capins, que se aprofundam, morrem e se renovam continuamente. Esses canais são fundamentais para a absorção da água da chuva e para a aeração do solo, portanto, para a recarga hídrica e para a germinação e o crescimento das plantas. Por outro lado, o solo revolvido pelo arado e pela grade perde a estrutura, a capacidade de infiltração da água e os animais e microrganismos que garantem a saúde do ecossistema. Se a água da chuva não infiltra, aumentam os processos erosivos. O revolvimento ainda favorece a perda do carbono armazenado no solo. Sem os microrganismos, a nutrição de muitas plantas fica prejudicada. Com raras exceções (onde o solo estiver efetivamente compactado), revolver o solo do Cerrado sempre vai ser negativo. Plantios de restauração nesse bioma, seja por sementes ou mudas, devem ser feitos sem revolvimento do solo.

Outro equívoco amplamente disseminado está na crença de que as árvores do Cerrado aumentam a água dos rios e fazem aumentar a chuva. É impossível que as duas coisas aconteçam ao mesmo tempo no mesmo lugar. A água da chuva só pode ter esses dois destinos: ou infiltra e recarrega os corpos-d’água ou volta para a atmosfera pela evapotranspiração. Se aumenta a água retirada do solo pelas árvores, vai obrigatoriamente diminuir a recarga hídrica e vice-versa. Em síntese,

¹¹ Temos lutado para alertar sobre esse erro, que vem ocorrendo em outras savanas do mundo. Ver artigos científicos: Veldman, J. W. et al. (2015). Tyranny of Trees in Grassy Biomes. *Science*, v. 347, n. 6221, pp. 484-485./ Veldman, J. W. et al. (2015). Where Tree Planting and Forest Expansion Are Bad for Biodiversity and Ecosystem Services. *BioScience*, v. 65, n. 10, pp. 1011-1018.

quanto mais árvores, menor será a vazão dos rios. Da chuva que cai no Cerradão, por exemplo, 25% a 30% nem chegam no solo.¹²

Essa porção da chuva fica retida nas copas e evapora, voltando para a atmosfera (isso recebe o nome de interceptação). Dos 70% a 75% de chuva que chegam ao solo e infiltram, a maior parte é retirada pelas árvores, quando fazem o serviço de alimentar os rios voadores. Se em vez de Cerradão houver uma plantação de eucalipto, a extração de água do solo será ainda maior. A consequência disso é que os lençóis freáticos vão abaixando e as nascentes podem até secar. Portanto, se uma área de campo se adensa e se torna Cerradão ou se plantarmos árvores em alta densidade em uma área que naturalmente era campo, haverá, sim, aumento no volume de vapor de água lançado na atmosfera. Porém, vai ocorrer rebaixamento do lençol freático, com nascentes secando e comprometimento severo da produção hídrica naquela bacia hidrográfica.¹³ Convertendo essas mudanças em serviços ecossistêmicos, haverá um benefício global de se devolver água para a atmosfera, mas será comprometida a produção hídrica para atender a demandas locais — como a irrigação, a dessementação do gado que depende daquele riacho, os poços artesianos que abastecem as cidades, e até as hidrelétricas que dependem da vazão dos rios.

Quando se plantam árvores e aumenta a biomassa onde a vegetação não era floresta, a produção de água em regiões de clima estacional fica ameaçada. Segundo um estudo global de 2005,¹⁴ em média, há 52% de redução na vazão e 13% dos riachos secam completamente na estação seca quando campos abertos são substituídos por plantações de árvores.

A obsessão atual pelo sequestro de carbono por meio do plantio de árvores em todo o planeta precisa ser revista em regiões onde não existiam florestas, dado o risco de que isso aconteça às custas do abastecimento hídrico. Além disso, cabe destacar que, apesar da menor biomassa aérea, em geral há mais carbono no solo do Cerrado que no

A obsessão atual pelo sequestro de carbono por meio do plantio de árvores em todo o planeta precisa ser revista em regiões onde não existiam florestas.

¹² Para quantificar esses processos, medimos todas as chuvas durante 16 meses, em um gradiente fisionômico do Cerrado. Ver: Honda, E. A., & Durigan, G. (2016). Woody Encroachment and Its Consequences on Hydrological Processes in the Savannah. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 371, n. 1703, 20150313.

¹³ Buscamos explicar tudo isso no artigo: Honda, E. A., & Durigan, G. (2017). A Restauração de Ecossistemas e a Produção de Água. *Hoehnea*, v. 44, pp. 315-327.

¹⁴ Ver: Jackson, R. B. et al. (2005). Trading Water for Carbon with Biological Carbon Sequestration. *Science*, v. 310, n. 5756, pp. 1944-1947.

das florestas, com destaque para o gigantesco estoque de carbono nos solos orgânicos e turfeiras das áreas úmidas.

IN: Talvez por ser muito diferente do imaginário das florestas tropicais verdes e úmidas, o Cerrado é muito negligenciado, sendo percebido como um ambiente feio e sem vida, que não merece ser protegido. Quais são as ameaças que o Cerrado enfrenta para sua preservação?

GD: A ameaça maior ao Cerrado é a expansão da agricultura, pecuária e silvicultura: é o eucalipto avançando no Mato Grosso do Sul e no Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia); é a soja e o milho avançando especialmente no centro-oeste do país; é a cana-de-açúcar em São Paulo nas últimas décadas; é a substituição dos maravilhosos pastos naturais de Cerrado que existiam até a metade do século passado por pastos de braquiária. Essas são as ameaças diretas da conversão das áreas naturais, e a savana brasileira é, de longe, a que mais perdeu área em comparação com as demais savanas do planeta.

Mas a conversão leva a outras formas de degradação, que não são percebidas quando as perdas são quantificadas por satélite, especialmente as invasões biológicas. Em mais da metade dos fragmentos remanescentes de Cerrado já existe invasão por gramíneas africanas. Aos poucos, essas espécies substituem o estrato rasteiro nativo, ocasionando perdas consideráveis de biodiversidade. Em menor escala espacial, mas com severidade ainda maior, ocorre a invasão de áreas úmidas por espécies de *Pinus*. As árvores invasoras formam um dossel muito denso, e uma espessa camada de acículas cobre o solo. Esse tapete e a falta de luz levam à morte todas as plantas nativas e impedem a germinação de novas plantas.

O Cerrado é a única grande região de savana no planeta que tem rios perenes, e isso possibilita a agricultura na região, que depende de irrigação. Mas os usos da terra após a conversão, sem planejamento e com práticas inadequadas, podem matar a galinha dos ovos de ouro. Poucas pessoas têm consciência de que existe água em abundância no Cerrado durante todo o ano graças às áreas úmidas, que são fundamentais para a segurança hídrica do país inteiro! As áreas úmidas do Cerrado funcionam como esponjas, retendo a água que caiu durante a estação chuvosa e liberando essa água lentamente durante vários meses de estiagem, garantindo, assim, as nascentes perenes do Cerrado. As áreas úmidas são muito resilientes e muito resistentes, desde que se mantenham inalterados seus pulsos hidrológicos naturais! Esses ecossistemas são mantidos pela flutuação do lençol freático, que dificulta até a entrada de plantas invasoras. No entanto, a drenagem para cultivo, a

captação excessiva de água para a irrigação ou a silvicultura de eucalipto em extensas porções de uma bacia hidrográfica são exemplos de impactos que podem modificar radicalmente os pulsos hidrológicos, podendo “matar” as áreas úmidas, que ocupam grandes porções do território dentro do bioma Cerrado.¹⁵

IN: É contraintuitivo pensar que o fogo pode ser benéfico para as plantas, mas é isso que acontece com algumas espécies do Cerrado. Como as espécies lidam com o fogo?

GD: O fogo existia no planeta milhões de anos antes de existirem humanos. Então o fogo não é um artefato do homem. O homem mudou o regime das queimadas, aumentando ou diminuindo sua frequência, mas o fogo já existia. As plantas que vemos agora evoluíram ao longo de milhões de anos, com os genótipos e as espécies que não eram capazes de sobreviver ao fogo sendo periodicamente eliminados. A adaptação acontece de geração em geração. Quando veio o primeiro fogo, destruiu todas as plantas que não foram capazes de resistir a ele. As que sobreviveram e se reproduziram deixaram descendentes que, em sua maioria, eram resistentes ao fogo. Queimas subsequentes repetiram esse processo de seleção, durante milhões de anos. Então as plantas que hoje estão no Cerrado, que são endêmicas desse bioma, não morrem com o fogo. Na maioria dos casos, as plantas do Cerrado possuem estruturas subterrâneas robustas, que garantem a capacidade de rebrotar inúmeras vezes após a queima. Muitas espécies florescem em abundância e dispersam sementes rapidamente, aumentando as chances de germinar e se estabelecer no terreno limpo pelo fogo.¹⁶ Da mesma forma, os animais endêmicos do Cerrado também foram selecionados para se proteger ou para escapar do fogo. Mas as pessoas em geral têm

Na maioria dos casos, as plantas do Cerrado possuem estruturas subterrâneas robustas, que garantem a capacidade de rebrotar inúmeras vezes após a queima.

¹⁵ Preocupados com a situação e o futuro das áreas úmidas do Cerrado, publicamos recentemente um artigo visando esclarecer sobre sua importância, funcionamento e ameaças: Durigan, G. et al. (2022). Cerrado Wetlands: Multiple ecosystems deserving legal protection as a unique and irreplaceable treasure. *Perspectives in Ecology and Conservation*, v. 20, n. 3, pp. 185-196.

¹⁶ Ao longo de um ano após nossas queimas experimentais, acompanhamos as plantas das áreas queimadas para compreender suas estratégias de resposta ao fogo: Pilon, N. A. et al. (2021). The Diversity of Post-Fire Regeneration Strategies in the Cerrado Ground Layer. *Journal of Ecology*, v. 109, n. 1, pp. 154-166.

grande dificuldade em acreditar que o fogo pode ser bom e necessário. A mídia não colabora nem um pouco quando noticia que “o fogo destruiu milhares de hectares de Cerrado...”.

Quando instalamos nosso experimento de queima controlada, as dúvidas sobre o efeito do fogo me inquietavam. Já havia estudos suficientes mostrando benefícios para as plantas. Porém, eu temia pela morte de animais. Então, conversei com especialistas em aves, formigas, sapos, cobras, lagartos e mamíferos, para fazerem parte da equipe.¹⁷ Esses especialistas me diziam que não me preocupasse, pois, assim como as plantas, a fauna do Cerrado também se adaptou para sobreviver ao fogo ao longo de milhares de anos de evolução.

É ruim todo fogo que queima o que não deveria ser queimado ou que queima no momento inadequado.

De fato, durante as queimas, eu vi provas disso: lagartos entrando nos buracos dos tatus, serpentes e mamíferos fugindo para as áreas não queimadas, e até um ratinho tomando uma atitude aparentemente suicida, ao correr em direção à linha de fogo. Mas o que ele fez foi atravessar ileso a linha de fogo e se esconder sob as cinzas do outro lado, como se soubesse desde sempre que ali não queimaria mais. Os animais têm uma sabedoria para lidar com o fogo que está no DNA deles. Só vão morrer os que não estão adaptados, os que perderam essa habilidade por alguma razão e que precisam ser eliminados para que a capacidade de sobreviver persista naquela espécie. Isso é a seleção natural, é assim que ocorre a evolução das espécies, é assim que acontece com a fauna e com a flora.

IN: Você defende a utilização do fogo em unidades de conservação para manter a biodiversidade do Cerrado. Existe fogo ruim?

GD: Certamente existe fogo ruim. É ruim todo fogo que queima o que não deveria ser queimado ou que queima no momento inadequado. Em várias unidades de conservação do Brasil, o manejo integrado de fogo acontece muito mais para prevenir os ditos incêndios catastróficos. O que é um incêndio catastrófico? É considerado catastrófico um incêndio que ocorre em condições extremas de alta temperatura, baixa umidade relativa e ventos fortes, queimando rapidamente e com alta intensidade áreas extensas, sem controle. Eu consideraria catastrófico um incêndio

em condições meteorológicas normais, mas que atinja uma unidade de conservação na totalidade. Se em volta dessa área só existir monocultura, a fauna dessa unidade de conservação ficará sem refúgio e sem ter o que comer por um tempo muito longo. Então, esse fogo será fatal para a fauna, mesmo que depois de dois meses a vegetação se torne um imenso jardim. Também é ruim o fogo que atinge uma Vereda após seca prolongada e que pode ficar meses queimando turfa, emitindo carbono e deixando um rastro de terra esterilizada.

Porém, há quem diga que o fogo é sempre ruim, só porque diminui a biomassa de árvores. Essa percepção é equivocada, resultado de um olhar enviesado, que ignora a diversidade e a importância ecológica das plantas pequenas. Para cada espécie de árvore que tem no Cerrado, há seis espécies de plantas que não são árvore.¹⁸ E estas que não são árvores, na grande maioria, não sobrevivem numa área sombreada. Então, tirar o fogo do Cerrado é condenar todas essas espécies à extinção e, naturalmente, a fauna associada aos ambientes abertos.

Geralmente, é para evitar o “fogo ruim” que se realizam as queimas controladas em áreas protegidas. Mas eu defendo o manejo do fogo também para manter as fisionomias abertas do Cerrado e, com elas, a maioria das espécies endêmicas de plantas e animais. A meu ver, portanto, o fogo é sempre bom quando ocorre naturalmente ou quando é manejado com sabedoria, resultando na manutenção do mosaico de fisionomias do Cerrado.

Por muito tempo se acreditou que os campos do Cerrado nunca iriam virar Cerradão porque as restrições nutricionais do solo não permitiam. Porém, esse mito tem sido repetidamente derrubado, com evidência científica demonstrando que campos podem se tornar Cerradão em mais ou menos 30 anos. Em muitas regiões de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, na maioria dos remanescentes, a supressão do fogo tende a ocasionar o desaparecimento das fisionomias abertas do Cerrado. Por que acontece isso? As savanas tropicais em todo o mundo são ecossistemas mantidos pelo distúrbio, e isso muita gente ainda não entendeu. Os distúrbios — fogo e grandes herbívoros — são naturais. Há quem ainda acredite que a biomassa é limitada só pelo solo e pelo clima em todos os ecossistemas do planeta. De fato, existe uma biomassa potencial determinada pelo solo e pelo clima, a qual, seja nas savanas da África, da Austrália, da Índia ou do Brasil, é maior que a biomassa existente. Estudos por meio de modelagem, com base em uma situação hipotética em que teríamos um mundo sem fogo,

¹⁷ Neste estudo, demonstramos que o fogo não faz diminuir a diversidade de plantas e animais, podendo até aumentar a diversidade para alguns grupos. Ver: Durigan, G. et al. (2020). No Net Loss of Species Diversity after Prescribed Fires in the Brazilian Savanna. *Frontiers in Forests and Global Change*, v. 3, 13.

¹⁸ Ver: Mendonça, R.C. et al. (2008). Flora Vascular do Cerrado: Checklist com 12.356 espécies. In: Almeida, S.M.; Sano, S.P. & Ribeiro, J.F. (eds.). *Cerrado: Ecologia e flora*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, pp. 422-442.

mostram que quase todas essas savanas se tornariam florestas.¹⁹ Mas aí não existiriam savanas no planeta, nem elefantes, girafas, rinocerontes, zebras ou os animais icônicos do Cerrado, como o tamanduá-bandeira, o lobo-guará, etc. Portanto, o distúrbio é uma necessidade ecológica, o fogo faz parte dos processos que mantêm o ecossistema. O fogo é um fator de manutenção de diversidade nas savanas tropicais do planeta. Para a biodiversidade do Cerrado e de outras savanas do mundo, já existe evidência científica de que a supressão total do fogo causa mais perdas do que os incêndios.

IN: O Cerrado é o bioma que tem menos áreas de proteção demarcadas. Esse ainda seria um caminho para preservar o Cerrado?

GD: Eu acredito que ter mais áreas de proteção efetivamente demarcadas como unidades de conservação é um dos caminhos para salvar o Cerrado. Mas para isso seria preciso agir imediatamente, enquanto ainda há tempo para escolher as melhores áreas para otimizar a conservação. Uma rede eficiente de áreas protegidas precisaria ser representativa de diferentes regiões biogeográficas e, no caso do Cerrado, precisaria assegurar também a representatividade das fisionomias nas diferentes regiões. Mas é preciso destacar que, no Brasil, a conservação em terras públicas tem sofrido com a falta de recursos para que essas áreas sejam manejadas adequadamente para atingir seus objetivos. Ou seja, apenas criar unidades de conservação não basta. São necessárias providências complementares para estimular e viabilizar a conservação em terras privadas. As áreas em que ainda existe vegetação íntegra de Cerrado, sem gramíneas invasoras, deveriam ser intocáveis.

IN: As perdas parecem irreversíveis. Ainda é possível preservar o Cerrado?

GD: De fato, as perdas parecem irreversíveis. A conversão da vegetação de Cerrado para usos intensivos da terra exige a erradicação de todos os vestígios das plantas nativas preexistentes e envolve profundas modificações nas propriedades dos solos. Após anos de uso com essas práticas, é quase impossível restaurar algo que se assemelhe ao que existia antes. Aplicando as técnicas de restauração hoje disponíveis, no máximo conseguimos remediar a situação de áreas degradadas,

¹⁹ Bond, W. J., Woodward, F. I., & Midgley, G. F. (2005). The Global Distribution of Ecosystems in a World Without Fire. *New Phytologist*, v. 165, n. 2, pp. 525-538.

restabelecendo parte da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos do Cerrado.

Também não é possível reverter a transformação de uma área que era campo e que, devido à supressão do fogo por muito tempo, virou Cerradão. Nossa experimento de fogo já mostrou que, infelizmente, esse é um caminho sem volta. Mesmo se queimado, o Cerradão não vai voltar a ser savana; ele vai passar a funcionar como uma floresta queimada, vai se encher de cipós e bambus e permanecer em um estado degradado, muito diferente do Cerrado.

As espécies de Cerrado não evoluíram para ser capazes de colonizar uma área aberta rapidamente. Elas não são como as espécies de floresta, que são capazes de colonizar uma área adjacente de agricultura ou pastagem abandonada, que em muito pouco tempo volta a ser floresta. Na Amazônia existem muitas áreas assim, onde basta retirar o gado e deixar em pousio por uns dez anos, para que se forme uma floresta no lugar. As plantas do Cerrado evoluíram, se adaptaram ao longo de milhões de anos para sobreviver: após o fogo, o corte, a herbivoria e a geada, elas rebrotam e parecem se fortalecer a cada episódio de distúrbio. Porém, se forem sombreadas, vão perdendo a capacidade de rebrotar, deixam de florescer e frutificar e exaurem suas reservas subterrâneas, até desaparecerem.

Preservar todo o Cerrado que ainda está em pé é, teoricamente, possível. Porém, é muito pouco provável, até porque boa parte dos remanescentes pode ser desmatada legalmente, já que excedem o mínimo exigido em cada propriedade. Seria necessária uma nova lei, nos moldes da que protege todos os remanescentes da Mata Atlântica, para começar. E seria necessário também fortalecer a tal ponto o sistema de fiscalização e punição da conversão ilegal que, de fato, coibisse a degradação. Talvez as próprias leis do mercado sejam mecanismos mais eficazes, se os países importadores se recusarem a receber produtos do Cerrado caso o desmatamento não seja contido.

IN: Então o caminho para a proteção do Cerrado é manter a diversidade?

GD: É isso aí! Tanto do ponto de vista da diversidade de plantas e animais quanto do ponto de vista da variedade de serviços ecossistêmicos — especialmente os relacionados com a água — manter a diversidade de fisionomias do Cerrado é fundamental. O ideal é manter

As áreas em que ainda existe vegetação íntegra de Cerrado, sem gramíneas invasoras, deveriam ser intocáveis.

um pouquinho de tudo. E, naturalmente, não intervir naquilo que a natureza levou milhões de anos para construir.

IN: Depois de quase 30 anos pesquisando o Cerrado, algo ainda surpreende você nesse bioma?

GD: Sempre, sempre! Eu estou agora dando início a um grande projeto voltado apenas para os campos naturais. É um projeto temático, com duração de cinco anos, financiado pela Fapesp, que tem mais de 30 pesquisadores envolvidos. Estamos estudando Campos de Altitude encravados na Mata Atlântica e campos de Cerrado, em áreas secas

e em áreas úmidas, em vários estados. Nós resolvemos conhecer a biodiversidade desses campos e aprofundar o entendimento dos fatores que explicam sua existência e seus atributos: por que eles ainda existem onde tudo em volta já virou floresta? Por que são tão diferentes entre si na sua composição de espécies? Estamos explorando fatores do solo, do clima e do histórico de fogo, em busca das respostas. Precisamos entender os extremos que são capazes de levar à extinção as espécies, os

fatores que favorecem maior diversidade e até poderemos especular sobre o futuro desses campos em diferentes cenários de mudança climática. Nós encontramos campos num espectro tão amplo de condições ambientais que dificulta a compreensão de como eles podem ser tão semelhantes estruturalmente. Mas, embora a distância tudo seja campo, de perto constata-se que as plantas que compõem esses campos são muito diferentes de um lugar para outro. A quantidade de espécies que registramos em um único local é muito grande! Eu acho fascinante poder conhecer novos ecossistemas e instigante o desafio de desvendar por que eles são como são.

IN: Ser do Cerrado é o nome do projeto que o Inhotim está realizando junto com o Ministério Público de Minas Gerais. Queremos trazer o Cerrado para perto, mostrar que ele é parte fundamental na vida dos brasileiros. Para você, o que é ser do Cerrado?

GD: Ser do Cerrado é voltar às origens da humanidade. O bicho homem surgiu nesse planeta em paisagens de savana. Toda a evolução do homem, desde passar a andar em pé, desenvolver o hábito de

caçador-coletor, dominar o uso do fogo, isso tudo só poderia ter acontecido num cenário de savana. No Cerrado, você não vai abraçar uma touceira de capim como você abraçaria uma grande árvore. Por outro lado, você abraça a paisagem inteira. O prazer que o bicho homem sente quando está na amplidão de um campo, de uma savana, é uma coisa ancestral, que traz paz de espírito, segurança e bem-estar. Então, ser do Cerrado é encontrar o nosso lugar, e isso significa fazer parte do ecossistema. Quando se é tomado por essa percepção, fica mais fácil gostar, dar valor e lutar pelo Cerrado. Se quisermos salvar o Cerrado que ainda está em pé, o caminho é despertar nas pessoas o afeto, a vontade de proteger. Mas, para isso, o primeiro passo é conhecer!

O prazer que o bicho homem sente quando está na amplidão de um campo, de uma savana, é uma coisa ancestral, que traz paz de espírito, segurança e bem-estar.

DIANA AGUIAR

Professora adjunta no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia (Ufba), onde é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI). É doutora em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ) e mestre em Relações Internacionais (PUC-Rio). Atuou por quase 15 anos como assessora e pesquisadora para diversas organizações sociais, como a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, a Comissão Pastoral da Terra, a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, e o Transnational Institute. É pesquisadora da Rede Inter-institucional Climatizando, laureada com apoio CNPq Universal. Faz parte do Collective of Agrarian Scholars-Activists from the South (CASAS) e da base de revisores do periódico internacional *Journal of Peasant Studies*.

Entrevista concedida em 10 de agosto de 2022
e mediada por Sílvia Almeida e Lorena Vicini.

Inhotim: Olhando sua formação, percebemos que você caminhou por diversas áreas de conhecimento, por cidades e países diferentes. Como começou sua história com o Cerrado?

Diana Aguiar: Sou da área de Relações Internacionais, sou de Salvador e cheguei ao Cerrado pelos caminhos mais improváveis. Em 2015, eu trabalhava em uma organização social chamada Fase (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional). A Fase já trabalhava, antes de eu entrar, em articulação com movimentos sociais de Moçambique, um país africano que estava enfrentando a chegada de um programa de cooperação entre Moçambique, Brasil e Japão, chamado ProSavana, que tinha como objetivo, entre muitas aspas, “desenvolver a savana africana”. O ProSavana queria replicar o desenvolvimento do Cerrado brasileiro, como foi feito em outro programa, o Prodecer (Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados), que foi criado em 1979 com o objetivo de promover a ocupação do Cerrado por meio de culturas de exportação, sobretudo a soja. O Prodecer existiu durante parte da Ditadura Militar e se tornou uma das bases da ocupação predatória do Cerrado, como nós estamos testemunhando nas últimas décadas. Antes da minha entrada na Fase, alguns representantes do movimento camponês moçambicano já tinham entrado em contato com a organização, dizendo que estavam muito assustados com o ProSavana, porque eles sabiam que o Cerrado brasileiro era um lugar de ocupação massiva de monoculturas. Eles estavam querendo entender o que isso poderia significar para o norte de Moçambique, justamente uma região de savana, que era visto, inclusive, como um programa-piloto para ser replicado nas savanas africanas de forma geral. Então, quando eu entrei, eu herdei essa cooperação entre organizações brasileiras e moçambicanas, que envolvia vários movimentos da Via Campesina no Brasil e outras organizações sociais, além da incidência política e da cooperação no Itamaraty, a Jica (Agência de Cooperação Internacional do Japão) e o governo moçambicano. Portanto, havia pessoas do Japão,

de Moçambique e do Brasil atuando coletivamente para enfrentar a ameaça do ProSavana aos camponeses de Moçambique. O ProSavana foi cancelado em 2020 por uma série de razões, mas, durante esse processo, em janeiro de 2016, nós organizamos uma reunião na Fase para debater os próximos passos dessa campanha articulada entre os três países, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) nos trouxe a ideia de criar uma campanha em defesa do Cerrado. Eles já tinham uma atuação no bioma e queriam transbordar isso para fora da CPT e trazer aliados para essa campanha, que foi lançada ainda em 2016. A partir da campanha, recebemos o contato de algumas organizações da Colômbia, porque havia uma forte intenção do governo colombiano de replicar o “milagre do Cerrado brasileiro”, e eles queriam entender o que é o Cerrado, como foi esse processo histórico de ocupação e como eles poderiam enfrentar as ameaças que estavam surgindo.

A formação geológica do Cerrado, sua própria geo-história, mostra que onde hoje existe a Amazônia antes era Cerrado. Aproximadamente 12 mil anos atrás, a Amazônia começa a crescer sobre o que era o Cerrado, até chegar aos seus contornos atuais. Por causa disso, existem ilhas de Cerrado na Amazônia e em toda a região de fronteira entre a Colômbia e a Venezuela. Também na Bolívia, no outro lado da fronteira com o Mato Grosso, existe Cerrado. Então, em 2019, nós construímos um intercâmbio ecológico com indígenas, camponeses

Fui enxergando esse Cerrado imenso, conectado com uma história comum.

e quilombolas do Mato Grosso, e estivemos no Cerrado da Bolívia, chamado por eles de Bosque Seco Chiquitano, assim como bolivianos vieram ao Brasil entender o que estava acontecendo com o Cerrado daqui. E os brasileiros que estavam na caravana olhavam para o Bosque Seco Chiquitano e diziam: “Este aqui é o Cerrado da minha infância, que eu vi ser destruído”, porque o Mato Grosso é uma das fronteiras mais antigas de expansão do agronegócio no Cerrado brasileiro. Muitas das pessoas já idosas que olhavam para o Cerrado do lado boliviano diziam: “Já foi assim do nosso lado, nós vimos isso se perder no Mato Grosso”. Portanto, eu participei desde o início do processo de construção da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, e o que foi começando aos poucos evoluiu para um enamoramento profundo meu em relação ao Cerrado. Desde então, ele tem sido o centro da minha agenda de pesquisa e da minha atuação como ativista.

IN: Então o seu enamoramento com o Cerrado acabou sendo uma paixão pelas pessoas, pelos seus modos de vida?

DA: É isso. E, no processo de articulação com as savanas de outros países e entre comunidades de diversas partes do Cerrado, uma coisa que fui percebendo é quanto existe uma história comum. Por exemplo, as quebradeiras de coco babaçu — uma das comunidades tradicionais mais típicas do Cerrado e muito conhecida por toda a zona de transição Cerrado-Amazônia no Maranhão e no Tocantins, também presente no sudeste do Pará e no Piauí —, na verdade, estão também no Mato Grosso e no Bosque Seco Chiquitano, na Bolívia. Portanto, ao promover esses intercâmbios, houve o encontro das quebradeiras de coco do Mato Grosso com as da Bolívia, que, muitas vezes, nem sabiam que elas existiam e tinham práticas muito similares de quebra de coco e geração de produtos e renda a partir do babaçu. E, assim, fui enxergando esse Cerrado imenso, conectado com uma história comum, porque como explicar que existem indígenas na Bolívia que realizam a quebra de coco e seu aproveitamento de uma forma tão similar ao que acontece em São Luís, no Maranhão, sem que essas pessoas nunca tenham se encontrado? Isso é parte de uma história sociocultural, que vem de herança de muitas gerações e da qual essas mulheres e suas práticas são testemunhas vivas.

Essa visão depreciativa sobre o Cerrado é uma construção política, social e cultural.

IN: O Cerrado é muito negligenciado, muitas vezes entendido como uma área feia e sem vida, mas ele é o contrário disso. Além de abrigar uma enorme diversidade de fauna e flora, o Cerrado é lar de muitas pessoas. Quem são os povos do Cerrado e como eles se relacionam com o bioma?

DA: Essa visão depreciativa sobre o Cerrado é uma construção política, social e cultural. Ela também tem a ver com um certo entendimento de que a natureza é objeto de conquista humana e que, por exemplo, o desmatamento voltado para a produção em larga escala seria equivalente à ideia hegemônica de desenvolvimento. Isso também diz respeito a um entendimento muito consolidado, que houve durante muito tempo em relação à Amazônia, de que ela deveria ser ocupada para ser desenvolvida, mas, no caso da Amazônia, houve uma transformação muito grande desse entendimento. Eu acho que o olhar sobre a Amazônia está muito voltado para a exuberância da floresta, enquanto em relação ao Cerrado fala-se muito, por exemplo, das árvores tortas. A Amazônia foi ganhando espaço no pensamento ambiental mundial — que teve uma virada na década de 1970, com as primeiras grandes conferências da ONU e os primeiros relatórios que se referem à devastação ambiental —

e se tornou um grande centro das preocupações ambientais globalmente. Isso teve muitos rebatimentos no Brasil, já que foi se configurando uma separação de perspectivas entre, por um lado, uma Amazônia a ser preservada e, por outro, toda uma ideia do Cerrado como um espaço vazio e de povos atrasados a ser desenvolvido, inclusive como parte de uma estratégia para conter o avanço da fronteira agrícola sobre a Amazônia. Mas isso vinha se construindo desde antes. Por exemplo, a ida de Brasília para o Planalto Central e as grandes rodovias que foram feitas para integrar a capital federal às capitais amazônicas, sobretudo, estavam muito embasadas nessa lógica de que precisamos ocupar o Brasil Central. Então, historicamente, o Cerrado foi visto como um lugar que não tem importância ecológica nem cultural, logo, pode ser devastado. Essa ideia foi se constituindo em projetos e programas de ocupação, de colonização, de investimento em pesquisa para desenvolver variedades de soja adaptadas a essas latitudes, com a própria criação da Embrapa em 1973 sendo central nisso. E, enquanto isso, os povos que estão na região há tantas gerações foram sendo expulsos, empurrados e cercados cada vez mais.

No Cerrado existe uma diversidade enorme de povos, que tem a ver com a própria diversidade biológica dessa região ecológica. Esses povos coconstituíram o Cerrado ao longo de muitas gerações. Enquanto colaboradora da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, tenho trabalhado com outros pesquisadores para recuperar o entendimento da formação geo-histórica do Cerrado: quando houve o último recuo da glaciação Würm, há mais ou menos 13 mil anos, o clima do planeta foi se tornando mais quente e mais úmido, fato que favoreceu a expansão das florestas. A floresta tomou conta de toda essa área de savana que existia onde hoje é a Amazônia, e o Cerrado se espalhou um pouco mais para áreas onde não estava antes. Ao mesmo tempo que esse processo aconteceu, já havia ocupação humana aqui. Vale lembrar que o fóssil humano mais antigo encontrado no Brasil — que é Luzia, do Cerrado ao norte de Minas Gerais — é datado de aproximadamente 13 mil anos. Ou seja, o Cerrado na sua delimitação atual foi sendo constituído em interação com a presença humana. E, como nos lembra o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, grande estudioso do Cerrado com quem tenho colaborado nos últimos anos, nenhum povo, comunidade ou grupo social habita um lugar sem aprender, sem produzir conhecimento. Não se vive em um lugar sem aprender a se alimentar: daí agricultura, caça, pesca, coleta. Não se vive em um lugar sem aprender a se abrigar: daí arquitetura. Esses conhecimentos vão sendo desenvolvidos na própria convivência com o meio e têm a ver com essa coconstituição do Cerrado com os povos.

De acordo com o levantamento da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, a partir das bases da Funai e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), há 117 povos indígenas no Cerrado e suas zonas de transição, vivendo em 338 Terras Indígenas, das quais cerca de 60% estão atualmente regularizadas na Funai. O próximo censo do IBGE vai incluir as comunidades quilombolas pela primeira vez, mas os dados atuais do instituto e da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq), sistematizados pela Campanha, apontam para algo em torno de 1.500 comunidades quilombolas no Cerrado e suas zonas de transição. Cerca de metade delas tem certificado de autorreconhecimento emitido pela Fundação Cultural Palmares e menos de 5% com território titulado pelo Incra ou órgãos de terras estaduais. Além destas, há outras diversas comunidades tradicionais, bastante invisíveis nas bases públicas, embora sua existência e importância sejam reconhecidas por diversos instrumentos normativos. Essas comunidades tradicionais do Cerrado costumam se autodenominar a partir dos elementos da paisagem com os quais sua convivência é mais intensa e mais importante para suas práticas produtivas e culturais. Por exemplo, as comunidades de quebradeiras de coco babaçu; as apanhadoras de flores sempre-vivas; as raizeiras; os retireiros e retireiras do Araguaia, que se retiram dos varjões do Araguaia quando as planícies são inundadas pela cheia do rio; as comunidades de fundo e fecho de pasto; os geraizeiros, que vivem e produzem entre os gerais e os vales; os ribeirinhos; os brejeiros; os vazanteiros; os veredeiros. Portanto, os lugares, as paisagens, os elementos do Cerrado acabam sendo os elementos que os povos usam para se autodenominar, porque eles têm uma vida totalmente conectada a essa região. Esses povos indígenas, quilombolas e tradicionais têm uma relação com o Cerrado de coconstituição, de cuidado, de amor, de multiplicação da diversidade e de identificação muito profunda, a ponto de tantos deles se autodenominarem com elementos do próprio lugar onde vivem.

IN: Existe uma visão dicotômica e colonialista que coloca pessoas e biodiversidade em oposição, mas essa relação pode, sim, ser sustentável, profícua e harmônica. Como os povos do Cerrado ajudam a conservar a biodiversidade do bioma?

Esses povos indígenas, quilombolas e tradicionais têm uma relação com o Cerrado de coconstituição, de cuidado, de amor, de multiplicação da diversidade e de identificação muito profunda.

DA: Os povos fazem uso público e reconhecido do Cerrado, o que vai muito além de meramente ajudar a conservar. A diversidade biológica do Cerrado foi construída a partir da interação dos povos com o meio. O Brasil tem uma arqueologia que se diferencia daquela que habita nosso imaginário, de pensar e olhar para grandes construções, mas que olha para onde estão concentradas determinadas espécies para entender que ali é uma área de ocupação humana antiga, porque os povos indígenas tinham esse papel de levar sementes em seus trânsitos. As áreas da Amazônia onde estão concentrados os castanhais, por exemplo. A floresta foi literalmente construída pelos povos. Quando nós explicamos que a Amazônia cresceu sobre uma área que era savana e onde foi se estabelecendo a presença humana, nós conseguimos enxergar como essa presença teve importância na formação dos diversos ecossistemas e ainda tem. E no Cerrado não é diferente. Muito da diversidade biológica que existe nele é fruto da seleção de variedades e do manejo dos ecossistemas. Por exemplo, o Cerrado tem uma característica muito importante na relação das paisagens com o fogo. Os campos de flores sempre-vivas têm a rebrota fortalecida pelo manejo do fogo feito a partir de saberes tradicionais. Em muitas áreas de Cerrado, o manejo do fogo tem papel fundamental para a contenção de incêndios, para diminuir a disponibilidade de matéria orgânica, que pode gerar incêndios catastróficos. As comunidades tradicionais que trabalham com a solta do gado, como fecho de pasto e geraizeiros, também têm por prática fazer o manejo do fogo para a rebrota das pastagens.

Muito da diversidade biológica que existe nele é fruto da seleção de variedades e do manejo dos ecossistemas.

Todo esse conhecimento foi desenvolvido ao longo de centenas e até milhares de anos, a partir de teste, inovação, adaptação; é um saber que vai sendo herdado, adaptado e construído continuamente. Esses povos não somente conservam a biodiversidade, mas literalmente multiplicam a biodiversidade a partir das escolhas que fazem, e eles também dão destino para o uso humano, social e cultural dessa biodiversidade. É uma multiplicação que foi encontrando destinos para essa biodiversidade, não somente como algo que fica apartado, mas como algo que é aproveitado, manejado, conservado, multiplicado e destinado, que faz parte da cultura de quem vive no Cerrado. O próprio consumo do pequi em tantas partes do Cerrado, que é alimento fundamental na mesa das famílias, foi uma descoberta das pessoas que convivem com o pequi, não houve um cientista que disse que o pequi poderia ser consumido.

IN: Se falarmos sobre as plantas medicinais, são muitas e muitas espécies... É uma ignorância tremenda achar que, porque no Cerrado não tem as árvores exuberantes da floresta, não tem ali riqueza e potencial. Nós estamos destruindo o Cerrado sem conhecer o Cerrado e, assim, podemos estar destruindo a cura de doenças e espécies de que a humanidade precisa.

DA: Isso me fez lembrar de um conjunto de comunidades tradicionais, que são as raizeiras do Cerrado, com um protagonismo impressionante das mulheres, que têm a Articulação Pacari, envolvendo raizeiras de vários estados do Cerrado. De novo, um segmento de comunidade tradicional cuja autodenominação se relaciona com as raízes, frutas e plantas medicinais e que têm um trabalho belíssimo com a farma-copeia popular, que elas próprias construíram, documentando uma variedade de espécies e usos dessas medicinas tradicionais. Essas raizeiras sofrem com a destruição da vegetação, que vai gerando a escassez das espécies e, por outro lado, com a criminalização dessas medicinas e práticas medicinais tradicionais. Portanto, há uma luta muito grande pelo reconhecimento do trabalho das raizeiras, parteiras e curandeiras tradicionais. Há uma outra ameaça sofrida por elas, que é a apropriação por meio da propriedade intelectual, é a apropriação privada da biodiversidade. Ou seja, aquele remanescente de vegetação que está sendo mantido em pé pela presença desses povos vai sendo privatizado a partir dos diversos patenteamentos sobre princípios ativos que esses povos descobriram e continuam aplicando. Na verdade, a ciência, muitas vezes, rouba um conhecimento já existente e que é praticado pelos povos originais.

O movimento dos seringueiros tem um papel muito importante historicamente em deixar claro que os modos de vida desses povos têm tudo a ver com manter a floresta em pé.

IN: Os povos, a diversidade e a sustentabilidade do ambiente estão lado a lado, são intrincados. Mas ocorre de algumas atividades realizadas pelos povos tradicionais serem criminalizadas. Como você vê a relação das instituições legais com os povos do Cerrado?

DA: Ao mesmo tempo que existe uma visão de que a natureza é um objeto de conquista para o desenvolvimento, também existe outra visão de que a natureza é intocada, uma espécie de “biocracia”, que trata como inimigos do meio ambiente os povos que, de fato, construíram essa diversidade. O Brasil é, possivelmente, o país no mundo que mais

fez por desmistificar essa ideia, esse “mito da natureza intocada”, tal como analisado pelo antropólogo brasileiro Antônio Carlos Diegues. Por exemplo, o movimento dos seringueiros, liderado por Chico Mendes, tem um papel muito importante historicamente em deixar claro que, na verdade, os modos de vida desses povos têm tudo a ver com manter a floresta em pé e que, portanto, fortalecer suas territorialidades é uma forma de conservar a floresta. O movimento socioambientalista e os

Precisa haver um diálogo mais horizontal de saberes, que possa promover o aprendizado coletivo e respeitar o que esses povos tanto têm a oferecer para a conservação ambiental.

historicamente manejaram; ou o mosaico de unidades de conservação demarcadas sobre os territórios quilombolas do Jalapão, no Tocantins. Ainda há um desafio muito grande no âmbito socioambiental, no diálogo com a política ambiental brasileira, sobre o tratamento que instituições como o Ibama têm que dar em relação aos povos tradicionais. Tem que ser um diálogo de saberes, tem de ter humildade e reconhecer que quem mais conhece aqueles lugares não é o biólogo que, às vezes, acabou de sair da universidade ou está há apenas alguns anos atuando naquela região, e que se equivoca ao desmerecer o saber historicamente desenvolvido por quem nasceu, cresceu ali e ouviu e aprendeu com os avós. De fato, precisa haver um diálogo mais horizontal de saberes, que possa promover o aprendizado coletivo e respeitar o que esses povos tanto têm a oferecer para a conservação ambiental.

IN: Quais são as ameaças que os povos tradicionais do Cerrado estão sofrendo neste momento? E quais são suas reivindicações?

DA: Nos últimos três anos, fizemos um mapeamento de conflitos e problemáticas no Cerrado, a partir do processo do Tribunal Permanente dos Povos (TPP). O TPP é um tribunal de opinião, não é um tribunal oficial, não é vinculante juridicamente, mas existe há mais de 40 anos a partir de um primeiro tribunal liderado pelo filósofo Bertrand Russell para julgar os crimes de guerra dos Estados Unidos no Vietnã e, depois, os crimes da ditadura de Pinochet no Chile. O Tribunal Permanente dos Povos tem

sede em Roma e, ao longo desses 40 anos, já fez diversas sessões sobre temas diferentes ao redor do mundo. Em 2019, nós fizemos uma petição para haver uma sessão específica sobre o Cerrado. Aí veio a pandemia e o processo teve que ser adiado, mas continuamos trabalhando virtualmente, até que, finalmente, conseguimos fazer a audiência final presencial em julho de 2022, com foco na dimensão de Terra e Território. Antes disso, ao longo de 2021 fomos realizando algumas audiências temáticas sobre Águas e sobre Soberania Alimentar e Sociobiodiversidade. Essas audiências foram sistematizando as principais ameaças em torno de 15 casos, que, a nosso ver, representam uma realidade mais ampla do Cerrado, tanto porque estavam nos oito estados com maior cobertura de Cerrado, como porque consistem em uma diversidade de povos envolvidos, e também pela variedade de tipos de problemática enfrentada.

Na dimensão Águas, as ameaças principais são a agricultura irrigada por pivôs centrais ou barragens e canais de irrigação e o desmatamento sobre as áreas de recarga hídrica, que têm gerado a morte ou a diminuição da vazão histórica de diversos rios. A vegetação do Cerrado tem raízes muito profundas, às vezes muito mais profundas que a parte da árvore que está sobre a superfície, e essas raízes têm um papel hidrológico fundamental de captar água da chuva e infiltrar os lençóis freáticos e aquíferos. Não à toa, é no Cerrado que estão dois dos principais aquíferos brasileiros, o Guarani e o Urucuia-Bambuí. No Cerrado, que é esse grande berço das águas, estão concentrados 75% dos pivôs centrais para agricultura irrigada do Brasil. Portanto, essa questão da diminuição da vazão e morte dos rios é uma das ameaças centrais, muito denunciada pelas comunidades. A contaminação de alguns rios por rejeitos de minério em razão de grandes desastres de mineração, especialmente em Minas Gerais, também é uma questão, assim como a contaminação das águas por agrotóxicos. O índice de intoxicação e adoecimento por agrotóxicos é muito grande.

Na dimensão Soberania Alimentar e Sociobiodiversidade, a contaminação por agrotóxicos teve muita centralidade. Foram muitos os relatos de adoecimento; índices de câncer altíssimos, que não existiam anteriormente; casos de abortamento materno e contaminação do leite materno. A pulverização aérea de agrotóxicos também é algo muito grave, pois pode acontecer em uma fazenda vizinha, mas a deriva técnica leva para o ar, gerando erosão da agrobiodiversidade: as comunidades relatam a perda de variedades tanto em áreas onde costumavam coletar quanto em suas próprias roças, onde eles plantam, mas a espécie não vinga por causa da pulverização aérea, que muitas vezes atinge diretamente o território deles. A contaminação dos agrotóxicos também chega pelas águas. Tudo isso, associado ao desmatamento, vai provocando a perda desses campos de agroextrativismo e afetando as áreas de

cultivo tradicional. O desmonte de políticas de segurança alimentar e nutricional é outro problema. Programas como o Programa de Aquisição de Alimentos promoviam compras públicas e fomentavam a produção camponesa. E isso também foi apontado como um problema seríssimo de falta de acesso dos pequenos produtores ao mercado, de desmonte de feiras e de políticas de reforma agrária, em um momento em que a fome e a insegurança alimentar são um problema generalizado no Brasil. E tem também aquela questão da privatização da biodiversidade, muito denunciada pelas raizeiras e pelas quebradeiras de coco babaçu, que são invisibilizadas e são tratadas como meras fornecedoras de matéria-prima para a indústria, como a de cosméticos, por exemplo, que não lhes dá reconhecimento.

A última dimensão que tratamos, e talvez a base de todas as outras, foi Terra e Território. E as ameaças centrais são a não titulação sistemática dos territórios tradicionais; e o estrangulamento da política de assentamentos de reforma agrária, com, por um lado, a não instituição de novos assentamentos e, por outro, o processo de titulação individual de assentamentos, que abre espaço para que os assentados sejam assediados para vender suas terras. No caso da não titulação sistemática de territórios tradicionais, nós chegamos a fazer um levantamento e notamos que menos

As áreas onde o Cerrado segue em pé são justamente as áreas de ocupação tradicional.

de 5% dos territórios quilombolas do Cerrado são titulados, o que deixa as comunidades em uma situação de insegurança fundiária diante dos grileiros e pistoleiros. Nas demais comunidades tradicionais, os dados são ainda menos disponíveis, mas a situação é ainda pior. Isso significa que essas comunidades estão muito vulneráveis ao assédio de grileiros, às vezes defendendo o território com os próprios corpos, colocando-se na frente do correntão que os grileiros usam para desmatar e ocupar os territórios tradicionais ainda não titulados. Contamos com diversos mapas que mostram que as áreas onde o Cerrado segue em pé são justamente as áreas de ocupação tradicional, portanto, titular territórios é a principal forma de conter o desmatamento, além de ser uma questão de direitos desses povos.

IN: Como as políticas públicas podem impactar o Cerrado?

DA: Não tem como combater o desmatamento sem olhar para a titulação de terras e o combate à grilagem. No processo do TPP, construímos uma agenda de propostas que podem se tornar projetos de lei e ser implementadas por meio de políticas públicas. Precisamos, por exemplo,

aumentar o controle do uso de agrotóxicos e proibir a pulverização aérea. Devemos ter mais limites, não se pode fazer uso de agrotóxicos próximo a escolas, áreas de criação de abelhas ou outros territórios, os limites devem ser muito claros e ampliados. Também é preciso conter os organismos geneticamente modificados, que contaminam os cultivos de sementes nativas. Outro ponto importante para responder às principais reivindicações das comunidades do Cerrado é retomar e fortalecer as políticas de reforma agrária e de compras públicas da produção. Essas seriam algumas das políticas de fomento à produção camponesa. Além disso, é fundamental avançar na titulação de todos os territórios tradicionais reivindicados, investigar e desapropriar os grileiros e proteger especialmente as áreas de recarga hídrica do desmatamento desenfreado que está matando os rios do Cerrado.

IN: Proteger o Cerrado também é proteger os povos tradicionais que o habitam. Como nós podemos ajudar a manter o Cerrado vivo?

DA: Eu acho que é uma conjugação de grandes reivindicações e pequenas práticas cotidianas. O primeiro passo é conhecer o Cerrado — não só visitar fisicamente, mas conhecer —, e esse projeto do Inhotim tem um papel fundamental nisso, porque tem potencial para furar a bolha e alcançar muitas pessoas. Eu acho que nós defendemos mais um lugar quando estamos encantados por ele, e o Cerrado está aí para encantar quem estiver aberto a conhecê-lo. As pessoas precisam sentir que a defesa do Cerrado é algo que faz sentido e se mobilizar. Em relação às pequenas ações, as pessoas precisam ficar atentas se o candidato em quem elas vão votar defende o Cerrado e demandar que os candidatos promovam projetos de lei de defesa do Cerrado. No cotidiano, comprar nas feiras, comprar da agricultura familiar e camponesa, comprar da produção que esses povos fazem e priorizar os produtos do Cerrado — quem vive na região, sobretudo, mas não somente. Usar os azeites do Cerrado, por exemplo, para quem vive nas regiões de quebradeiras de coco, usar o azeite do babaçu. Aprender a usar o babaçu, cuja farinha faz bolos, biscoitos, mingau e outras receitas deliciosas. Provar a culinária do Cerrado. Eu acho que esse tipo de aproximação vai fazendo com que a nossa defesa do Cerrado evolua das práticas cotidianas a um olhar mais amplo. Sobretudo entender que, claro, nós, enquanto cidadãos, podemos fazer coisas importantes nas nossas práticas cotidianas, mas precisamos fazer um enfrentamento de

Nós defendemos mais um lugar quando estamos encantados por ele, e o Cerrado está aí para encantar quem estiver aberto a conhecê-lo.

um projeto de país, que se coloca atualmente como plataforma exportadora de commodities, para servir a uma indústria sobretudo de carne (porque boa parte do que nós produzimos no Cerrado é alimento de ração animal para a China e para a Europa). O Brasil destina o equivalente ao território da Itália para o monocultivo de soja para exportação. Quando nós pensamos nisso, é este o projeto de país que queremos como cidadãos? Vamos olhar para outras economias e outras práticas socioculturais que existem e refletir sobre que tipo de economia queremos promover. Isso tudo faz parte do desenvolvimento de um vocabulário político e de um olhar para o Cerrado entendendo que ele está

Ser do Cerrado é, acima de tudo, o que nós podemos dizer dos seres humanos e não humanos que constituem e mantêm essa região viva, bela e rica em sua diversidade biológica e cultural, que é patrimônio de todos nós.

no centro dessa disputa: 75% da soja cultivada no Brasil é cultivada no Cerrado. Eu me refiro à soja porque 90% da área plantada com grãos neste país é para soja e milho. Digamos que é a commodity de referência desse projeto de devastação, que envolve organismos geneticamente modificados e seus pacotes tecnológicos, uso intensivo de agrotóxicos, desmatamento, expansão da grilagem e todas essas ameaças de que falamos antes, que estão associadas à expansão de um modelo monocultural sobre o Cerrado. Esse projeto que fez com que o Tribunal Permanente dos Povos julgasse o Estado brasileiro, condenando-o pelo crime

de ecocídio e genocídio dos povos, entendendo que essa devastação que vem ocorrendo há mais ou menos 50 anos e que já destruiu mais da metade da vegetação nativa é, ao mesmo tempo, a destruição da base material dos modos de vida desses povos. Quando nós entendemos genocídio não somente como extermínio físico, mas também como ataques sistemáticos à identidade cultural de um grupo — e sabendo que esses povos são reconhecidos pela Constituição Brasileira, pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e pelo Decreto nº 6040, de 2008, como povos culturalmente diferenciados —, entendemos que a destruição das condições da sua reprodução socio-cultural é um processo de genocídio. O Tribunal Permanente dos Povos entendeu que há um processo em curso de ecocídio e genocídio no Cerrado, pelo qual o Estado brasileiro foi o principal condenado e outros entes nacionais e internacionais, privados e públicos, foram também condenados por sua responsabilidade compartilhada.

IN: Ser do Cerrado é o nome do projeto que o Inhotim está realizando junto com o Ministério Público de Minas Gerais. Queremos trazer o

Cerrado para perto, mostrar que ele é parte fundamental na vida dos brasileiros. Para você, o que é ser do Cerrado?

DA: O Cerrado está no centro da minha agenda de pesquisa e de atuação como ativista. Portanto, nesse sentido de compromisso e dedicação, para mim, ser do Cerrado é amar, cuidar e defender o Cerrado e seus povos. E, pensando nisso, eu me considero mais do Cerrado do que muita gente que nasceu lá, que sempre viveu lá, mas que olha para o Cerrado com sede de acumular riqueza para si, destruindo a riqueza que é de todos. No sentido de amar, cuidar e defender, ser do Cerrado é, acima de tudo, o que nós podemos dizer dos seres humanos e não humanos que constituem e mantêm essa região viva, bela e rica em sua diversidade biológica e cultural, que é patrimônio de todos nós.

MARIA AUXILIADORA (DODORA) DRUMOND

Bióloga especialista em planejamento de áreas protegidas; mestre e doutora em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre; professora do Departamento de Genética, Ecologia e Evolução da Universidade Federal de Minas Gerais; e coordenadora do Laboratório de Sistemas Socioecológicos da UFMG. Possui experiência e trabalha com planejamento e gestão de áreas protegidas, sistemas socioecológicos, educação ambiental emancipatória, manejo e gestão adaptativa e participativa de recursos naturais e educação, formal e não formal, em Ecologia e outras áreas relacionadas à conservação da natureza. Desde 2004, desenvolve um projeto de pesquisa e extensão em Paraopeba (MG), onde várias iniciativas de educação ambiental e manejo sustentável foram realizadas junto à comunidade quilombola de Pontinha, dando origem aos projetos Minhocuçu e Pequi.

Entrevista concedida em 19 de agosto de 2022
e mediada por Sílvia Almeida e Lorena Vicini.

Inhotim: O Cerrado é o bioma predominante em Minas Gerais, mas o senso comum relaciona o Cerrado mineiro com algumas regiões específicas, como a região cafeeira no oeste do estado ou o sertão retratado na literatura de Guimarães Rosa, ao norte. Tem Cerrado no centro de Minas?

Dodora Drumond: A região central de Minas Gerais ainda tem Cerrado, mas é um bioma que pode ser transformado a qualquer momento por projetos do agronegócio. Existe muita pastagem nessa região, mas ainda existe Cerrado a ser valorizado e que é muito importante para as comunidades que vivem ali, principalmente os pequenos proprietários rurais e os quilombolas. Portanto, eu acho que nós temos que valorizar o Cerrado e, com esse objetivo, juntar forças.

IN: Como começou o seu trabalho com o minhocuçu e com as comunidades no Cerrado da região central de Minas?

DD: Eu sou bióloga, mas sempre me interessei muito pela interação entre pessoas e o ambiente. Em 2001, o Ibama me chamou para fazer um trabalho participativo na região do Paraopeba, e eu fiquei sabendo do conflito socioambiental envolvendo a invasão de propriedades rurais por conta da coleta do minhocuçu (*Rhinodrilus alatus*). O minhocuçu ocorre tanto em áreas de Cerrado quanto em áreas de pastagem e eucaliptais onde antes existia Cerrado, ele consegue sobreviver nessas áreas. Daí veio o conflito pela invasão de propriedades privadas, a invasão de pastagens e áreas de plantação de eucalipto por parte dos minhoqueiros, inclusive com conflitos fundiários com a comunidade quilombola de Pontinha.

Em 2004, o Ministério Público do Estado de Minas Gerais convocou uma audiência para analisar esses conflitos. Na audiência, estavam presentes o pessoal do sindicato dos produtores rurais; o pessoal do Ibama; os comerciantes e extrativistas de minhocuçu; a Polícia Militar

(porque o negócio lá era bravo); e eu, com o meu projeto de tese. Eu defendi que nós tínhamos que estudar esse conflito socioambiental antes de qualquer decisão. E o promotor, muito legal, disse que o meu projeto de doutorado entraria no inquérito civil, que foi instaurado por conta dessa denúncia de invasão de propriedades vinda do sindicato dos produtores rurais. O projeto entrou nesse inquérito civil, e eu comecei a desenvolver o estudo, tanto na área social quanto na área ambiental.

IN: Quais eram os conflitos exatamente?

DD: O estado do conflito era a invasão de propriedade privada sem o conhecimento e o aval por parte do proprietário, com o uso do fogo e o uso da espécie na sua época de reprodução. E o conflito era feio. Há relatos de fazendeiros que arrastaram minhoqueiros no carro. Há um his-

tórico de apreensão dos pequenos enxadões que eles usam para extrair as minhocas e das bicicletas que eles usavam quando entravam na propriedade. A questão do uso do fogo também era constante, porque os minhoqueiros botavam fogo para identificar as últimas fezes do minhocuçu antes de entrar na “panela” onde

ele fica durante todo o período de seca. E aqui eu preciso falar um pouco dos hábitos do minhocuçu: eles têm uma estratégia adaptativa, que é se abrigar em câmaras de estivação que ficam desde 10 centímetros até mais de meio metro abaixo da superfície do solo. Os minhoqueiros capturaram o minhocuçu quando ele está nessa câmara, que eles chamam de “panela”. E, para extrair o minhocuçu dali, os minhoqueiros revolvem bastante a terra. Outro problema que havia era a captura do minhocuçu durante o período de reprodução, que é na época das chuvas. Dependendo do ano, vai de novembro até março. O minhocuçu sai dessa câmara, encontra com outro, se cruzam e botam ovos.

IN: Qual a importância do minhocuçu para o ecossistema? E que funções ecológicas e sociais ele assume?

DD: Lógico que o minhocuçu tem seu papel ecológico, relacionado com a ciclagem dos nutrientes e a oxigenação do solo. Mas nós temos que levar em consideração também o papel fundamental que ele assume na vida das pessoas. Existem pessoas que vivem exclusivamente da captura dessas minhocas, a exemplo da comunidade quilombola de Pontinha, em que o grande meio de subsistência é a coleta de minhocuçu. A captura

de minhocuçu ocorre desde 1930, 1935, ou seja, é quase um século de extração. Um século de uso sem indicadores maiores de esgotamento da espécie e, portanto, havia ali alguma coisa que nós precisávamos conhecer. Primeiro, quem vive desse bicho? Quem são essas pessoas? Que tipo de impacto, realmente, essa extração causa no ambiente?

Eu não sabia nada sobre minhocas, não existia material bibliográfico sobre essa espécie, era muito difícil estudar esse animal. Nós não conseguimos capturar. Quem consegue capturar minhocuçu e conhece muito bem seus hábitos e sua biologia são os minhoqueiros, que vivem disso há quase 100 anos.

IN: É muito difícil capturar minhocuçu?

DD: É um negócio absurdo de difícil. O processo envolve muitas habilidades. Antes de entrar na “panela”, o minhocuçu limpa o intestino, ou seja, ele deixa na superfície do solo as últimas fezes, que são diferentes das fezes de quando ele está se alimentando. Os minhoqueiros chamam essas fezes de “amarelinho”, porque são mais lisas do que as outras fezes. Eles encontram esse “amarelinho” e começam a cavar com um enxadão de cabo curto, e não pode ser uma enxada qualquer, porque o solo do Cerrado é muito duro na época de seca. Então eles fazem uma enxada específica com arado de trator. Eles constroem essa enxada, porque uma enxada normal quebra na primeira enxadada. Daí, eles encontram a galeria, e há toda uma artimanha: eles sopram na galeria, e se o barulho for oco, o bicho não está na “panela”; mas, se o barulho for mais denso, então, tem bicho lá dentro. Eles pegam um ramo flexível e introduzem na galeria até a “panela”. Se o ramo sair molhado, é porque o minhocuçu está lá; se não sair molhado, não tem minhocuçu e não adianta continuar cavando.

A captura de minhocuçu ocorre desde 1930, 1935, ou seja, é quase um século de extração.

IN: O que levou o minhocuçu a ser considerado uma espécie vulnerável?

DD: Primeiro, é importante explicar que existe uma classificação da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza) que vai desde “espécie extinta” até em situação “menos preocupante”. Dentro das espécies “ameaçadas”, há três níveis de classificação: “criticamente em perigo”, “em perigo” ou “vulnerável”. A IUCN faz uma classificação mundial das espécies sobre as quais existem informações. Existem grupos de especialistas ligados à IUCN que alimentam a *Lista Vermelha das Espécies*

Ameaçadas, mas o minhocuçu não foi avaliado pela IUCN. Quando comecei o projeto, em 2004, o minhocuçu estava na lista brasileira de espécies ameaçadas e na lista de espécies ameaçadas do estado de Minas Gerais. Embora não tivesse tanta informação, era uma espécie considerada ameaçada porque se sabia que ela era muito utilizada como isca para a pesca amadora e também porque se considerava que a sua distribuição era restrita a apenas dois municípios: Sete Lagoas e Paraopeba. No entanto, não havia muitas informações que respaldassem essa classificação.

Eu cheguei lá em 2004, e todos os minhoqueiros fugiam de mim. Foram dois anos construindo relações de confiança com eles antes de eu começar a, realmente, ter algum tipo de informação. E eu só tive esse tipo de informação, porque eu os acompanhava. Na primeira reunião com eles, fizemos o primeiro mapa falado e eles indicaram que, em vez de dois municípios, Sete Lagoas e Paraopeba, eram 17 os municípios onde havia ocorrência do minhocuçu.

IN: Então foi isso que despertou sua atenção para fazer uma revisão do status de conservação do minhocuçu?

DD: A partir das informações que fui levantando com os minhoqueiros, eu comecei a pensar que algo não se enquadrava nos critérios da IUCN para considerar aquela espécie ameaçada. Então, nós fomos nos 17 municípios indicados por eles no mapa falado. Os minhoqueiros fizeram a coleta de minhocuçu em cada um desses municípios, nós identificamos e enviamos para um especialista para a identificação da espécie. Eram realmente da mesma espécie, *Rhinodrilus alatus*. Fizemos estudos ecológicos e observamos que o minhocuçu, assim como outras espécies de minhocas, também tem uma capacidade de recomposição populacional grande. Por exemplo, se você capturar em uma área durante um ano e deixar a mesma área em descanso no ano seguinte, no terceiro ano a população já se recomposta, pelo menos parcialmente. A partir dos dados coletados, em 2006 nós iniciamos o processo de reavaliação do estado de conservação da espécie, entendendo que não se tratava de uma espécie ameaçada de extinção, segundo os critérios da IUCN, que são os mesmos utilizados no Brasil. Em 2010, a espécie foi retirada da lista estadual e em 2011 fizemos, como o ICMBio, uma avaliação do estado de conservação da espécie, que foi publicada na *Revista Biodiversidade Brasileira*. Em 2014 a nova lista de espécies brasileiras ameaçadas foi publicada no *Diário Oficial*, na qual não constava o minhocuçu *Rhinodrilus alatus*.

IN: Esse era um passo importante para descriminalizar a atividade secular de coleta de minhocuçu?

DD: Sim, legalmente não poderia haver manejo da espécie antes disso. Não se pode fazer manejo na natureza de uma espécie considerada ameaçada de extinção. Mas o processo não acabou, infelizmente. Falta a regulamentação do manejo. Acontece que, em 2015, houve um desentendimento sobre qual seria o órgão responsável por essa regulamentação: o Ibama dizia que era o IEF, e o IEF achava que era o Ibama. Em 2017, o Ministério Pùblico Federal chamou o Ibama, o IEF e outros setores para uma reunião e, então, o Ibama assumiu a responsabilidade do manejo da espécie. No entanto, novo parecer foi negativo com relação à possibilidade de manejo na natureza. Assim, a história toda voltou alguns passos e, em 2020, nós recebemos o parecer positivo do Ibama, e construímos — o pessoal do Laboratório de Sistemas Ecológicos da UFMG e profissionais do Ibama — uma Instrução Normativa, que se encontra em avaliação pelo Ibama de Brasília.

IN: Enquanto o processo de revisão do status de conservação do minhocuçu tramitava, você foi desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão em Paraopeba. Conte um pouco sobre os projetos Minhocuçu e Pequi. Qual foi a motivação para realizá-los?

DD: No início do doutorado, eu fiz um diagnóstico e vi que aproximadamente 3 mil pessoas viviam da extração do minhocuçu na região, o que não é pouca gente. A atividade é fundamental para o sustento das famílias, principalmente da comunidade quilombola de Pontinha, em Paraopeba, e de uma comunidade de São José da Lagoa, no município de Curvelo. E havia aqueles muitos conflitos dos quais já falamos.

Eu fiz mais de 30 reuniões durante o doutorado, primeiro só com os minhoqueiros, depois com as instituições (Ministério Pùblico, Polícia, Secretaria do Meio Ambiente, IEF, Ibama), depois com proprietários rurais. Depois de dois anos, em 2006, fizemos uma oficina de gestão participativa com 83 pessoas de todos os setores. Nessa oficina, nós montamos um painel, um varal de ideias. Todas as ideias que surgiram, dos diferentes setores, foram colocadas nesse varal. E aí apareceram coisas como “o minhoqueiro usa o fogo para coletar o minhocuçu”, e os minhoqueiros, por outro lado, colocaram no painel “o fazendeiro coloca fogo e fala que

Eu fiz um diagnóstico e vi que aproximadamente 3 mil pessoas viviam da extração do minhocuçu na região, o que não é pouca gente. A atividade é fundamental para o sustento das famílias.

é o minhoqueiro". Então, foi preciso fazer a mediação dessa e de outras discussões. Finalmente, chegamos a um acordo com vários pontos, como: não fazer coleta de minhocuçu no período reprodutivo e deixar de usar o fogo durante a extração.

Quando decidimos nessa reunião por não capturar minhocuçu durante a época de reprodução da espécie, os minhoqueiros per-

Fizemos um acordo de cavalheiros, que passou a ser seguido por eles como se fosse lei. Tanto que, se você observar o que se passa agora nessa região, verá que os conflitos diminuíram muito.

se a época de reprodução do minhocuçu coincide com a de frutificação do pequi, então, por que não começarmos um projeto para fazer o uso do fruto durante esse período? Foi assim que começou o projeto Pequi.

IN: Como a comunidade respondeu às indicações de manejo sustentável do minhocuçu?

DD: Eles seguem as orientações, até porque eles fizeram parte da construção de todas as propostas. Fizemos um acordo de cavalheiros, que passou a ser seguido por eles como se fosse lei. Tanto que, se você observar o que se passa agora nessa região, verá que os conflitos diminuíram muito. Eu tive uma reunião na Prefeitura de Paraopeba em junho de 2022, e eles falaram que estão acompanhando o projeto há muito tempo e os conflitos praticamente acabaram.

IN: É muito interessante perceber a relação de parceria criada entre a academia e os povos tradicionais nesses dois projetos. O que você aprendeu com a comunidade quilombola de Pontinha?

DD: Não só com a comunidade quilombola de Pontinha, mas com todos os extrativistas e comerciantes de minhocuçu com quem tive contato. Eu aprendi muito sobre a espécie, sobre sua distribuição e ciclo anual de vida por meio do acompanhamento da atividade dos extrativistas. E nós

conseguimos construir uma relação de parceria, mesmo. Para levar o conhecimento tradicional das comunidades para mais pessoas, fizemos uma cartilha, que se intitula *Minhocuçu: conservação e sustentabilidade*, que conta todo o processo de aprendizado que nós tivemos. Esse título, inclusive, foi dado por um comerciante, o Colé.

No que se refere à comunidade quilombola de Pontinha, nós publicamos outras cartilhas e vídeos sobre o conhecimento da comunidade sobre as espécies, tanto do minhocuçu quanto do pequi. Na tese de uma ex-aluna de doutorado, a Lorena Cristina Lana Pinto, há um capítulo específico sobre o conhecimento tradicional das pessoas dessa comunidade, em que elas falaram dos usos do pequi, dos bichos que visitam o pequi, explicaram que existem pequis de diferentes sabores: tem pequi amargo, usado mais na produção de sabão, e tem outro, que é utilizado para produzir licor, doce, farinha, etc. Outra coisa muito interessante foi que uma das demandas da comunidade era fazer o óleo do pequi, que é muito valorizado no mercado e pela indústria de cosméticos. Nós descobrimos que, em São José da Lagoa, havia uma senhora que sabia fazer o óleo, a Dona Nenzinha. Ela fez uma oficina para a comunidade de Pontinha ensinando a preparar o óleo de pequi, e nós também fizemos outra cartilha sobre o assunto.

Outro conhecimento muito interessante, que faz parte do TCC de uma aluna, a Júlia de Matos Nogueira, veio de um experimento que ela fez com a germinação de pequis. Ela construiu esse experimento tanto com levantamentos bibliográficos sobre técnicas de germinação quanto com entrevistas com as viveiristas da Floresta Nacional de Paraopeba, que tinham muita experiência com a germinação de pequi.

Nós também fizemos um intercâmbio com a comunidade de Pontinha para o norte de Minas. Eles não tinham experiência nenhuma de organização comunitária e foram ver como funcionava uma cooperativa. Pegamos o ônibus da universidade e fomos para outras cidades, onde eles visitaram as cooperativas, fizeram esse intercâmbio de conhecimentos e voltaram superanimados. Viram as técnicas utilizadas para cortar o pequi e fazer a castanha, que é muito nutritiva. Adaptaram essas tecnologias e estão fazendo a produção de castanha, com a guilhotina que foi feita por uma das pessoas da comunidade. Hoje, nós montamos uma fábrica, que são contêineres adaptados e implantados no quintal da escola municipal de Pontinha. Recentemente, nós implantamos uma fossa séptica e estamos em processo de construção de um sistema para captação de água da chuva e outro de energia fotovoltaica, cuja

É muito legal perceber que eles nos ensinaram muito e que nós também levamos novos conhecimentos para eles.

produção será utilizada pela fábrica e pela escola. Mais uma cartilha sobre tecnologias sustentáveis foi feita.

Então, é muito legal perceber que eles nos ensinaram muito e que nós também levamos novos conhecimentos para eles. Não só aprendemos com eles, como eles também aprenderam conosco e com outras pessoas da região e do estado.

IN: Ser do Cerrado é o nome do projeto que o Inhotim está realizando junto com o Ministério Público de Minas Gerais. Queremos trazer o Cerrado para perto, mostrar que ele é parte fundamental na vida dos brasileiros. Para você, o que é ser do Cerrado?

DD: Para mim, ser do Cerrado é símbolo de força e resistência. Eu fico pensando como o Cerrado se sustenta: ele é uma floresta de cabeça para baixo, porque tem muito mais raiz do que copa nas árvores. A parte

externa, acima do solo, é muito inferior ao que o Cerrado tem de raiz. Isso, para mim, é símbolo de garra, de força, de resistência. Ser do Cerrado é resistência, e nós temos que resistir, porque a ideia que se tem do Cerrado é a imagem de um ambiente torto, inadequado, árido. E, na verdade, não é nada disso. O Cerrado é um ambiente que dá força, não só para uma

O Cerrado é um ambiente que dá força, não só para uma biodiversidade imensa, mas também para as pessoas que vivem nele e dele.

biodiversidade imensa, mas também para as pessoas que vivem nele e dele, como os geraizeiros, os quilombolas, os vazanteiros e outras tantas comunidades tradicionais. Para mim, ser do Cerrado é ser resistência.

Coquinho-azedo (*Butia capitata*) é uma das espécies do Cerrado amplamente utilizadas pelas comunidades tradicionais. Seus frutos podem ser consumidos *in natura* ou na forma de sucos, geleias e sorvetes.





O CERRADO NO INHOTIM



As folhas e flores da gueroba (*Syagrus oleracea*) nascem em cachos. Dos coquinhos, retira-se a amêndoia, utilizada para fazer doce e outras receitas.

O CERRADO NO INHOTIM

Já parou para pensar que, quando falamos em natureza, a primeira imagem que vem à mente é a de uma floresta repleta de árvores verdes e úmidas? Ainda que o imaginário de Brasil seja tomado pela Floresta Amazônica, é preciso reconhecer que a identidade brasileira é formada por paisagens muito diferentes. Capins, arbustos, ervas, palmeiras, flores e frutos de diferentes formas e cores também caracterizam a nossa flora. São ambientes diversos, que abrigam fauna, pessoas e modos de vida também diversos. E só percebendo a beleza que há nessa complexidade de formatos, povos, cores e vegetações que compõem a diversidade do nosso país é que podemos valorizar e defender nossos biomas.

Há muitas belezas na natureza, e o paisagismo é uma forma de ativá-las. Ao planejar e organizar a paisagem para possibilitar às pessoas um maior aproveitamento e fruição de espaços externos, o paisagismo conduz a interação do homem com o meio ambiente, atraindo o olhar e incitando as emoções. É pelo entusiasmo estético que o paisagismo abre portas para a curiosidade e convoca reflexões.

Roberto Burle Marx (1909-1994) foi um dos mais importantes e influentes paisagistas do século 20. Seus jardins, com espaços contemplativos, maciços em grande escala e cores e texturas contrastantes, compõem a paisagem de diversas cidades brasileiras. Apaixonado pelas árvores e outras plantas nativas, ele resolveu usá-las em jardins com formas sinuosas, característica que vai marcar seus trabalhos paisagísticos por toda a vida. Burle Marx gostava de estudar as relações das espécies entre si e com o meio ambiente. Junto com profissionais de diferentes áreas — como botânicos, paisagistas, fotógrafos, artistas e geógrafos —, montava expedições interdisciplinares para observar as plantas em seu habitat natural e conhecer melhor nossa flora. Seu profundo conhecimento botânico também respaldou a criação de jardins que requeriam menos esforços de manutenção e o ajudou a criar projetos paisagísticos reconhecidos mundialmente.

Burle Marx é uma referência importante também para o paisagismo do Instituto Inhotim, que mescla espécies nativas e exóticas de

todo o mundo num convite fascinante ao encantamento. Mas engana-se quem pensa que caminhar pelos jardins do Inhotim é só contemplar sua exuberância. Inserido numa zona de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica — dois dos biomas mais ricos em biodiversidade e, ao mesmo tempo, mais ameaçados do planeta —, o Instituto é um campo fértil para a pesquisa científica e uma ferramenta de conservação e educação ambiental.

Em 2010, o Inhotim foi reconhecido como Jardim Botânico, título atribuído pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB). E, em 2021, filiou-se ao Botanic Gardens Conservation International (BGCI),²⁰ rede que trabalha para conservar a diversidade de plantas em todo o mundo. Os jardins, que começaram a ser construídos já na década de 1980, foram projetados pelo paisagista e artista Pedro Nehring (1955-2023), um dos idealizadores do paisagismo do Inhotim. Entre os anos 2000 e 2004, Luiz Carlos Orsini assinou o projeto paisagístico de 25 hectares. Hoje, o Instituto é referência nacional e internacional em paisagismo tropical contemporâneo. O Inhotim tem mais de 140 hectares de área e está ao lado de uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) com cerca de 250 hectares de extensão. O Jardim Botânico Inhotim (JBI) faz a gestão do acervo e das coleções botânicas, compostos por espécies nativas e exóticas de várias partes do mundo, além de pesquisa e monitoramento do patrimônio natural do Instituto.

Sabendo do seu potencial para sensibilizar e educar as pessoas sobre a pauta ambiental, o Inhotim se dedicou a realizar uma série de ações que colocam o Cerrado em foco. Essas ações partem do desejo de valorizar o segundo maior bioma do Brasil, fazer conhecer suas particularidades e estimular a conexão do público com a paisagem ao redor e com os saberes que dela emergem.

As ações descritas nesta publicação foram viabilizadas a partir de janeiro de 2022, pelo projeto *Ser do Cerrado*, em parceria com o Ministério Público de Minas Gerais, por meio da Plataforma Semente. Partindo da premissa de que é preciso conhecer para proteger, o projeto aproxima o Cerrado das pessoas, ao ampliar o acesso a informações e estimular reflexões, a fim de contribuir para a formação de uma sociedade sensível e comprometida com a proteção do bioma.



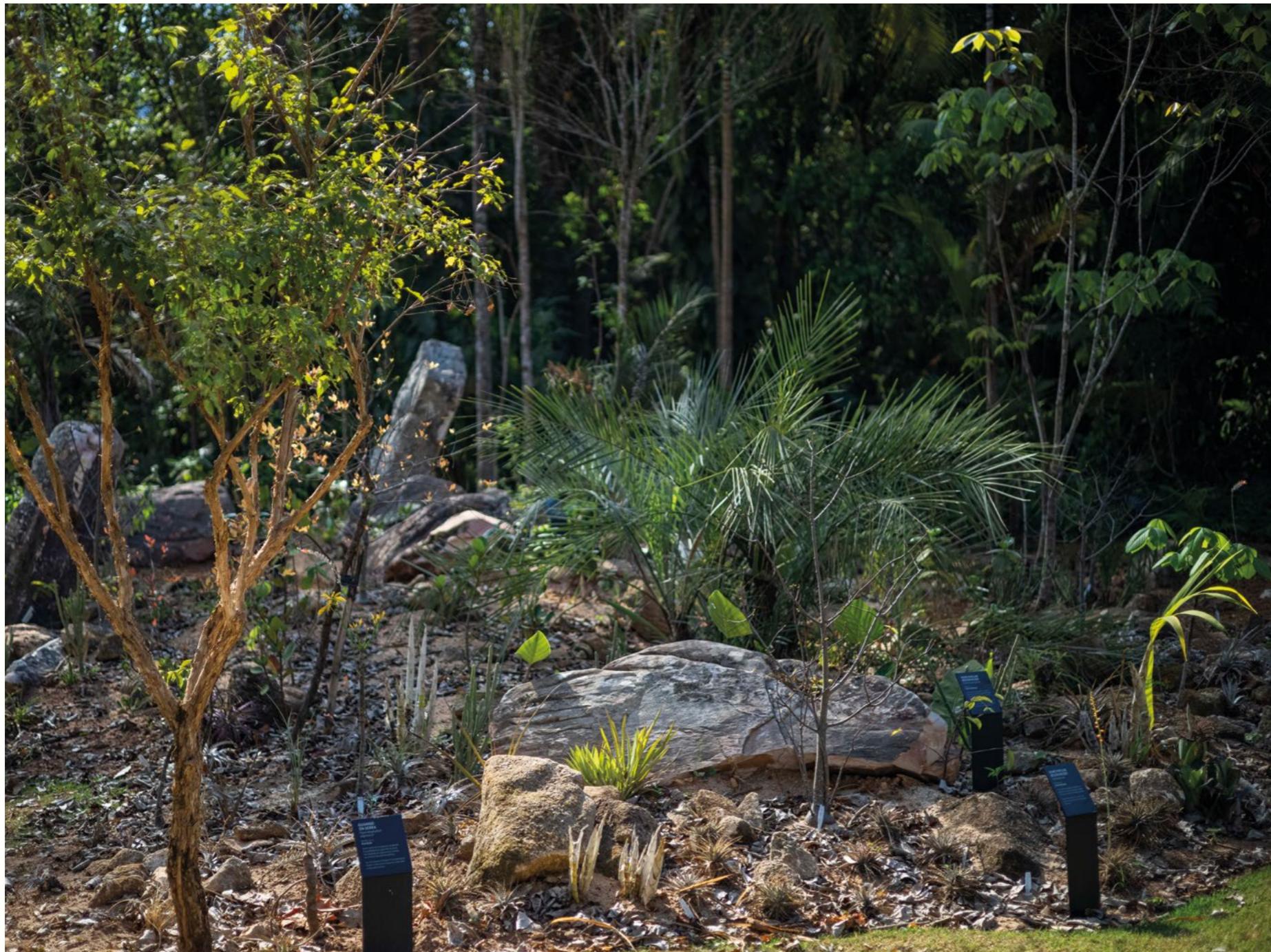
Urucum (*Bixa orellana*)
é uma das espécies que
compõem o Jardim de
Todos os Sentidos.

²⁰ O Inhotim foi o primeiro jardim botânico do Brasil a receber o selo de Accredited Garden do BGCI, em março de 2024. O selo reconhece instituições que colaboram para a conservação da flora e operam conforme os mais altos padrões internacionais para jardins botânicos.

A PRESENÇA DO CERRADO NO JARDIM BOTÂNICO INHOTIM

O Inhotim está localizado numa zona de transição entre dois biomas: a Mata Atlântica e o Cerrado. Por isso, seja naturalmente, seja pela intervenção do paisagismo, espécies do Cerrado já fazem parte dos jardins do Instituto há muito tempo. Tendo o paisagismo como motor das atividades do Jardim Botânico, o Inhotim instiga algumas reflexões ambientais a partir da criação de jardins temáticos.²¹ Em alguns desses jardins, a presença de plantas do Cerrado é marcante.

É o caso do Jardim de Transição, que celebra o encontro entre a Mata Atlântica e o Cerrado. Neste jardim — projetado por Pedro Nehring e Juliano Borin —, os visitantes podem perceber as semelhanças e diferenças entre os biomas, sentindo na pele a mudança de temperatura e umidade no espaço, ao mesmo tempo que observam o mosaico de espécies nativas desses biomas extremamente biodiversos e ameaçados.



J3 Jardim de Transição

Arbustos e herbáceas nativas do Cerrado compõem parte da paisagem rupestre do Jardim de Transição, um dos jardins temáticos do Eixo Laranja de visitação no Inhotim.

²¹ A visitação no Instituto Inhotim é orientada por três eixos: Amarelo, Laranja e Rosa. Os jardins temáticos estão sinalizados no mapa com pictogramas. A seguir, você encontrará esses símbolos identificando cada jardim temático citado, bem como o eixo de visitação em que ele está.

Outro jardim temático que tem o Cerrado muito presente é o Jardim Veredas. O espaço foi criado pelo paisagista Pedro Nehring e homenageia as Veredas, ecossistema que inspirou a literatura de Guimarães Rosa. A água é um elemento forte na linguagem paisagística deste jardim, que guarda belos exemplares de buritis (*Mauritia flexuosa*) e buritiranas (*Mauritiella armata*) — ambas características dessa paisagem tão marcante do Cerrado.



Jardim Veredas

Plantas de áreas úmidas formam o Jardim Veredas, um dos jardins temáticos do Eixo Laranja de visitação no Inhotim.





O Cerrado também é um tema importante no Largo das Orquídeas, onde reinam 17 mil plantas da espécie *Cattleya walkeriana*. Nativa do bioma e conhecida pelo nome popular de rainha-do-cerrado, a espécie é considerada vulnerável. Manter essas orquídeas vivas e saudáveis neste jardim é contribuir para a divulgação da ideia de que a biodiversidade dos biomas precisa ser protegida, estudada e documentada. Por isso, no Inhotim, a rainha-do-cerrado é tanto causa de deslumbramento quanto objeto de pesquisas científicas no Laboratório de Botânica.



Largo das Orquídeas

A rainha-do-cerrado (*Cattleya walkeriana*) é a estrela do Largo das Orquídeas, um dos jardins temáticos do Eixo Amarelo de visitação no Inhotim.



Mais um jardim temático que tem uma presença forte do Cerrado é o Jardim Sombra e Água Fresca, que é repleto de árvores frutíferas e provedoras de sombra, inclusive com espécies nativas desse bioma — a exemplo da uvaia (*Eugenia pyriformis*), da cerejeira-do-rio-grande (*Eugenia involucrata*), da pitanga (*Eugenia uniflora*) e do ingá (*Inga sessilis*). É interessante perceber que a biodiversidade do Cerrado também faz parte da cultura e da alimentação de tantos brasileiros. Aqui, os sabores naturais são um convite ao deleite e à descoberta, e os visitantes têm a oportunidade de encontrar frutas que raramente são comercializadas nos mercados.



Jardim Sombra e Água Fresca

Espécies frutíferas do Cerrado estão presentes no Jardim Sombra e Água Fresca, um dos jardins temáticos do Eixo Laranja de visitação no Inhotim.

Para além das paisagens que estão dentro da área de visitação livre do Inhotim, o Jardim Botânico apoia a conservação da RPPN Inhotim — que é uma reserva com cerca de 250 hectares de vegetação natural, composta predominantemente por formações florestais de Mata Atlântica, mas que conta com a presença de vegetações savânicas típicas do Cerrado em área de interflúvio. Reservas Particulares do Patrimônio Natural são unidades de conservação previstas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Essas reservas devem prezar pela conservação biológica e podem ser utilizadas para fins de pesquisa científica ou visitação turística, educacional e recreativa.

Além de preservar a fauna e a flora natural, a RPPN Inhotim é campo de identificação botânica, local de coleta de sementes e objeto de pesquisas realizadas pelo Laboratório de Botânica do Inhotim ou por pesquisadores autorizados. Algumas espécies vegetais preservadas na RPPN Inhotim merecem destaque em virtude de sua distribuição geográfica restrita ou por estarem ameaçadas de extinção — a exemplo das espécies *Ditassa mucronata* (Apocynaceae), endêmica de Campos Rupestres da Mata Atlântica e do Cerrado; *Barbacenia tomentosa* (Velloziaceae), que ocorre sobre afloramentos rochosos nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo; *Begonia alchemilloides* (Begoniaceae), que cresce em solos pedregosos ou em fendas de rochas e é restrita aos estados de Goiás e Minas Gerais; *Lippia corymbosa* e *Stachytarpheta glabra* (Verbenaceae), que ocorrem apenas na Serra do Espinhaço; e *Cinnamomum quadrangulum* (Lauraceae), endêmica da região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, e considerada vulnerável.



A RPPN Inhotim tem vegetação de Mata Atlântica e Cerrado.

Vista da RPPN Inhotim.



Ainda que o Cerrado já se evidenciasse de diferentes formas no Inhotim, desde o início do projeto *Ser do Cerrado* havia a intenção de introduzir mais espécies do bioma nos jardins do Instituto, tanto para oferecer novas possibilidades de aproximação das pessoas com o bioma quanto para ampliar a contribuição do próprio Inhotim para a conservação dessa biodiversidade. Enquanto Jardim Botânico — que é um lugar dedicado a guardar e dar acesso a coleções botânicas protegidas, documentadas, monitoradas e disponíveis para pesquisa, educação e outras atividades de conservação —, o Inhotim se dedicou na montagem de uma nova coleção com foco em espécies do Cerrado. Essa nova coleção foi o ponto de partida para as demais ações do projeto, que buscaram sensibilizar a maior quantidade possível de visitantes, de forma natural e espontânea, proporcionando uma experiência mais intuitiva e autônoma.

O CORAÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO INHOTIM

As atividades do Jardim Botânico Inhotim (JBI) atendem não só à conservação de plantas, mas também à educação ambiental e à propagação de espécies. O Viveiro Educador é o coração do JBI; é nele que acontecem várias atividades práticas que ajudam a manter os jardins do Instituto exuberantes e disponíveis para os mais diversos públicos.

Nesse espaço, há quatro jardins temáticos abertos à visitação livre, além de áreas de produção vegetal — incluindo estufas e casas de sombra — e o Laboratório de Botânica, bem como outras estruturas essenciais para a manutenção dos jardins e a conservação das coleções botânicas. Por ser o lugar de encontro entre pesquisa científica, produção e conservação de espécies, educação ambiental e paisagismo, o Viveiro foi o principal local de execução do projeto *Ser do Cerrado* em 2022-2023.

Diversas atividades foram realizadas no Viveiro Educador, tais como o levantamento florístico e o tombamento da coleção botânica presente tanto nos espaços abertos à plena visitação quanto nas coleções guardadas nas estufas. Um Plano Curatorial foi concebido exclusivamente para este projeto e guiou a aquisição de mais espécies vegetais, a fim de criar uma coleção botânica representativa do Cerrado. Ao longo de 2022, o Viveiro também foi o destino principal das ações educativas e de comunicação, e passou por reformas que tornaram o espaço mais inclusivo e acessível.



Jardim de Todos os Sentidos

Quem chega ao Viveiro Educador logo se depara com as mandalas do Jardim de Todos os Sentidos.



Jovem folheia
o material educativo
distribuído pelo projeto
Ser do Cerrado em 2022.



EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA CONHECER E CONSERVAR O CERRADO

Vinícius Porfírio

Coordenador de Educação no Instituto Inhotim²²

Apesar de ter variadas definições, a Educação Ambiental pode ser entendida como os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente (Lei Federal nº 9.795). Ainda que autores e estudiosos apresentem perspectivas e correntes de pensamentos diversos, a importância de conhecer o ambiente e seus componentes para melhor se relacionar com ele é tida como fundamento básico da Educação Ambiental.

Se no passado o conceito de *meio ambiente* se restringia apenas aos elementos da flora, da fauna e aos recursos hídricos, muitas vezes desconexos da realidade dos sujeitos, hoje se percebe a necessidade de considerar os aspectos ambientais holisticamente. Nesse sentido, os fatores sociais se fazem presentes e são igualmente relevantes (Dias, 2004). Assim, a Educação Ambiental pretende se aproximar da realidade das pessoas para que elas passem a perceber o ambiente como algo próximo e importante nas suas vidas (Reigota, 2002), fato que aumenta a responsabilidade humana para a conservação da biodiversidade aliada à qualidade de vida. A partir dessa estrutura conceitual, a Educação Ambiental pauta-se pelos princípios de um enfoque humanista, democrático e participativo. Seus pilares são o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o reconhecimento e respeito à diversidade individual e cultural; e o fortalecimento da cidadania.

Enquanto jardim botânico e museu de arte contemporânea, o Instituto Inhotim tem a educação não formal como vocação. Em vista disso, promove e executa programas e ações de Educação Ambiental desde 2006. Diante da natureza intrínseca do Inhotim de reunir, em um mesmo espaço, arte contemporânea e elementos naturais, as atividades de Educação Ambiental desenvolvidas pelo Instituto pautam-se pela transversalidade. A partir dos acervos do parque e das memórias

²² Vinícius é biólogo, especialista em Perícia, Auditoria e Análise Ambiental e mestre em Sustentabilidade e Tecnologia Ambiental. Foi colaborador do Inhotim de 2011 a 2024.



Grupo participa da visita mediada Bastidores do Viveiro conduzida pelo Educativo Inhotim, com foco no Cerrado.

regionais, o Educativo Inhotim busca a construção e o compartilhamento de conhecimentos, a promoção do desenvolvimento humano e a formação da criticidade dos participantes de suas ações.

A popularização do conhecimento científico e a difusão de informações ambientais também integram o escopo das atividades de Educação Ambiental do Instituto. Assim, os acervos servem como plataforma e ferramenta pedagógica para práticas educativas destinadas a públicos diversos. Aqui, crianças, adultos, idosos, estudantes, moradores de Brumadinho e do entorno, visitantes brasileiros e estrangeiros são convidados a refletir sobre temas essenciais à vida em comunidade. As ações de Educação Ambiental executadas pelo Inhotim valorizam o diálogo e estimulam a sensibilização ambiental, despertando o interesse e o cuidado com os recursos naturais e encorajando atitudes em favor da conservação da biodiversidade.

A mediação é a principal base metodológica das atividades de Educação Ambiental, sendo um ponto de conexão entre vários saberes. A valorização das vivências dos sujeitos é priorizada diante do entendimento de sua importância para processos educativos contextualizados — considerando a individualidade, sem perder de vista a coletividade, os acervos e as questões contemporâneas. Por meio da prática dialógica, educadores conduzem experiências lúdicas, atrativas e inter, multi e transdisciplinares. Para isso, são utilizadas diversas estratégias pedagógicas, tais como visitas mediadas; experimentações dos acervos; linguagens artísticas; rodas de conversas; dinâmicas; pesquisas; uso de equipamentos de microscopia e de modelos didáticos e variadas mídias.

Devido ao seu potencial de transformação social, a Educação Ambiental pode contribuir para a conservação do Cerrado. Afinal, ao mesmo tempo que cria condições para melhor compreender o bioma, ela nos convoca ao compromisso pelo cuidado com os elementos naturais e culturais e com as pessoas que o compõem. A busca pelo desenvolvimento humano em respeito a todas as formas de vida — tal como preconiza a Educação Ambiental — propicia o sentimento de pertencimento do indivíduo para com o ambiente em que está inserido. Com isso, há o reconhecimento e o fortalecimento de identidades, a percepção de comunidade e a valorização da memória e do patrimônio cultural, situações que culminam em uma maneira positiva de se relacionar com a natureza.

Paradoxalmente, a mesma variedade de fitofisionomias que torna o Cerrado um bioma singular também o faz ser subestimado por muitos. A vegetação tortuosa, as árvores espaçadas e com cascas grossas, o lobo-guará, o tatu-canastra talvez sejam as representações que povoam o imaginário das pessoas quando se fala em Cerrado. Mas ele é muito

mais que isso! Em algumas situações, o Cerrado se apresenta diferente, formado por grandes extensões de vegetação rasteira, como as gramíneas e herbáceas. Infelizmente, isso faz com que o bioma seja desvalorizado por alguns devido à ausência de formações florestais densas e úmidas. Esquecem que essa vegetação apresenta importância ecológica por abrigar animais de espécies variadas e pelos serviços ecosistêmicos que oferece. Esse fato desencadeia agressões ao bioma, como incêndios criminosos, intervenções no solo, exploração agrícola e pecuária insustentáveis, com consequente perda da biodiversidade. Assim, compete à Educação Ambiental sensibilizar as pessoas, convocando-as a conhecer e compreender o bioma para que, entendendo sua relevância, adotem novas posturas em favor da sua conservação.

Outro ponto de atenção e atuação da Educação Ambiental no contexto do Cerrado é quanto à quebra de paradigma dos critérios estéticos dados à flora. De novo, as árvores frondosas, de copas globosas e verde intenso, parecem ser consideradas mais belas quando comparadas às árvores do Cerrado. Nesse sentido, a Educação Ambiental se propõe mostrar outros padrões de beleza e agregar informações que justificam e trazem outra conotação de relevância. Como exemplo, podemos citar a situação de que a folha opaca de uma árvore do Cerrado é assim em razão da presença de uma cera, resultado de uma estratégia evolutiva para melhor adaptação a um ambiente com menos disponibilidade hídrica e alta incidência solar. Ou difundir a informação de que a casca grossa do tronco é resultado da resiliência da espécie aos incêndios florestais, sendo, portanto, uma forma de proteger os vasos condutores de seiva quando o fogo passa e, assim, garantir a sobrevivência da planta.

Nessa mudança de padrões, demonstrar o potencial nocivo dos incêndios provocados pelo ser humano é tarefa necessária dos educadores ambientais. A Educação Ambiental convida a novas reflexões e atitudes, ainda que muitos adotem a prática de queimadas com normalidade. A sensibilização para o combate da caça, da pesca ilegal e do tráfico de animais e plantas também integra ações de Educação Ambiental voltadas para a preservação e conservação do Cerrado.

Entender a complexidade e as conexões ecológicas entre os componentes do bioma também se faz necessário. Compete à Educação Ambiental demonstrar as relações existentes entre os elementos bióticos e abióticos e explicar que uma interferência negativa nessa trama pode resultar em um desequilíbrio de grandes proporções, afetando, inclusive, a espécie humana, em virtude da proliferação de vetores de doenças, da ausência de matérias-primas, da escassez hídrica, entre outros problemas.

No propósito de apresentar o Cerrado de uma maneira diferenciada, destacando suas potencialidades e desmistificando impressões errôneas a seu respeito, a Educação Ambiental torna-se importante ferramenta. É ela que evidencia o Cerrado como berço das águas em função dos recursos hídricos que concentra. Semelhantemente, comunica a importância do bioma na produção de alimentos e de energia, e demonstra os impactos antrópicos sobre seus ambientes naturais. Reconhecendo o patrimônio cultural do Cerrado, as ações de Educação Ambiental também se preocupam em enaltecer as comunidades tradicionais e valorizar os saberes populares.

No âmbito do projeto *Ser do Cerrado*, foram executadas visitas educativas destacando o Cerrado e suas particularidades; formação continuada em meio ambiente com jovens de Brumadinho, enfatizando o bioma; medidas de acessibilidade para melhor experiência com o acervo botânico do Inhotim; oficinas educativas sobre a temática; bate-papos com público interno e externo; revisão pedagógica e exibição de conteúdos etnobotânicos para nova comunicação no Viveiro Educador. Dentre outras medidas de Educação Ambiental realizadas, destacam-se a Semana do Meio Ambiente e a Semana do Cerrado, eventos que também proporcionaram discussões e reflexões ambientais a partir de programação específica destinada a colaboradores e visitantes do parque.

Ao propor a compreensão do Cerrado em sua totalidade, as atividades de Educação Ambiental desenvolvidas pelo projeto estimularam uma nova forma de perceber o bioma e, consequentemente, reforçaram a necessidade de adoção de atitudes para sua conservação, seja de modo individual ou coletivo.

A large, vibrant green palm frond is positioned diagonally across the frame, extending from the bottom left towards the top right. The frond has several long, narrow, lanceolate leaves with distinct veining, set against a solid yellow background.

SER DO
CERRADO

Folha da gueroba
(*Syagrus oleracea*), palmeira nativa com ampla distribuição no Cerrado. Dessa palmeira se extrai o palmito-amargo, muito utilizado nas culinárias goiana e mineira.



O projeto *Ser do Cerrado* é fruto de uma parceria entre o Instituto Inhotim, o Ministério Público de Minas Gerais e a Plataforma Semente. Sua primeira edição foi realizada em 2022 e 2023, e sua segunda edição está em curso nos anos de 2025 e 2026.

Situado em uma área de transição entre dois importantes biomas brasileiros — a Mata Atlântica e o Cerrado — e sendo reconhecido internacionalmente como Jardim Botânico e Museu, o Inhotim tem potencial de sensibilizar diferentes públicos sobre a importância e a urgência de cuidar do meio ambiente. Nesse contexto, o projeto *Ser do Cerrado* se alinha diretamente à missão do Inhotim e impulsiona diversas iniciativas próprias do Instituto em sua atuação como Jardim Botânico. Ao integrar pesquisa, experimentação e educação, promovemos vivências em que o Cerrado se torna ponto de partida para reflexões sobre a biodiversidade e os desafios de sua conservação.

Entre 2022 e 2023, o *Ser do Cerrado* viabilizou uma série de ações que ampliaram a presença do bioma no cotidiano do Inhotim. Com atividades voltadas à educação ambiental, à pesquisa científica, ao paisagismo e à acessibilidade, o projeto também resultou na publicação do livro *Ser do Cerrado: Saberes e diversidade nos jardins do Inhotim* — cuja nova edição, revista e atualizada, está agora em suas mãos.

As páginas a seguir apresentam um panorama dessas ações e reafirmam o compromisso do Inhotim com a conservação ambiental. Por meio do *Ser do Cerrado*, buscamos aproximar o público da riqueza do bioma, estimular novos olhares e inspirar atitudes voltadas à sua proteção.



A canela-de-ema (*Vellozia compacta*) é uma espécie da flora mineira, endêmica da Serra do Espinhaço, e adaptada para suportar falta de água, ventos contínuos e grandes variações de temperatura.

O PROJETO SER DO CERRADO 2022-2023

Caroline Frare Lameirinha
Promotora de Justiça (MPMG)

Luciano José Alvarenga
Assessor Jurídico (MPMG)

O Cerrado concentra um dos maiores índices de biodiversidade do mundo, distribuída principalmente entre ecossistemas savânicos e campestres. A elevada heterogeneidade das paisagens do Cerrado, resultado das diversidades geológica, climática e hidrológica, abriga um número impressionante de formas de vida.

O Cerrado é importantíssimo, também, para a conservação e distribuição das águas, pois muitos rios de alcance regional e até mesmo nacional, como o Rio São Francisco, nascem no bioma. Além disso, o Cerrado abriga uma enorme diversidade de povos, de culturas e de bens do patrimônio cultural material e imaterial.

Todavia, a degradação e a perda de vegetação nativa do Cerrado vêm ocorrendo de forma intensa, gerando danos ambientais como assoreamento de rios, extinção de biodiversidade, desequilíbrios nos ciclos hidrológicos, invasão de espécies exóticas e problemas de ordem socioambiental e econômica.

O desmatamento e a conversão da vegetação nativa em áreas para implantação de atividades agropecuárias fizeram o Cerrado perder quase metade de sua área original. Atualmente, Minas Gerais é o terceiro estado brasileiro no ranking de desmatamento acumulado do Cerrado, com 45 mil quilômetros quadrados de área perdida. Estima-se, também, que quase 40% do total de rejeitos de mineração depositados em barragens no Brasil estejam localizados no Cerrado, principalmente em Minas Gerais.

Nada obstante o grave cenário de degradação do bioma, o Cerrado possui apenas 8% de seu território protegido por unidades de conservação (3% delas de proteção integral; 5% de uso sustentável).

Esse conjunto de fatores faz do bioma Cerrado um *hotspot* para a conservação da biodiversidade, isto é, um território que apresenta altíssimos índices de endemismo e diversidade biológica por metro quadrado, mas, contrariamente, tem hoje sua conservação seriamente ameaçada por atividades humanas.

Além disso, o bioma não tem merecido a devida atenção nas dimensões da legislação e da gestão pública. Basta sublinhar, a propósito, que a Constituição Federal, de 1988, não o incluiu formalmente entre os territórios que compõem o patrimônio nacional (art. 225, §4º).

Assim é que, diante da progressiva e acelerada devastação do Cerrado e reconhecendo a importância ecológica e social do bioma, o Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente (Caoma) do Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG) elaborou o projeto *Ser do Cerrado*, que integra o Plano Geral de Atuação Finalístico do MPMG, para a realização de ações de valorização, conservação e recuperação em áreas representativas do bioma Cerrado em Minas Gerais.

Nesse sentido, o MPMG vem organizando e fomentando ações e publicações educacionais e de informação à sociedade sobre a importância de conservação do bioma Cerrado, nas quais se inclui o projeto com o Instituto Inhotim que objetiva a inclusão de plantas do Cerrado na coleção botânica do Jardim Botânico Inhotim e a realização de ações de educação ambiental para sensibilização social quanto à importância ecológica e cultural do bioma.

Além disso, o Caoma elaborou material técnico especialmente dedicado à sua proteção, contemplando roteiro de atuação, peças práticas, notas técnicas e normas relacionadas ao bioma, a fim de subsidiar a atuação dos membros do MPMG na defesa do Cerrado.

Por meio do projeto *Ser do Cerrado*, o Ministério Público de Minas Gerais, investido pela Constituição Federal de funções relevantes na proteção do meio ambiente (art. 129, III), reconhece a importância do bioma e tem adotado as medidas judiciais e extrajudiciais voltadas para a conservação e recuperação ambiental do Cerrado.

Diante da importância da conscientização e da criação de espaços educadores sustentáveis, o projeto *Ser do Cerrado* busca garantir o protagonismo da sociedade civil organizada, gerando consciência a respeito da necessidade de proteção do Cerrado e, consequentemente, buscando uma maior proteção ao meio ambiente no futuro.

Acredita-se que, por meio do compartilhamento de informações, experiências e recursos intelectuais, o projeto *Ser do Cerrado* pode se harmonizar com iniciativas já em andamento em outros estados brasileiros. Projetos e operações fiscalizatórias conjuntas, elaboração de manuais de boas práticas, realização de eventos, entre outras ações, permitirão o aumento exponencial da proteção do Cerrado a partir da interação com outras instituições.

OS CAMINHOS SINUOSOS DA NOVA COLEÇÃO BOTÂNICA

Bárbara Sales

Assistente curatorial do Jardim Botânico Inhotim²³

“Qual Cerrado iremos trabalhar?” Esta foi a pergunta que surgiu no início de 2022, quando a Curadoria Botânica do Inhotim teve que escolher se iria trabalhar com uma das fitofisionomias do Cerrado ou com todas elas. Optamos então por abordar o Cerrado em suas várias formações vegetais, ou seja, o Cerrado *lato sensu*. Portanto, consideramos o Cerrado que vai além de Minas Gerais e que contempla tantas outras riquezas, povos e culturas.

Outra pergunta que surgiu foi: “O que há de Cerrado no Viveiro Educador?”. Precisávamos saber o que já estava presente aqui antes de propor qualquer lista de aquisição. A partir desse questionamento, foi feito um levantamento florístico do acervo botânico do Viveiro, com o objetivo de saber o que do Cerrado já estava contemplado nesse lugar. Feito esse levantamento — em que encontramos cerca de 170 espécies de ocorrência no bioma —, era hora de escolher o que gostaríamos de trazer em termos de novas espécies para a coleção que estava prestes a ser construída. O *Plano Curatorial do Projeto Ser do Cerrado* foi escrito para apresentar essas escolhas de forma clara e estruturada.

O plano foi desenhado para o Jardim Botânico Inhotim (JBI) e para o Cerrado, mas entendemos que ele pode ser aplicado como ponto de partida para o incremento de espécies de qualquer bioma em outros jardins botânicos. Junto com o Plano Curatorial, definimos também as narrativas, o desenho paisagístico e as plantas que seriam adquiridas.

Vale destacar que a construção de uma coleção botânica é feita de forma intencional, as aquisições não são aleatórias. E foi assim que os critérios diversidade, grau de ameaça, frutíferas e história apareceram. Esses critérios embasaram a construção de uma primeira lista de espécies a serem adicionadas ao Viveiro Educador do Inhotim. Esses incrementos poderiam ocorrer por quatro vias: compra de plantas;

²³ Bárbara é bióloga, mestre em Sustentabilidade Ambiental e doutoranda em Fitotecnia. É colaboradora do Inhotim desde 2013, tendo atuado na área de Educação; e desde 2019, atua na área de Natureza.



Floração da canela-de-ema (*Vellozia compacta*) no Inhotim.

recebimento de doações; permuta com jardins botânicos ou instituições congêneres; ou coleta em áreas autorizadas.

Uma vez definida a lista de espécies a serem incrementadas, outros questionamentos apareceram: “Onde e como conseguir essas espécies?”. Nesta etapa, novos desafios e oportunidades surgiram. Ao começar a procura por produtores de plantas do Cerrado, especialmente na região próxima a Brumadinho, percebemos que eles não eram muitos e não havia grande diversidade de espécies disponíveis. Mas a disposição de criar uma coleção bem diversa e que contemplasse espécies-chave que habitam nosso imaginário, como o pequi, e, ao mesmo tempo, que trouxesse espécies de Cerrado não tão conhecidas, era muito grande. E, assim, seguimos na busca por capins, palmeiras, arbustos e plantas melíferas.

Nessas pesquisas por fornecedores, o destino tratou de cruzar nosso caminho com o de Gerson Dias, produtor de Igarapé (MG) que doou algumas espécies frutíferas do Cerrado ao Inhotim; e com o de Otávio Ribeiro, produtor de espécies de Campo Rupestre de Conceição do Mato Dentro (MG), onde fomos conhecer ainda mais essa fitofisionomia do Cerrado e trocar saberes. E foi nessa procura por fornecedores que também surgiu a oportunidade de recebermos a doação de uma coleção expressiva de cactos e bromélias. Por meio de contato telefônico com a família e posterior visita em Goiânia (GO), é que a coleção de Eddie Esteves Pereira chegou ao Inhotim. Foi a oportunidade — magnífica! — de receber em nosso acervo botânico uma coleção extremamente rica, com cactos e bromélias que também ocorrem no Cerrado, e que representa

anos de pesquisa de um apaixonado por plantas desse bioma.

Alguns percalços também fizeram parte do processo de construção dessa coleção botânica. No início do seu ciclo de vida, as espécies do Cerrado desenvolvem muito mais a parte radicular do que a parte aérea, e isso pode se tornar um problema para a comercialização dessas plantas por viveiristas. Então, foi difícil encontrar mudas de espécies do Cerrado em quantidade, tamanho e diversidade adequados para a formação de uma coleção realmente diversa e com uma disposição paisagística interessante.

Outro ponto desafiador foi a dificuldade em encontrar espécies de gramíneas e forragens do Cerrado disponíveis para compra em viveiros. E aqui cabe ressaltar o quanto isso é curioso, mas, ao mesmo tempo, esperado. É curioso porque sempre ouvimos falar que o Cerrado é a savana brasileira, e a imagem mais marcante das savanas é justamente a de uma paisagem dominada por gramíneas e outras plantas baixas. Mas por que essas plantas são difíceis de achar nos viveiros? Penso que a resposta está no fato de termos uma visão muito limitada de que capim só serve para pasto. Isso faz com que poucas pessoas trabalhem o capim com o viés ornamental, por exemplo. Justo essas espécies que compõem a nossa imaginação sobre as savanas são esquecidas ou minimizadas por viveiristas e paisagistas.

E, por falar em imaginação, o nome popular das espécies botânicas é algo que requer muita atenção. Diversos viveiros conhecem a planta pela nomenclatura popular, e não pelo

nome científico, mas espécies diferentes podem ter o mesmo nome popular, o que pode causar confusão sobre qual espécie, de fato, estamos falando.

Vencidos os primeiros desafios, a etapa seguinte consistiu em fazer o planejamento paisagístico: “Como inserir as plantas nos jardins?”, “Qual a melhor forma de plantá-las?”. O universo de respostas para essas perguntas passa por: pesquisa, tentativa, erro, observação atenta, consulta a especialistas, paciência e muita determinação. O incremento de espécies no Jardim de Transição, por exemplo, exigiu a montagem de uma camada de areia e pedras para auxiliar na drenagem do solo e consequentemente na adaptação das plantas ao seu novo ambiente. Após o plantio, foi necessário esperar longos meses, manter os olhos atentos e acompanhar cada detalhe da adaptação das espécies.

Com o plantio bem-sucedido das espécies, passamos então para a etapa de organizar as informações sobre as plantas em um banco de dados. Seguindo os parâmetros da Política de Coleções Botânicas do Inhotim, cada planta selecionada para a nova coleção de Cerrado foi tombada. Todas as plantas são igualmente importantes, porém, em alguns casos — como os de espécies endêmicas ou ameaçadas —, elas precisam ser acompanhadas ainda mais de perto, com o objetivo de desenvolver protocolos de cultivo para essas espécies. Essa é uma política do Inhotim, que, enquanto jardim botânico, entende a importância do seu papel para a conservação de espécies, não apenas do Cerrado, mas de todos os biomas.

MELIPONÁRIO: PARA CONHECER E AMAR AS ABELHAS

Sabrina Carmo

Coordenadora do Jardim Botânico Inhotim²⁴

Talvez você nunca tenha ouvido falar, mas o Brasil possui uma riqueza fascinante em um determinado grupo de insetos: as abelhas. No mundo todo, até o momento, são conhecidas cerca de 20 mil abelhas diferentes, e nosso país é o território de cerca de 1.800 dessas espécies.

Onde estão as abelhas nativas do Brasil? A verdade é que o nosso olhar não está treinado para reconhecê-las. Nossa imaginário está fortemente ocupado pela *Apis mellifera*, que é popularmente chamada de abelha-europeia ou abelha-africanizada. Ela é uma espécie exótica que foi introduzida em todas as regiões do país no século 19 e é responsável pela maior parte do mel que consumimos. É também famosa por sua dolorosa ferroada.

Afinal, quais são as abelhas brasileiras? Elas são tão diferentes assim? Essas são perguntas importantes porque são portas de entrada para o mundo fascinante e complexo das abelhas sem ferrão. Sobre abelhas sem ferrão, há três curiosidades que você precisa conhecer.

A primeira diz respeito à diversidade. Daquele conjunto de quase 1.800 espécies de abelhas descritas no Brasil, cerca de 250 são de espécies sem ferrão. Apesar do nome, sabe-se que elas possuem um ferrão atrofiado, mas que não oferece risco para humanos. São abelhas muito mansas e de fácil manejo.

A segunda é de ordem histórica. As abelhas sem ferrão também são conhecidas como abelhas indígenas, porque são manejadas pelos povos originários do Brasil há séculos. Há vários registros históricos que revelam como os produtos dessas colmeias estavam presentes no cotidiano de diferentes etnias. O mel já era usado na alimentação. As ceras e resinas eram úteis para confecções de diferentes tipos. Sem deixar de mencionar a aplicabilidade desses produtos nas práticas religiosas e curativas. Infelizmente, o massacre dos povos originários ao longo da

²⁴ Sabrina é bióloga, pós-graduada em Educação Ambiental e mestre em Sustentabilidade e Tecnologias Ambientais. Foi colaboradora do Inhotim na área de Educação entre 2013 e 2017; e, desde 2019, atua na área de Natureza, onde atualmente ocupa o cargo de gerente.



Maurício de Oliveira abre uma das caixas de criação racional de abelhas sem ferrão no Meliponário do Inhotim.

nossa história também levou embora muitos desses saberes etnobiológicos.

A terceira e última curiosidade é a sua importância ecológica e econômica. Apesar de produzirem méis saborosos, as abelhas sem ferrão demonstram seu principal valor através do serviço ecossistêmico de polinização. Essas espécies são fundamentais tanto para a reprodução da flora nativa quanto para a produção de alimentos. Não há exagero em afirmar que abelhas sem ferrão são fundamentais para a

conservação das plantas, para o equilíbrio dos nossos ecossistemas e para a segurança alimentar no Brasil. E, infelizmente, assim como muitos outros polinizadores, essas abelhas estão fortemente ameaçadas e correm sério risco de desaparecer.

O reconhecimento da beleza da polinização e a clareza de quanto esse serviço ecosistêmico está ameaçado tensionam o Inhotim — sobretudo por sua ação enquanto jardim botânico — a trazer o universo das abelhas para

susas práticas. Falar de abelhas sem ferrão é um assunto-chave para o Instituto, afinal, sem esses polinizadores, a conservação da flora nativa está em risco.

Encontrar formas de abordar essa temática, de maneira leve, atraente, que torne essas espécies conhecidas pelo público em geral e que se desdobre em outras questões importantes do nosso tempo, como sustentabilidade, produção de alimentos e mudanças climáticas, é um desafio. E, para esse desafio, uma das respostas do Inhotim foi a abertura, para o público, de um Meliponário. O novo espaço valoriza as abelhas sem ferrão, traz à tona a flora que atrai essas espécies e é útil para a sensibilização do público.

A história do Meliponário no Inhotim começa em 2019, quando as primeiras caixas racionais doadas pelo Centro de Resgate e Ecologia de Abelhas Nativas (Cesan) foram instaladas no Viveiro Educador. O Cesan é um centro de resgate, estabilização e soltura de abelhas nativas. É um projeto de Brumadinho (MG), idealizado e conduzido por Maurício de Oliveira, morador do município.

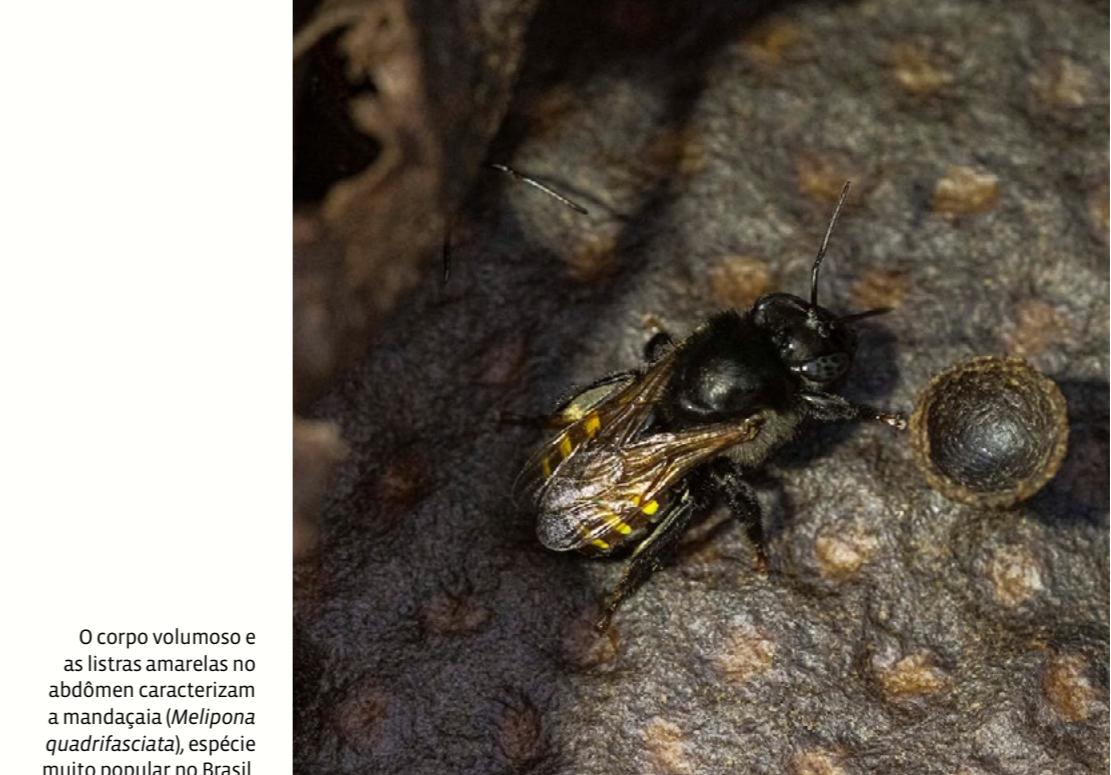
Na época, um espaço fora da área de visitação foi escolhido para receber as primeiras caixas. Com finalidade exclusivamente conservacionista, nunca houve extração de mel ou subprodutos. Porém, abrir o espaço para o público sempre foi um objetivo, justamente para divulgar as espécies e sensibilizar cada vez mais pessoas sobre essa pauta.

A abertura para o público felizmente se concretizou em 2022, por meio do projeto *Ser do Cerrado* e da parceria com o Cesan e com Eurico Novy, reconhecido meliponicultor de Sabará (MG) e então presidente da Associação de Meliponicultores de Minas

Gerais (AME-Minas). Nesse ano, o Meliponário recebeu dez caixas racionais, pertencentes a cinco espécies diferentes, a saber: moça-branca (*Frieseomelitta varia*), iraí (*Nannotrigona testaceicornis*), jataí (*Tetragonisca angustula*), mirim-drônica (*Plebeia droryana*) e mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*). O espaço faz parte do Viveiro Educador e se soma a outros jardins temáticos e estruturas laborais do JBI para convidar os visitantes a pensar sobre o meio ambiente, o ciclo de vida das plantas e a interação entre as espécies. No Meliponário, o olhar observador é a chave básica para perceber — e se encantar — com a variedade de tamanhos, cores e formas dessas abelhas.

Todas as espécies do Meliponário ocorrem no Cerrado. Conhecer as abelhas do bioma é uma missão importante, não apenas as sem ferrão, mas todas as demais abelhas que vivem nele. Desde a década de 1980, estudos apontam o quanto a flora do Cerrado depende desses polinizadores. Em 1988, os pesquisadores Ilse Silberbauer-Gottsberger e Gerhard Gottsberger, por exemplo, estudaram 279 espécies de plantas e descobriram que 29% delas eram polinizadas exclusivamente por abelhas, e que 46% dessas espécies eram polinizadas também por outros agentes, mas tinham as abelhas como polinizadores principais.

O fato é que as abelhas sem ferrão e o Cerrado compartilham muitas vulnerabilidades. São diariamente ameaçados pelo fogo criminoso, pelo desmatamento, pela monocultura, pelos pesticidas e pelos efeitos das mudanças do clima. As ameaças são muitas, mas conhecer essas abelhas e o bioma em que vivem é o primeiro passo para reconhecer o quanto são valiosos e, o mais importante, pensar e agir em favor da sua proteção.



O corpo volumoso e as listras amarelas no abdômen caracterizam a mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), espécie muito popular no Brasil.



Jataí (*Tetragonisca angustula*) é uma das cinco espécies de abelhas sem ferrão presentes no Meliponário. Na foto, veem-se as abelhas sobre os favos, que são construídos em camadas em formato de disco dentro das casas de criação racional.

UMA NOVA COLEÇÃO BOTÂNICA

Era intenção do Jardim Botânico Inhotim montar no Viveiro Educador uma nova coleção de espécies do Cerrado. Essa coleção deveria ser representativa do bioma, diversa como ele é, útil para fins educativos, de pesquisa e conservação, e deveria estar disposta de forma paisagística. Assim, o resultado alcançado com a nova coleção botânica viabilizada pelo projeto *Ser do Cerrado* foi muito bem-sucedida. A consolidação dessa coleção foi definida pelo *Plano Curatorial do Projeto Ser do Cerrado*, que norteou a aquisição das novas espécies de plantas incrementadas ao Viveiro Educador. Essas espécies foram selecionadas a partir de cinco critérios, que serão detalhados a seguir.

DIVERSIDADE

A miríade de possibilidades de formatos e cores que as plantas do Cerrado apresentam facilitou a seleção. Com isso, foram escolhidas plantas que possuem características não convencionais e que são específicas do bioma, tais como árvores que apresentam formação de cortiça no seu tronco ou palmeiras com caule subterrâneo, que são adaptações necessárias para sobrevivência aos incêndios periódicos que ocorrem no Cerrado.

GRAU DE AMEAÇA

Plantas ameaçadas e endêmicas foram alvo de procura da Curadoria Botânica com vistas à conservação. Normalmente, essas plantas ocorrem em áreas restritas e atividades humanas costumam colocá-las em alto risco de ameaça.

FRUTÍFERAS

Plantas que produzem frutos comestíveis para a fauna silvestre e para humanos são elementos importantes para os jardins. Geralmente, são plantas de uso milenar por povos originários do Brasil ou uso medicinal e econômico por comunidades tradicionais. Elas também oferecem ao público a deliciosa experiência de colher frutas frescas direto do pé e conhecer novos sabores. Vale ressaltar que, em sua maioria, as frutas são consumidas no Inhotim pela fauna silvestre, como pássaros, pequenos mamíferos e insetos.

Vinhático (*Plathymenia reticulata*), espécie nativa com tronco suberoso, característica comum a diversas árvores do Cerrado.



ESPÉCIES-CHAVE PARA A COMPOSIÇÃO DOS JARDINS

Foram priorizadas espécies que também poderiam ser utilizadas nos jardins já existentes na área do Viveiro Educador, como cactáceas do Cerrado para o Jardim Desértico; e plantas de vegetações savânicas e campestres do Cerrado para as bordas do Jardim de Transição. Plantas melíferas do Cerrado para aumentar as opções de alimentação das abelhas presentes no Meliponário também foram selecionadas.

HISTÓRIA

As plantas podem ser assunto de diferentes tipos de histórias. Um exemplo interessante é que, através dos nomes científicos das plantas, é possível homenagear pessoas importantes que contribuíram para o avanço da ciência. É o caso da família das Vellozias, plantas nativas do Cerrado que foram assim designadas em homenagem a Frei José Mariano Velloso (1742-1811), grande botânico e naturalista brasileiro. Além disso, é possível contar sobre a relação dos povos tradicionais e indígenas com as plantas, e as descobertas dos naturalistas que por aqui passaram.

Espécies como pequi (*Caryocar brasiliense*), canela-de-ema (*Barbacenia delicatula*), palmeirinha-azul (*Syagrus glaucescens*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), ouriço-do-mar (*Echinopsis calochlora*) e sucupira-preta (*Bowdichia virgiliooides*) são importantes representantes dessa coleção. O objetivo do JBI é seguir ampliando essa coleção ao longo dos próximos anos, enaltecedo cada vez mais as belezas do Cerrado e fomentando ações de educação e pesquisa.

Antes de adquirir novas espécies, era preciso identificar as plantas de Cerrado que já estavam presentes no Viveiro Educador. Considerando que o Inhotim está numa zona de transição entre biomas e que espécies de Cerrado podem ocorrer naturalmente — sem que tenham sido inseridas pelo paisagismo —, esse levantamento florístico se mostrou uma tarefa complexa e exigiu mão de obra especializada.

Os botânicos assistentes Alex Coelho e Tatiana Almeida encabeçaram essa ação, que resultou na identificação de 720 espécies no Viveiro Educador. Destas, 173 espécies ocorrem no Cerrado, sendo 33 endêmicas do Brasil. Quanto ao grau de ameaça das espécies de Cerrado levantadas, observa-se que: 9,8% (17) delas estão “ameaçadas” (considerando espécies “vulneráveis”, “em perigo” e “criticamente em perigo”), 2,3% (4) estão “quase ameaçadas”, e 36% (62) apresentam risco de extinção “pouco preocupante”. Vale destacar que a maioria das espécies do Cerrado levantadas, cerca de 52% (88), ainda não teve seu

A cagaita (*Eugenia dysenterica*) é muito conhecida por seu fruto, que tem propriedades laxativas. Já suas folhas têm efeito contrário e são usadas em tratamentos contra desarranjos intestinais.



Palmeirinha-azul (*Syagrus glaucescens*), espécie endêmica do Cerrado em Minas Gerais, classificada como Vulnerável (CNCFlora).





Ouriço-do-mar
(*Echinopsis calochlora*),
um dos cactos presentes
no Jardim Desértico.

grau de ameaça avaliado. Os dados mostram que a biodiversidade do Cerrado precisa ser mais bem documentada e avaliada quanto ao grau de ameaça; bem como apontam para a importância de incluir exemplares dessas espécies em coleções botânicas para conservação *ex situ*.

Após o levantamento das plantas de Cerrado que já existiam no Viveiro e a aquisição de novas espécies, houve um longo trabalho de plantio e acompanhamento das novas plantas no espaço. Uma vez concluída a fase de adaptação, iniciou-se o tombamento da nova coleção. É importante compreender que uma coleção botânica é um patrimônio biológico, devidamente tratado, conservado e documentado de acordo com normas e padrões que garantem segurança, acesso, qualidade, longevidade e integridade de dados. E o tombamento é uma etapa crucial para a consolidação de qualquer coleção biológica. No caso do tombamento de uma coleção botânica, a organização e o registro correto das informações associadas a cada planta não só são importantes, como são muito dinâmicos. Esses dados podem servir de base para pesquisas científicas, ações de educação, conservação *ex situ*, propagação de espécies, reintrodução na natureza e restauração de áreas degradadas, por exemplo.

No processo de tombamento, cada planta tombada recebe uma placa, na qual constam as seguintes informações: nome científico, nome

popular, família e número de tombo. O número de tombo é um código de registro que vincula aquela planta que está viva no jardim ou nas estufas com o banco de dados informatizado. Nesse banco de dados se encontram informações adicionais sobre a planta, como localização, hábito, bioma em que ocorre, origem da coleta, grau de ameaça e se ela é endêmica ou não no Brasil.

A nova coleção do Cerrado no Inhotim conta com cerca de 287 espécies. No que diz respeito ao risco de extinção na natureza, 121 dessas espécies já foram avaliadas pelo Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora) — sendo 88 classificadas como “pouco preocupante”; 7 classificadas como “quase ameaçada”; 10 classificadas como “vulnerável”; 12, “em perigo”; e 4, “criticamente em perigo”. A coleção contempla cerca de 66 famílias botânicas, com destaque para Cactaceae, Bromeliaceae, Myrtaceae, Fabaceae e Arecaceae, resultando em abundância de formas, cores e diversidade de plantas.

Em um jardim botânico, o tombamento é um trabalho que tem início, mas não tem fim. Considerando que o Inhotim é um espaço dinâmico em que novos jardins sempre são criados e mais espécies são acolhidas, o processo de tombamento das coleções botânicas é contínuo. E o tombamento da coleção de Cerrado realizado em 2022 exigirá



O pequi (Caryocar brasiliense) é um símbolo do Cerrado. O chá de suas folhas é usado no tratamento de disfunções hepáticas e intestinais.



Plantas do Viveiro Educador receberam placas de identificação com número de tombo.

um trabalho contínuo de atualização, pois cada planta tombada será monitorada de perto.

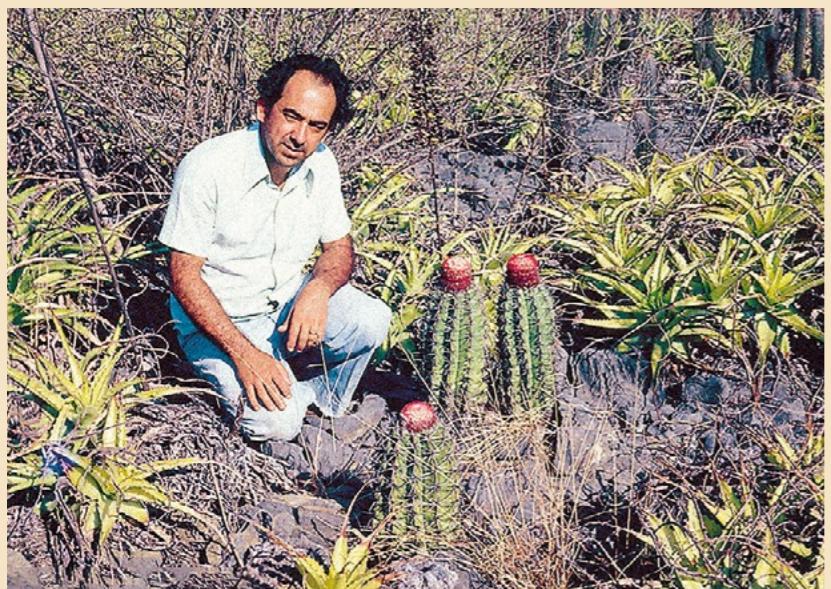
O incremento de espécies de Cerrado no Viveiro Educador proporciona bons encontros. A Rede de Sementes do Cerrado foi um importante fornecedor. As sementes adquiridas na Rede foram utilizadas para semeadura direta e produção de mudas para doação e incremento dos jardins. Elas também foram usadas na Mostra de Sementes, um dispositivo educativo com mais de 90 frutos e sementes de espécies do Cerrado que revelam a diversidade de formas, cores e estratégias de reprodução das plantas do bioma. O material tem alto potencial didático e foi utilizado em várias ações de educação ambiental realizadas no Inhotim.

Otávio Ribeiro, produtor de mudas em Conceição do Mato Dentro (MG), foi também fornecedor de espécies endêmicas de Campo Rupestre. Gerson Dias, de Igarapé (MG), foi mais um parceiro com quem trocamos informações. Ele doou algumas espécies frutíferas do Cerrado que passaram a compor os jardins do Instituto.

Julio Pastore, professor da Universidade de Brasília (UnB) e idealizador do Jardim de Sequeiro, também foi um grande parceiro. Sua experiência com o uso de espécies rasteiras do Cerrado no paisagismo estimulou a criação de um jardim experimental naturalista no Inhotim.

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP), através da professora Claudia Mattiuz e de diversos pesquisadores e estudantes, proporcionou uma rica troca de conhecimentos sobre o uso de espécies do Cerrado no paisagismo.

Outro relacionamento que surgiu a partir das pesquisas sobre o Cerrado foi com a família do colecionador de cactos e bromélias Eddie Esteves Pereira. Sua esposa, Lindevalda Borges Pereira, e seus cinco filhos, Edward, Charles, Richard, Herbert e Michael, doaram parte da coleção ao Inhotim, para que ela pudesse ser aberta ao público e útil para ações de pesquisa e conservação. A partir da missão de guardar e conservar as espécies que Eddie Esteves colecionou ao longo de décadas, outros parceiros foram de extrema importância. O biólogo Güydo Horta (especialista em cactos e suculentas) e Monica Corrêa (fornecedor de substrato para esse grupo de plantas) ajudaram a acomodar a coleção no Inhotim, indicando as melhores técnicas para a aclimatação e conservação dos cactos. O ex-curador do cactário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Diego Gonzaga, também foi um grande aliado na identificação das espécies e na organização da estufa criada especialmente para acolher a coleção.



Eddie ao lado da bromélia *Encholirium viride*, em Minas Gerais, 1979. A espécie é exclusiva de afloramentos calcários do Cerrado. Suas populações estão concentradas em Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Distrito Federal, e são ameaçadas pela mineração.

EDDIE ESTEVESES: UMA VIDA DEDICADA ÀS PLANTAS XERÓFITAS

Eddie Esteves Pereira (1939-2022) foi um publicitário, artista, fotógrafo de natureza e apaixonado pela flora brasileira. Nascido em Trindade (GO), ele era um profundo conhecedor de cactos, suculentas e bromélias. Eddie dedicou mais de 50 anos de sua vida a identificar e conservar plantas. Em suas expedições por áreas desconhecidas do Cerrado e demais biomas do Brasil, descobriu espécies ainda não registradas pela ciência. Ele, então, assumiu a tarefa de descrever e publicar artigos sobre os novos táxons, abrindo caminho para que pesquisadores e cientistas pudessem estudar a rica diversidade de plantas xerófitas (plantas adaptadas ao estresse hídrico) nativas.

Suas contribuições para a taxonomia e a conservação de espécies lhe renderam reconhecimento e amigos em todo o mundo. Eddie publicou inúmeros artigos em periódicos americanos, brasileiros, britânicos, holandeses e alemães. No Índice Internacional de Nomes de Plantas (IPNI), consta como autor de 269 táxons! E, em sua homenagem, 21 espécies, entre cactos, bromélias e euforbiáceas, trazem o epíteto *estevesii* no nome científico.

Ao longo dos anos, Eddie construiu um grande repertório botânico e montou, no jardim de sua casa, uma impressionante coleção de cactos e bromélias que era visitada apenas por amigos. Quando Eddie faleceu, em fevereiro de 2022, sua família doou parte da coleção ao Jardim Botânico Inhotim, na intenção de garantir que mais pessoas tenham acesso a esse legado.

Levou anos até que Eddie Esteves conseguisse capturar o exato momento em que um beija-flor visita a floração da *Pierrebraunia brauniorum*. A espécie, descoberta em Minas Gerais, em 1999, leva o nome de Pierre Braun, amigo e parceiro de publicações de Eddie.



Cerca de 1.800 vasos de plantas foram transportados de Goiás a Brumadinho, onde a equipe do Inhotim realiza os cuidados necessários para conservar esse rico acervo botânico. Na coleção, há plantas raras, além da espécie-tipo usada para descrever a *Pierrebraunia brauniorum* — descoberta em Minas Gerais, em 1999. Além de aclimatar as plantas, trocar seu substrato e reorganizá-las em novos vasos, o Inhotim criou uma estufa para acolher a coleção e vem realizando parcerias para identificar as espécies e estabelecer os protocolos de manutenção de cada uma.

Embora a família das cactáceas seja comumente relacionada à Caatinga, muitas espécies de cactos ocorrem no Cerrado, havendo, inclusive, espécies endêmicas deste bioma. Com a ajuda do doutor em Botânica e ex-curador do cactário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro Diego Gonzaga e do produtor e colecionador de cactos e suculentas Güydo Horta, cerca de cem espécies de cactos da coleção de Eddie Esteves já foram identificadas, das quais 15 ocorrem no Cerrado. Ao acolher a coleção de cactos e bromélias de Eddie Esteves, o JBI ajuda a manter viva a memória desse grande amigo da flora brasileira. Ao mesmo tempo, assume o compromisso de abrir ao público a coleção, possibilitando que mais pessoas estudem e amem a biodiversidade do Brasil.



Discocactus estevesii, do Cerrado do sul de Goiás, primeira planta registrada com o sobrenome de Eddie, em 1978.
A espécie faz parte da coleção que hoje está no Inhotim.

JARDIM DE SEQUEIRO

Há muita beleza nos capins. Uma beleza diferente daquela que nossos olhos estão acostumados a reconhecer em outras plantas. Estruturas aparentemente tão simples, formas variadas e mudanças de cor que evidenciam a passagem do tempo conferem aos capins um grande potencial ornamental.

Falar de Cerrado é também falar de uma incrível diversidade de capins e outras gramíneas, plantas ainda pouco valorizadas e que trazem consigo um conjunto de desafios para aquisição e propagação. Ainda que esse bioma seja mais conhecido por seus campos, foi um desafio encontrar gramíneas nativas do Cerrado para compor o paisagismo do Inhotim. Mas onde há desafio, também há oportunidades. E é daí que surge a possibilidade de implementar um jardim experimental no Instituto: o Jardim de Sequeiro.²⁵

O Jardim de Sequeiro é um projeto de extensão realizado na Universidade de Brasília (UnB), coordenado pelo professor Julio Pastore. O projeto é uma importante referência sobre como a flora nativa do Cerrado pode ampliar o vocabulário paisagístico brasileiro. Em 2022, o caráter inovador desse projeto foi internacionalmente reconhecido na V Bienal Latino-americana de Arquitetura de Paisagem.

Assim como o jardim-irmão da UnB, o Jardim de Sequeiro do Inhotim é um projeto experimental, que conjuga capins do Cerrado com outras plantas de ciclo de vida curto. Ao contrário da prática de jardinagem tradicional, o Sequeiro não estará sempre verde. Ele assume que há tempo de nascer, secar, recolher e rebrotar — e cada fase tem uma beleza diferente.

O Jardim de Sequeiro também é considerado um jardim naturalista, porque privilegia as espécies nativas, leva em conta os processos ecológicos e é mais sustentável, pois demanda menos em termos de irrigação e adubação. Esse jardim experimental nasceu no Inhotim a partir de uma parceria com Julio Pastore, que, junto com sua equipe, contribuiu não apenas com a transferência da tecnologia, mas com a mão na massa. Na primeira semana de dezembro de 2022, nasceu o Jardim de Sequeiro, ocupando uma área de cerca de 3 mil metros quadrados no Viveiro Educador. Sua implantação durou seis dias consecutivos e foi o resultado de um esforço coletivo de cerca de 30 pessoas, entre colaboradores do Inhotim e voluntários da UnB.

²⁵ O Jardim de Sequeiro foi realizado em parceria com a UnB e permaneceu em exposição no Inhotim por dois ciclos, em dezembro de 2022 e dezembro de 2023, como um jardim experimental.



Floração no Jardim de Sequeiro no Inhotim. A maior parte das espécies desse jardim tem ciclo curto, ou seja, elas germinam, crescem, florescem e produzem sementes em poucos meses.

Conjugadas com espécies precoces e tardias, o jardim recebeu diferentes gramíneas nativas do Cerrado, como o capim-carapato (*Aristida flaccida*), o capim-rabo-de-burro (*Aristida riparia*) e o capim-orelha-de-coelho (*Paspalum stellatum*). Cada um deles comprova que há muita beleza nas gramíneas, sobretudo, nos capins do Cerrado.

BASTIDORES DO VIVEIRO

Durante todo o ano de 2022, 59 visitas mediadas com foco no Cerrado foram oferecidas ao público diverso que visitou o Inhotim. Mais de 850 pessoas participaram da atividade, que foi ofertada pelo menos uma vez por semana e contou com mais edições em eventos especiais — como a Semana do Meio Ambiente e a Semana do Cerrado.

Essas visitas colocaram em destaque as espécies do Cerrado presentes nos jardins do Inhotim e conduziram o público até o Viveiro Educador. Entendendo que conhecer a biodiversidade do Cerrado é o primeiro passo para ajudar na sua conservação, os mediadores trouxeram informações etnobotânicas sobre as espécies do bioma, a fim de enriquecer o repertório cultural dos participantes. Uma vez que chegavam ao Viveiro Educador, os visitantes tinham a oportunidade de conhecer as estruturas de produção de plantas e as coleções botânicas guardadas nas estufas e casas de sombra, locais que geralmente não são abertos à visita livre.

É importante destacar que as visitas mediadas não seguem um único roteiro. Elas são adaptadas de acordo com o perfil de cada grupo,



privilegiando os interesses coletivos e a troca de saberes entre os visitantes. As visitas Bastidores do Viveiro tinham como objetivo mostrar a importância do Cerrado e aproximar o público desse bioma que é tão invisibilizado. Essa aproximação era estimulada através da observação de características peculiares das plantas do Cerrado presentes nos jardins do Inhotim, da troca de conhecimentos sobre essas espécies e dos relatos individuais. Assim, cada visita proporcionou caminhos e debates singulares, construídos coletivamente pelo grupo participante.

A visita Bastidores do Viveiro foi mediada por profissionais da Gerência de Educação e do Jardim Botânico do Inhotim e também por convidados. Ao menos uma vez por mês, especialistas, professores e colecionadores foram chamados para conduzir essas visitas, que foram muito bem recebidas pelo público e geraram conexões significativas.

Nosso agradecimento especial a Alex Coelho, Ana Vitória Martins, Anna Luisa Pacheco Cândido, Carlos Alberto Ferreira Júnior, Diego Rafael Gonzaga, Efigênia da Silva Costa, Evandro Fortini, Gerson Dias, Giordanna Bié, Gýydo Horta, Henrique Duarte Vieira, Luiz Querino, Lucas Mourão, Otávio Ribeiro, Raiane Amorim, Samuel Gonçalves, Sandra Regina Q. da Silva, Silvana Querino da Silva e Tatiana Almeida, que enriqueceram o debate sobre Cerrado e a experiência dos visitantes no Inhotim a partir da condução das visitas Bastidores do Viveiro.

Aluno da Escola Estadual Francisco Sales – Instituto de Deficiência da Fala e Audição, durante visita ao Jardim de Todos os Sentidos.



AÇÕES DE ACESSIBILIDADE

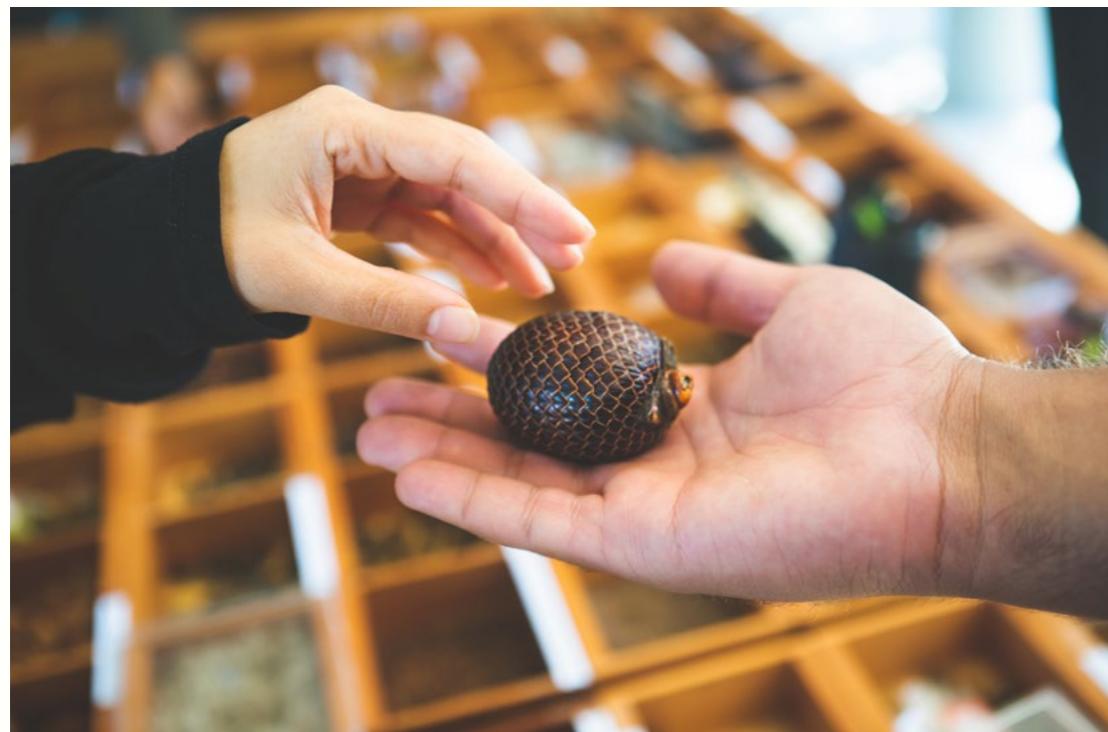
Diante do cuidado em promover ações concretas de inclusão, o projeto *Ser do Cerrado*, desde a sua concepção, teve a acessibilidade como uma pauta importante. E, sendo o Viveiro Educador o principal palco das ações do projeto, houve um trabalho específico ao longo de todo o ano de 2022 para implantar medidas de infraestrutura seguindo parâmetros de acessibilidade universal. Tais adequações eram necessárias para potencializar o acesso ao Viveiro, que é um espaço educador aberto a todos os públicos, e acolher a diversidade de formas de experienciá-lo.

Uma série de mudanças infraestruturais foram realizadas na área do Viveiro Educador, tais como: pavimentação de trilhas no Jardim de Transição e Jardim de Todos os Sentidos, proporcionando mais segurança e facilidade para a mobilidade nos espaços; adequação da altura e largura dos canteiros do Jardim de Todos os Sentidos; adequação dos banheiros disponíveis no Viveiro Educador conforme os padrões de acessibilidade universal; implantação de sinalização acessível; e ampliação da sinalização ethnobotânica. Estas mudanças tiveram como objetivo acolher a diversidade dos indivíduos e tornar a experiência de visitação mais acessível e autônoma para os variados públicos que frequentam o Inhotim.

Também no âmbito do projeto *Ser do Cerrado*, foram realizadas visitas mediadas para públicos oriundos de instituições com foco em acessibilidade. Essas visitas eram agendadas previamente e conduziam os grupos até o Viveiro Educador, de forma a apresentá-los aos jardins e trabalhar conceitos importantes sobre Cerrado, a partir da sensibilização ambiental e do entendimento de que “para conservar é preciso conhecer”. No Viveiro, os visitantes exploraram prioritariamente o Jardim de Todos os Sentidos e o Jardim de Transição.

Mais uma ação de acessibilidade proporcionada pelo projeto *Ser do Cerrado* foi a criação de um herbário inclusivo, que reúne exsicatas de espécies nativas do Cerrado. Uma vez que visitar o Inhotim é uma experiência multissensorial, é importante que o Instituto proporcione vivências que estimulem os diferentes sentidos. O herbário reúne exsicatas — ou seja, amostras de folhas e flores das plantas, que são presas e secas e dispostas em cartazes — de oito espécies, entre elas: ipê-amarelo (*Handroanthus ochraceus*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*), dedaleiro (*Lafoensis pacari*), aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*) e açoita-cavalo (*Luehea divaricata*). Considerando que a flora do Cerrado possui características muito peculiares, esse herbário inclusivo proporciona experiência tátil ainda mais interessante. O material fica disponível para visitantes na entrada do Viveiro Educador e é usado como suporte pedagógico pela equipe do Educativo em visitas mediadas.

A sinalização do Viveiro Educador foi ampliada, de modo a trazer mais informações sobre as plantas e os espaços, em diferentes linguagens. Além disso, a sinalização direcional do Viveiro ganhou novas placas; espécies em destaque nos jardins receberam placas de identificação etnobotânica; e um fôlder apresentando as atrações do Viveiro foi disponibilizado em português e inglês. Uma sinalização acessível — com placas e mapas táteis e fôlder em braille — e audioguias com conteúdos sobre espécies que compõem o acervo botânico do Inhotim também estão disponíveis para o público. Tudo isso para proporcionar uma experiência mais autônoma e completa para quem visita o Instituto.



O mostruário de sementes proporciona uma experiência multissensorial com as espécies do Cerrado.

Em visita ao Viveiro Educador, o grupo do Instituto São Rafael, de Belo Horizonte (MG), teve contato com as plantas do Jardim de Todos os Sentidos.



Grupo da Escola Estadual Francisco Sales – Instituto de Deficiência da Fala e Audição em visita ao Jardim Desértico.



PROTAGONISMO JOVEM NA CONSERVAÇÃO DO CERRADO

Se os jovens são o presente e o futuro do planeta, por que não serem os protagonistas na sensibilização ambiental? O programa Jovens Agentes Ambientais é uma formação continuada para estudantes de escolas públicas de Brumadinho (MG) e região em que os participantes são convidados a desenvolver ações em favor do meio ambiente, a partir dos acervos artístico e botânico do Inhotim e do território local. O programa teve início em 2008 e, a cada ano, conta com parcerias firmadas com patrocinadores e apoiadores do Instituto Inhotim para realizar novas edições focadas em temáticas ambientais contemporâneas.

Em 2022, dentro do projeto *Ser do Cerrado*, uma turma do Jovens Agentes Ambientais formada por estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Abelardo Duarte Passos, localizada no distrito de Melo Franco, teve como tema central o Cerrado. O programa apostou no uso de diferentes métodos educativos para promover o protagonismo juvenil e exercitar a autonomia, a clareza na comunicação e o pensamento crítico em relação às questões socioambientais. Ao longo de 60 encontros de formação, os jovens — com idade entre 15 e 19 anos — participaram de debates, oficinas, visitas mediadas a galerias, jardins e espaços dentro e fora do Inhotim, jogos, rodas de conversa e muitas atividades práticas.

Os encontros aconteciam duas vezes por semana, no contraturno escolar, e um transporte contratado pelo projeto *Ser do Cerrado* conduzia os alunos no percurso escola-Inhotim-escola. De maio a dezembro de 2022, a formação abordou temas como identidade, percepção, memória, comunicação, reconhecimento e pertencimento. O Cerrado foi trabalhado a partir da discussão sobre assuntos como territorialidade, conservação ambiental, gestão da água, etnobotânica, incêndios antrópicos e naturais, cidadania, direitos e deveres. A troca de experiências também evidenciou a importância do Cerrado na vida dos brasileiros, ressaltando o protagonismo jovem na luta pela conservação do bioma.

O programa instiga os jovens a refletir sobre temas contemporâneos comuns da realidade vivenciada por eles, a partir de elementos da natureza e da sociedade ao seu redor. Tendo em vista que os participantes do Jovens Agentes Ambientais *Ser do Cerrado* vivem em localidades rurais de Brumadinho — onde a população convive com a presença de mineradoras e com os impactos ambientais causados pelo rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, ocorrido em janeiro de 2019 —, o programa educativo tem ainda o papel de apresentar exemplos positivos de atuação no ambiente local e ampliar os horizontes profissionais



Jovens Agentes Ambientais em visita ao Epicentro Urihi, em Brumadinho.

desses jovens, estimulando-os a assumir o protagonismo na construção de um futuro mais saudável e sustentável.

Dentre os resultados obtidos, destaca-se a noção de comunidade que foi criada entre os jovens. Eles se enxergam como sujeitos, se respeitam, se identificam uns com os outros e se unem para levar adiante os conhecimentos compartilhados. Para Ana Vitória Martins, educadora responsável pelo Jovens Agentes Ambientais *Ser do Cerrado*, é um privilégio ensinar e aprender com a turma. “Esse grupo tem uma alta carga de responsabilidade, fruto de uma realidade difícil enfrentada por esses jovens. A determinação com que eles encaram os desafios da vida

é uma inspiração para mim, e eu consigo ver uma transformação real acontecendo na vida deles. Vejo os jovens se reconhecendo e evoluindo no jeito de comunicar suas ideias”, afirma.

Os adolescentes compõem um público peculiar, com demandas pedagógicas próprias e grande potencial transformador. É muito importante que instituições culturais e jardins botânicos direcionem mais ações formativas para esse público. Enquanto formação educativa que exercita uma postura crítica acerca do mundo e fortalece a relação das pessoas com o meio ambiente, o Jovens Agentes Ambientais pode inspirar outras iniciativas que coloquem os jovens no centro dos debates sobre a atualidade e o futuro.



Jovens Agentes Ambientais
em visita à Brigada Carcará,
em Brumadinho.

“Ser Jovem Agente Ambiental do Ser do Cerrado foi uma experiência muito fascinante e rica, surpreendente para todos nós. Tínhamos motivações e expectativas diferentes, mas ao longo do ano fomos encontrando um denominador comum: protagonizar. Cada encontro tinha sua própria ‘cara’, cada dia, um tema diferente; cada tema, uma surpresa diferente. Vivemos experiências únicas uns com os outros, fora e dentro do Inhotim. Não aprendemos apenas sobre o maravilhoso bioma do Cerrado, mas também aprendemos a ser protagonistas da nossa própria vida e lutar para que mais pessoas deem mais atenção ao meio ambiente, sua importância e os cuidados que devemos ter com ele. Ser Jovem Agente Ambiental é ser ativo e consciente na sociedade, pensar fora da caixa e nunca desanimar. Saber respeitar opiniões, sendo diferentes ou semelhantes, e entender que, se todos puderem se expressar, é possível ter um resultado final que agrade a todos.”

Amanda Gomes, Caio Alves, Camille Lima, Dalyla Mengali, Deivid Machado, Felipe Alves, Gustavo Maia, Lucas de Andrade, Luciana Cássia, Maxsuel Vieira, Moises Fiúza, Monique Marques, Paula Amorim, Paulo Almeida, Roberth Silva e Thamires Silva.



Participantes da visita mediada Bastidores do Viveiro no Epifitário.



O mostruário de sementes expõe a diversidade de estratégias de propagação das espécies do Cerrado.

SEMANA DO MEIO AMBIENTE 2022

O Dia do Meio Ambiente é celebrado em todo o mundo em 5 de junho. A data foi criada em 1972 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, durante a Conferência de Estocolmo, com o intuito de lembrar o público geral da necessidade de preservar o meio ambiente. O Inhotim sempre celebrou essa data e, em 2022, decidiu trazer o Cerrado como tema central que guiou toda a programação.

A Semana do Meio Ambiente Inhotim 2022 – Ser do Cerrado contou com palestras, visitas mediadas, oficinas educativas e apresentações culturais, e aconteceu no período de 30 de maio a 5 de junho. A programação levou o público a conhecer mais sobre a biodiversidade, as características fitofisiológicas, os saberes tradicionais e a importância da savana brasileira, convocando a corresponsabilidade de todos na conservação do Cerrado.

VISITAS MEDIADAS

O Cerrado foi tema central de visitas mediadas realizadas de 1º a 5 de junho. As visitas perpassaram os jardins do Inhotim em direção ao Viveiro Educador, envolvendo o público em reflexões sobre as características que fazem desse bioma um patrimônio natural que precisa ser mais protegido e conservado.

Ao todo, 107 pessoas, de distintas faixas etárias, participaram das visitas, que foram conduzidas pela equipe do Educativo, pelo curador botânico do Inhotim, Juliano Borin, e pelo botânico Samuel Gonçalves. As atividades contaram com tradução em Libras, ampliando a possibilidade de interação entre os participantes.

MOSTRA DE SEMENTES DO CERRADO

De 2 a 5 de junho, a Mostra de Sementes do Cerrado ocupou a entrada do Viveiro Educador e atraiu os visitantes que passavam pelo local. A Mostra contou com sementes de cerca de 70 espécies que ocorrem no Cerrado, coletadas no Inhotim ou adquiridas externamente. Participaram da atividade o total de 460 pessoas, de todas as idades, em atendimentos espontâneos durante a visitação ao Viveiro. Na Mostra, os visitantes puderam conhecer parte da diversidade do Cerrado e as estratégias utilizadas pelas plantas para dispersão de sementes. A partir desse contato, puderam se conscientizar sobre a importância de conservar o bioma.

OFICINAS EDUCATIVAS

De 3 a 5 de junho, o Inhotim ofereceu três oficinas educativas que foram um mergulho nas características culturais e ecológicas do Cerrado. Um público total de 55 pessoas, entre crianças, jovens e adultos, participou das atividades, que aconteceram nos dois turnos e tiveram tradução em Libras. A partir do contato direto com espécies da flora nativa desse bioma, os participantes foram convocados a pôr a mão na massa. Eles produziram cosméticos naturais, ilustrações científicas e exsicatas, enquanto aprenderam sobre as tradições e os ecossistemas do Cerrado.



Na oficina Saberes do Cerrado, os participantes produziram cosméticos naturais a partir de espécies do bioma.

POLINIZAR: RODA DE CONVERSA

As abelhas sem ferrão são importantes polinizadoras da flora nativa e têm papel fundamental na conservação da biodiversidade dos biomas. No dia 3 de junho, o Inhotim recebeu os especialistas em criação e conservação de abelhas sem ferrão Maurício de Oliveira e Eurico Novy para uma roda de conversa sobre a diversidade das abelhas nativas, suas características e curiosidades. O bate-papo marcou a abertura do Meliponário para a visitação livre, celebrando a vocação desse espaço para a sensibilização e a educação ambiental.



Eurico Novy explicou sobre as estruturas das casas de criação racional de abelhas sem ferrão durante a roda de conversa no Meliponário.

CERRADO SEMPRE-VIVO

O Ciclo de Palestras Cerrado Sempre-Vivo foi realizado no dia 4 de junho, no Teatro do Inhotim, e reuniu profissionais com diferentes experiências nas áreas de conservação, educação e pesquisa para construir conversas interdisciplinares sobre o Cerrado. Uma apresentação musical do ¿Silencie? Coletivo Percussivo, da Faculdade de Música da UFMG, abriu o evento, que contou com transmissão simultânea e tradução em Libras das três palestras. Você pode assistir à transmissão do evento no canal do Inhotim no YouTube.

Mariana Siqueira (arquiteta paisagista e responsável pelo Projeto Jardins de Cerrado) foi a primeira palestrante e abordou o tema “Paisagismo e flora do Cerrado”, ressaltando que precisamos nos identificar esteticamente com os ecossistemas não florestais do Brasil, valorizá-los e conservá-los. Em seguida, Nayara Mota e Alex Coelho (bióloga especialista e botânico assistente do Inhotim) apresentaram a palestra “Caminhos de pesquisa científica no Cerrado”, na qual abordaram o cenário temático que perpassa as pesquisas sobre esse bioma tão ameaçado, destacando o fato de que estamos perdendo o Cerrado antes mesmo de conhecê-lo. Por fim, sob o tema “Educação ambiental no Cerrado”, Rosângela Corrêa (dиректора-general do Museu do Cerrado e professora na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília) lembrou a corresponsabilidade das pessoas na conservação do meio ambiente, enfatizando os aspectos culturais e sociais que constroem o segundo maior bioma brasileiro.

Foi interessante perceber que o ciclo de palestras promoveu um ambiente acolhedor

e generoso para a troca de ideias. Na plateia, um público formado por universitários e profissionais da área ambiental não só acompanhou atento as palestras, como enriqueceu o debate com perguntas e contribuições. Entre o público convidado, estavam alunos e professores do curso de graduação em Biologia e pós-graduação em Botânica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), da pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), do curso de Biologia do Centro Universitário Una Aymorés de Belo Horizonte, e da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) / unidade Ibirité. O evento inspirou a estudante de Geografia da UFV Jayne Mayrink a escrever um poema, que foi recitado por ela durante a rodada de perguntas e aplaudido por todos.

**Com chuva tudo parece florescer
Na seca tem cor vibrante que não se vê
Mas “para ver é preciso querer ver”,
disse Mariana
O dourado implora para ser notado
Essa é a cor que predomina no Cerrado
Isso Mariana entendeu
E veio revelar que o Brasil sempre verde
Tem boa parte de algo amarelado
E que não é apenas no grande pé de ipê
Mas é também nos arbustos
que se espalham pelo chão
Ser tão vivo é ser dourado
Ser tão vivo é refletir a cor do Cerrado**

Jayne Mayrink



Ao fim das apresentações dos palestrantes, Juliano Borin mediou a rodada de perguntas.
Na foto: Mariana Siqueira, Rosângela Corrêa, Juliano Borin, Nayara Mota e Alex Coelho.



O ciclo de palestras reuniu estudantes, universitários e educadores no Teatro Inhotim.



É comum encontrar seriemas (*Cariama cristata*) caminhando pelos jardins do Inhotim.



Colaboradores do Inhotim participaram da visita mediada Bastidores do Viveiro, durante a Semana do Meio Ambiente 2022.

CONHECENDO A FAUNA DO CERRADO

Para proteger o Cerrado, também é preciso conhecer os animais que nele vivem e que muitas vezes passam despercebidos por nós. A palestra apresentada por Vinícius Barbosa nos dias 1º e 2 de junho trouxe discussões acerca da ecologia e da preservação das espécies. Na programação, o biólogo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Brumadinho (MG) também falou sobre a diversidade da fauna silvestre que ocorre na região onde o Inhotim está situado.

PROGRAMAÇÃO EXCLUSIVA PARA FUNCIONÁRIOS

Além das atividades ofertadas para o público visitante, na Semana do Meio Ambiente 2022 também foram realizadas visitas mediadas exclusivas e palestras para funcionários do Inhotim. Esta é uma prática comum do Instituto, que busca envolver os colaboradores nas discussões sobre temas da contemporaneidade. Entende-se que, dessa forma, é possível reverberar as reflexões e melhorar as experiências de visitação para todos os públicos.

Nos dias 30 e 31 de maio, a visita mediada Bastidores do Viveiro levou funcionários do Inhotim a refletirem sobre o Cerrado, destacando elementos da flora, da fauna, os aspectos culturais, principais impactos ambientais e as relações diretas estabelecidas com o bioma.

No dia 31 de maio, uma visita mediada ao Meliponário inaugurou oficialmente este jardim temático, suscitando discussões sobre a biodiversidade do Cerrado e a importância de se proteger os agentes polinizadores desse bioma.

Funcionários do Inhotim também participaram da palestra sobre a fauna do Cerrado, que aconteceu nos dias 1º e 2 de junho e abordou a diversidade de animais silvestres de Brumadinho, onde o Inhotim está inserido e onde reside a maioria de seus colaboradores.

APRESENTAÇÕES CULTURAIS

O Viveiro Educador foi palco de duas apresentações culturais durante a Semana do Meio Ambiente Inhotim 2022 – Ser do Cerrado.

No sábado, 4 de junho, a artista Luzmilla Luz apresentou o show performático *Sintrópica*. O espetáculo, que foi construído a partir de temáticas que exaltam a terra e as forças da natureza, contou com diversas participações especiais e embalou o público que curtia o cair da tarde no Inhotim.

No domingo, 5 de junho, foi a vez da Orquestra de Câmara Inhotim encantar o público. Sob a regência do maestro César Timóteo e com a participação do violonista Celso Faria, a Orquestra apresentou a obra “Os jardins de Inhotim”, do premiado compositor brasileiro Jônatas Reis. Essa obra é uma homenagem aos jardins do parque e foi inspirada nas sensações, imagens e beleza que deles irradiam e encantam os visitantes.



Os visitantes entraram na dança no sábado de apresentações culturais.



Luzmilla Luz agitou o público com seu show performático no Viveiro Educador.



A Orquestra de Câmara Inhotim encerrou a programação da Semana do Meio Ambiente 2022 com um concerto no Viveiro Educador.

SEMANA DO CERRADO 2022

O Dia Nacional do Cerrado é celebrado em 11 de setembro. Desde 2003, essa data marca a agenda ambiental nacional com o objetivo de difundir a importância do bioma e sensibilizar a sociedade para as ameaças às quais ele está submetido. No Inhotim, a data foi vista como mais uma oportunidade de ativar o tema Cerrado entre os visitantes, por meio de uma programação voltada para diferentes públicos. A Semana do Cerrado aconteceu entre os dias 10 e 16 de setembro de 2022 e contou com atividades diversas.

ESPAÇO CIÊNCIA: GABINETE DE CURIOSIDADES DO CERRADO

Particularidades botânicas do Cerrado foram reveladas no Gabinete de Curiosidades, montado na área central do Inhotim. O espaço incluiu diversas atrações referentes ao bioma, como: mostra de frutos e sementes de mais de 90 espécies do Cerrado; exsicatas e flores de espécies do bioma; dez cards de espécies de aves selecionadas a partir do guia *Aves do Inhotim*; borboletas escolhidas das caixas entomológicas do Inhotim; e exposição de flores e raízes de mudas.

Nos dias 10 e 11 de setembro, as mais de mil pessoas que passaram por esse espaço foram convidadas a interagir com sementes, folhas, frutos, exsicatas e microscópios, e descobrir detalhes que fazem do Cerrado um bioma singular. A ideia era que, a partir do contato direto com esses elementos e da conversa com os mediadores do espaço, as pessoas pudessem se aproximar do Cerrado e lançar um novo olhar para a biodiversidade, que se tornou algo tangível e significativo para elas. Durante essa atividade, também foram doadas para o público mudas de cinco espécies arbóreas do Cerrado.



Na Semana do Cerrado 2022, visitantes do Inhotim conheceram diversas características desse bioma no Gabinete de Curiosidades.

OFICINAS EDUCATIVAS

Nos dias 10 e 11 de setembro, crianças e adultos participaram de oficinas educativas sobre o Cerrado. Por meio de atividades práticas, essas oficinas contribuíram para a sensibilização e o aprendizado sobre flora, fauna e fenômenos naturais do bioma.

A oficina de pintura abordou principalmente a fauna, as queimadas naturais e os serviços ecológicos prestados pelo Cerrado. Após algumas horas, tintas e pincéis fizeram surgir imagens de tucanos, onças e lobos-guarás em meio a mensagens de preservação do bioma.

No dia seguinte, foi a vez de a oficina de ikebana aproximar o público da flora do Cerrado. Além de conhecer mais sobre espécies ornamentais, os participantes puderam, a partir do uso da técnica japonesa, construir arranjos florais cheios de significado e beleza.



Participantes da oficina de pintura, na Semana do Cerrado.

ESTUFA ABERTA: COLEÇÃO EDDIE ESTEVES

A Semana do Cerrado foi uma oportunidade de apresentar ao público uma coleção especial de cactos e bromélias, adquirida por meio do projeto *Ser do Cerrado* e que guarda espécies do Cerrado e de outros territórios. Pela primeira vez, a estufa destinada a abrigar a coleção de Eddie Esteves foi aberta para visitação. Nos dias 10 e 11 de setembro, especialistas do Jardim Botânico Inhotim estiveram à disposição para conversar sobre conservação no bioma Cerrado, produção de plantas e colecionismo, além de mostrar detalhes das espécies ali acolhidas.



Na Semana do Cerrado, a estufa que abriga a coleção de cactos Eddie Esteves foi aberta ao público pela primeira vez.

PASSARINHADA

No Dia do Cerrado, 11 de setembro, a ornitóloga Raiane Amorim conduziu uma passarinhanha pelos jardins do Inhotim. Nessa visita especial de observação de aves, o público foi estimulado a afinar o olhar para contemplar as espécies, compreender o seu comportamento e descobrir como as aves se relacionam com o meio onde vivem.

A atividade começou antes do horário normal de visitação. Isso porque o início da manhã é o período de intensa atividade das aves e, sem tanto movimento de visitantes e carrinhos elétricos pelo Inhotim, elas ficam mais à vontade pelos jardins, sendo mais fácil avistá-las. A visita teve como foco o encontro com espécies do Cerrado que ocorrem no Instituto e estão catalogadas no guia *Aves do Inhotim*, publicação que reúne informações sobre o modo de vida de 94 espécies de aves que habitam o Instituto. O guia pode ser baixado gratuitamente pela internet.

RODA DE CONVERSA: JARDIM DE SEQUEIRO

Durante a Semana do Cerrado, aconteceu também uma roda de conversas em que os Jovens Agentes Ambientais puderam conhecer o Jardim de Sequeiro, projeto conduzido pelo professor Julio Pastore na Universidade de Brasília. O bate-papo foi uma oportunidade de falar sobre a beleza da temporalidade das plantas e os jardins naturalistas, ressaltando as técnicas de manutenção de plantas do Cerrado no paisagismo.

WORKSHOP: PAISAGISMO E CERRADO

A potência da biodiversidade do Cerrado para o paisagismo e o papel das práticas paisagísticas para a conservação do bioma foram os temas abordados neste evento de quatro dias. De 12 a 14 de setembro, foram desenvolvidas atividades de imersão em um workshop, que contou com a participação de cerca de dez pessoas por dia — entre elas, a professora Claudia Mattiuz (Esalq/USP), pesquisadores e alunos da USP e da UnB, colaboradores do Inhotim e do viveiro Quinta's Brasil, de Igarapé (MG). Foram três dias de imersão nos jardins do Inhotim e levantamento bibliográfico sobre o potencial ornamental da flora do Cerrado e o paisagismo como instrumento que pode contribuir para a conservação. O grupo fez um trabalho intenso de levantamento de informações e



Na Semana do Cerrado, o Inhotim abriu mais cedo para receber os participantes da Passarinhanha.



O público lotou o Espaço Igrejinha, no Inhotim, para acompanhar as palestras sobre paisagismo e Cerrado.

identificação de espécies potentes para o paisagismo, além de se debruçar sobre o cultivo *in vitro* de espécies do bioma.

No dia 15 de setembro, o workshop foi encerrado com um Ciclo de Palestras, em que os participantes das imersões falaram sobre os temas trabalhados nos dias anteriores. O evento também contou com apresentações sobre o projeto *Ser do Cerrado* para um público composto por estudantes, pesquisadores e profissionais interessados em botânica e meio ambiente. Entre os convidados, estavam alunos do curso de paisagismo do Instituto de Arte e Projeto de Belo Horizonte (INAP), pesquisadores do Laboratório de Sistemas Socioecológicos da UFMG e um representante do Ministério Público de Minas Gerais. A participação de diversos setores enriqueceu o debate e a difusão do conhecimento, na sociedade, sobre a potência da utilização de plantas do Cerrado no paisagismo.

O PROJETO SER DO CERRADO 2025-2026

As ações desenvolvidas pelo projeto *Ser do Cerrado* no Inhotim em 2022 e 2023 evidenciaram o grande interesse do público pelo bioma e a urgência de ampliar os cuidados com sua conservação. Ficou evidente que o Cerrado precisa de mais atenção e que, com conhecimento e sensibilidade, podemos contribuir para sua proteção.

Na segunda edição do projeto, que será realizada em 2025 e 2026, o Inhotim concentra esforços na valorização da flora nativa do Cerrado mineiro, com foco especial nas espécies raras, endêmicas e ameaçadas da região de Brumadinho e seu entorno. O projeto também amplia sua presença dentro do Instituto: se, na primeira edição, o Viveiro Educador foi o espaço central das atividades, agora o *Ser do Cerrado* se estende por todo o Eixo Laranja do parque.

Uma das principais frentes dessa nova etapa é o Programa de Paisagismo *Ser do Cerrado*, que integrará 25 novas espécies do bioma ao paisagismo do Inhotim. A proposta é criar experimentações estéticas que valorizem a diversidade da flora local e incentivem novas formas de olhar para o Cerrado. Como parte desse processo, estão previstas saídas de campo e coletas de sementes de espécies com potencial paisagístico.

Outro destaque desta edição é o investimento em pesquisas científicas voltadas aos capins do Cerrado. Frequentemente esquecidas em programas de conservação, essas gramíneas e outras plantas de pequeno porte ganham protagonismo nos experimentos que serão realizados no Laboratório de Botânica do Inhotim.

O projeto também reforça sua vocação para a educação ambiental, com uma programação gratuita que inclui a Semana do Cerrado, oficinas, curso de paisagismo e um seminário. Assim, reforçamos a mensagem de que é preciso conhecer para proteger o bioma.

Mais uma vez, esperamos que esta publicação e as ações do projeto *Ser do Cerrado* desenvolvam novas percepções sobre o que significa pertencer ao Cerrado e inspirem outras iniciativas em prol da defesa e da valorização do bioma.

SUGESTÕES PARA SABER MAIS SOBRE O CERRADO

Muitas iniciativas têm chamado atenção para a necessidade de proteger o Cerrado e as pessoas que nele vivem. Reunimos aqui indicações de endereços eletrônicos onde você encontra conteúdos qualificados a respeito do Cerrado, das suas espécies e povos, bem como das ações de resistência e preservação desse importante bioma.

- Campanha Nacional em Defesa do Cerrado:
campanhacerrado.org.br
- Embrapa Cerrados:
embrapa.br/cerrados
- ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza:
ispn.org.br/biomass/cerrado
- Jardim Botânico de Brasília:
jardimbotanico.df.gov.br
- MapBiomass Brasil: brasil.mapbiomas.org
- Museu do Cerrado: museucerrado.com.br
- Podcast Cerrados: cerrados.org.br
- Rede Cerrado: redecerrado.org.br
- Território Temático Ser do Cerrado Inhotim:
inhotim.org.br/territorios-tematicos/ser-do-cerrado/
- Tribunal Permanente dos Povos em Defesa dos Territórios do Cerrado: tribunalocerrado.org.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Diana; SANTOS, Valéria P. (Orgs.). PORTO-GONÇALVES, C. W. (Autor). *Dos Cerrados e de suas Riquezas: De Saberes Vernaculares e de Conhecimento Científico*. Rio de Janeiro e Goiânia: Fase e CPT, 2019. Disponível em: <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2019/12/PUBLICACAO_CERRADO-2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.
- AGUIAR, Diana; LOPES, Helena (Orgs.). *Saberes dos Povos do Cerrado e Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Campanha em Defesa do Cerrado e ActionAid Brasil, 2020. Disponível em: <<https://campanhacerrado.org.br/images/biblioteca/Saberes%20dos%20Povos%20do%20Cerrado%20e%20Biodiversidade.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Editora UnB, 2011.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Ambiental*. Lei 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 07 out. 2022.
- BRAUN, Pierre J. Eddie Esteves Pereira 1939-2022: A Life Dedicated to the Cacti and Xerophytic Plants of Brazil. *Cactus and Succulent Journal*, v. 94, n. 2, jun. 2022, pp. 197-203.
- CARTA-MANIFESTO DAS MULHERES E HOMENS VAZANTEIROS. Ilha da Ingazeira, maio de 2006.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo (Orgs.). *Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado: Direito Consuetudinário de Praticar a Medicina Tradicional*. Turmalina: Articulação Pacari, 2014. Disponível em: <<https://fase.org.br/pt/acervo/documentos/protocolo-comunitario-biocultural-das-raizeiras-do-cerrado/>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo (Orgs.). *Farmacopéia Popular do Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009. Disponível em: <<https://campanhacerrado.org.br/images/biblioteca/Farmacope%C2%A0Popular%20do%20Cerrado.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DREWS, Yana Marull et al. *O Fogo e o Cerrado*. Brasília: ICMBio, 2016. Disponível em: <https://yanamarull.com/wp-content/uploads/2018/06/livro-o_fogo_e_o_cerrado.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUTRA, Rodrigo Marciel Soares; SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. Cerrado, Revolução Verde e Evolução do Consumo de Agrotóxicos. *Sociedade e Natureza*, v. 29, n. 3, set./dez./2017, pp. 469-484.
- IBGE, Coordenação de Geografia e Meio Ambiente, Coordenação de Contas Nacionais. *Contas de Ecossistemas: Resultados do Projeto NCAVES no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101930.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- ISPN, Instituto Sociedade, População e Natureza. *Cerrado: Berço das Águas*. 2020. Disponível em: <<https://ispn.org.br/biomass/cerrado/berco-das-aguas/>>. Acesso em: 13 out. 2022.
- KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. A Conservação do Cerrado Brasileiro. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, jul. 2005, pp. 147-155.
- LOPES, Rosimeire Batista; MIOLA, Deise Tatiane Bueno. Sequestro de Carbono em Diferentes Fitofisionomias do Cerrado. *Synthesis Revista Digital FAPAM*, v. 2, n. 2, nov. 2010, pp. 127-143.

MAPBIOMAS. *Relatório Anual de Desmatamento 2021*. São Paulo, 2022. Disponível em: <<http://alerta.mapbiomas.org>>. Acesso em: 14 set. 2022.

MAPBIOMAS. *Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Brasil – Coleção 9*. Disponível em: <<https://data.mapbiomas.org/dataset/xhtml?persistentId=doi:10.58053/MapBiomas/K8GSYM>>. Acesso em: 08 jul. 2025.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *O Bioma Cerrado*. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/cerrado>>. Acesso em: 14 set. 2021.

MITTERMEIER, R.A. et al. *Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions*. Washington, D.C.: Cemex, 2004.

MOTOKI, Carolina. O Levante das Comunidades Tradicionais. *Repórter Brasil*, on-line, 27 jan. 2018. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/comunidades-tradicionais/o-levantedas-comunidades-tradicionais/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

REIGOTA, Marcos. Educação política e competência técnica. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo;

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. *Educação Ambiental: Desenvolvimento de Cursos e Projetos*. 2 ed. São Paulo: USP, Núcleo de Informações em Saúde Ambiental, Signus, 2002.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas Anãs do Sertão: O Cerrado na História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Sertão, Lugar Deserto: O Cerrado na Cultura de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M. et al. (Ed.). *Cerrado: Ecologia e Flora*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Planaltina: Embrapa Cerrados, 2008, pp. 151-212.

SILBERBAUER-GOTTSBERGER, Ilse; GOTTSBERGER, Gerhard. A polinização de plantas do Cerrado. *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, nov. 1988, pp. 651-663.

SOUZA, Vinicius Castro et al. *Guia das Plantas do Cerrado*. Piracicaba: Taxon Brasil, 2018.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Alexandre Guzanshe
pp. 171, 173

Brendon Campos
pp. 99, 114, 116, 147, 150, 153,
155, 156, 158, 164

Bruno Figueiredo
pp. 149, 161, 163, 166, 167

Eddie Esteves Pereira
p. 142

Glenio Campregher
pp. 140, 168, 170

Henrique Marques
pp. 148, 152, 160, 167

João Marcos Rosa
pp. 27, 28, 33, 100 a 113, 124, 128, 131,
133, 134, 137, 138, 139, 145, 164

Maria Eduarda Santos Silva
p. 153

FICHAS TÉCNICAS

PROJETO SER DO CERRADO 2022-2023

Realização

Instituto Inhotim

Apoio

Ministério Público de Minas Gerais
Plataforma Semente

INSTITUTO INHOTIM

Coordenação do Projeto

Juliano Borin
Sabrina Carmo
Vinícius Porfírio
Wendell Silva

JARDIM BOTÂNICO INHOTIM

Paisagista

Pedro Nehring

Gerente de Jardim Botânico

Arthur Castro

Assistente de Curadoria Botânica

Bárbara Sales

Botânicos Assistentes

Alex Coelho
Tatiana Almeida

Bióloga Especialista

Nayara Mota

Analistas Ambientais

Bianca Paulino
Filipe Framil
Laís Silva

Viveirista

Walter Pereira

Encarregado de Viveiro e Fitossanitarismo

Leandro França

Jardineiros

Afonso Silva
Arivaldo Cardoso
Celton de Oliveira
Felipe Araújo
Frank Junior Ferreira
Nicias Brandão
Vicente Cruz

Jardineiros Fitossanitaristas

Alexandre Santos
Carlos Aleandro
Elenir Santos
Sergio Lourenço

Auxiliares de Jardinagem

Andrey Fagundes
Gilmar Souza
Italo Nicomedes

Encarregados de Jardim

Carlos André da Silva
Elizabete da Silva
Geraldo Almeida
Vanderley da Silva

Encarregado de Irrigação

Geraldo Anacleto

Tratorista

Marcelo Ferreira

Assistentes Administrativas

Erica Castro
Juçeara Prado

Jovens Aprendizes

Fernanda Lima
Maria Eduarda de Oliveira

EDUCATIVO

Supervisora de Educação
Luiza Verdolin

Assistente Administrativo
Lucas Ribeiro

Analista de Projetos
Saymon Santos

Bibliotecário
Josenberg Mendes

Educadores
Ana Vitória Martins
Luiz Querino
Petúnia Caroline de Souza

Jovem Aprendiz
Maria Eduarda Santos

COMUNICAÇÃO

Lorena Vicini
Wendell Silva
Ricardo Lopes
Alan Dhom
Ana Clara Moreira
Brendon Campos
Danielle Pinto
Lana Costa
Luana Campos
Thiago Pacheco

Colaboradores
Alles Blau
Área de Serviço
Fernanda Zanette
Giovanna Ribeiro
Hardy Design
Ítalo Bacci
Mandelbrot
Nitro
Renata Gibson
Sílvia Almeida

PROJETOS	Diretora-Geral Clarissa Duarte Belloni	Madson Trindade Maria Auxiliadora Drumond Maurício de Oliveira Monica Araújo Cotta Corrêa Otávio Ribeiro Parque Estadual da Serra do Rola-Moça Paulo Eduardo de Souza da Silva Rede Brasileira de Jardins Botânicos Rede de Sementes do Cerrado Renato Tsutsumi Rupestris Biotecnologia em Produção Vegetal Samuel Gonçalves (<i>Um Botânico no Apartamento</i>) Terral Jardinagem Universidade de Brasília Viveiro Boa Vista Viveiro Cipreste Viveiro Quinta's Brasil Viveiro Viverde Zélia Vieira
Coordenador de Projetos Vinicius Santos	PLATAFORMA SEMENTE	
Analistas de Projetos Beatriz Sousa Caio Otta Davds Lacerda Viviane Campos Viviane Melo	Analista em Direito do MPMG Liliane Tavares Oliver	
Relações Públicas Marina Toledo	Supervisora Renata Fonseca	
Assessoria Jurídica Paula Sulmonetti	Analista Jurídica Anna Otoni	
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS	Assessora de Comunicação Camila Dias	
Procurador-Geral de Justiça Jarbas Soares Júnior	Analista Financeiro Nilton Ribeiro	
Corregedor-Geral do Ministério Público Marco Antônio Lopes de Almeida	Analista Técnica Ambiental Paula Grandi Coelho	
Procuradora-Geral de Justiça Adjunta Jurídica Eliane Maria Gonçalves Falcão	Agradecimentos O Inhotim agradece a parceiros, apoiadores e fornecedores que estiveram junto conosco no projeto <i>Ser do Cerrado 2022-2023</i> : Brigada Carcará Cactário Guydo Horta Centro de Resgate e Ecologia de Abelhas Nativas Claudia Mattiuz Diana Aguiar Diego Rafael Gonzaga Epicentro Urihi Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Universidade de São Paulo Eurico Novy Farmácia Viva do Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares Floresta Nacional de Paraopeba Gerson Dias Giovana Avancini Giselda Durigan Holambelo Gran Flora Instituto Federal de Rio Verde Jardim Botânico Rio de Janeiro Jardim para Todos José Fernandes de Sousa Filho Julio Pastore Lindevalda Borges	
Procurador-Geral de Justiça Adjunto Administrativo Márcio Gomes de Souza		
Procurador-Geral de Justiça Adjunto Institucional Carlos André Mariani Bittencourt		
Promotor de Justiça Coordenador do Caoma Carlos Eduardo Ferreira Pinto		
Promotora de Justiça Coordenadora Regional das Promotorias de Justiça do Meio Ambiente das Bacias dos Rios Paracatu, Urucuia e Abaeté Carolina Frare Lameirinha		
Analista Jurídico do MPMG Luciano José Alvarenga		

PROJETO SER DO CERRADO 2025-2026

Realização Instituto Inhotim	Assistentes Administrativas Erica Castro Lilian Duarte	Procuradora-Geral de Justiça Adjunta Jurídica Reyvani Jabour Ribeiro
Apoio Ministério Público de Minas Gerais Plataforma Semente	DESIGN	Procuradora-Geral de Justiça Adjunta Administrativa Iraídes de Oliveira Marques
	Gerente Ricardo Lopes	Procurador-Geral de Justiça Adjunto Institucional Hugo Barros de Moura Lima
	Designers André Travassos Lana Costa Vitória Oliveira	Promotor de Justiça Coordenador do Caoma Luciano Luz Badini Martins
	Coordenação do Projeto Sabrina Carmo Vinicius Santos	Promotora de Justiça Coordenadora Regional das Promotorias de Justiça do Meio Ambiente das Bacias dos Rios Paracatu, Urucuia e Abaeté Carolina Frare Lameirinha
	NATUREZA E ÁREAS VERDES	
	Gerente de Natureza Sabrina Carmo	Analista Jurídico do MPMG Luciano José Alvarenga
	Supervisora de Áreas Verdes Juçeara Prado	PLATAFORMA SEMENTE
	Supervisora de Gestão Ambiental Bianca Paulino	Analista em Direito do MPMG Núcleo Semente Liliane Tavares Oliver
	Bióloga Especialista Thamyris Bragioni	Analistas Administrativas do MPMG Núcleo Semente Aline Bastos Renata Fonseca
	Analistas Ambientais Laís Silva Petúnia Caroline de Souza Theo Karam	Analistas de Projetos Mariana Ferreira Pipe Nascimento Viviane Melo
	Assistente de Curadoria Botânica Bárbara Sales	JURÍDICO
	Botânica Assistente Danielle Aparecida Souto Ferreira	Gerente de Projetos Anna Otoni
	Assessor Pedagógico Nilton César Silva dos Santos	Coordenador Financeiro Nilton Ribeiro
	Viveirista Walter Pereira	Coordenadora Técnica Ambiental Paula Grandi Coelho
	Encarregados Carlos André F. da Silva Elizabete Tânia da Silva Geraldo Farias de Almeida	Supervisor de Comunicação Lucas Rodrigues
		Agradecimentos O Inhotim agradece a parceiros, apoiadores e fornecedores que estiveram junto conosco no projeto <i>Ser do Cerrado 2025-2026</i> :

Alexander Azevedo
Coordenação de Produção
de Programação Artística e Eventos
Corporativos do Inhotim
Gerência de Comunicação
do Inhotim
Gerência de Desenvolvimento
de Público do Inhotim
Gerência de Educação do Inhotim
Márcio Protzner
RPPN Brumas do Espinhaço

INSTITUTO INHOTIM

Bernardo Paz
IDEALIZADOR E FUNDADOR BENEMÉRITO
Allan Schwartzman
DIRETOR-FUNDADOR

Conselho Deliberativo

Eugenio Mattar
PRESIDENTE

Luís Paulo Montenegro
VICE-PRESIDENTE

Alfredo Pinto
Andréa Cruz
Ayrson Heráclito
Betania Tanure
Cristiano Paz
Daniela Vilella
Eduardo Wurzmann
Francisco Müssnich
Genny Baran Nissenbaum
Guilherme Teixeira
Gustavo Ioschpe
Gustavo Pimenta
Izabella Teixeira
Jandaraci Araújo
José Carlos Carvalho
Keyna Eleison

Luciana de Oliveira Hall-Cezar Coelho
Maguerite Etlin

Maguy Etlin
Mariana Moura

Maurício Campos Júnior

Paula Setubal
Paulo Sérgio Kakinoff

Ricardo Guimarães
Roberto Brant

Rubens Menin Teixeira de Souza

Susana Leirner Steinbruch

Tiago Pessôa

Conselho Fiscal

Antônio Pelicarpo
Joaquim Guimarães
Viviane Ventura

Diretoria Estatutária

Paula Azevedo
DIRETORA-PRESIDENTE

Júlia Rebouças
DIRETORA ARTÍSTICA

Diretoria Executiva

Gleyce Heitor
DIRETORA DE EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

Luciana Zanini
DIRETORA DE FINANÇAS,
PESSOAS E ESTRATÉGIA

Felipe Paz
DIRETOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Alita Mariah
DIRETORA DE NATUREZA,
OPERAÇÕES E INFRAESTRUTURA

Patricia Schmidt
COMPLIANCE OFFICER & DIRETORA
DE RISCOS E CONTROLES

Cláudia Silveira
SECRETÁRIA EXECUTIVA

Arte

Curadoria
Beatriz Lemos,
curadora coordenadora
Douglas de Freitas,
curador coordenador
Marilia Loureiro, *curadora*
Deri Andrade, *curador assistente*
Lucas Menezes, *curador assistente*
Varusa, *assistente curatorial*
Gabriel Barreto, *coordenador de produção e planejamento*
Graciela Silva, *analista administrativa*

Acervo Artístico

Bruna Oliveira, *gerente*
Alex Maciel
Álisson Valentim
Anselmo
Daniela Espíñula

Elaine D. Matos
Gabriela Santiago
Paulo Rodrigues
Thiago Botelho
Victor Taumaturgo

Ateliê
Elton Damasceno, *gerente*
Aparecida Alberto
Daiane Silva
Fernando Fagundes
Guilherme Ventura
Iveraldo Luis
Janete Fabiana
Josiene dos Santos
Marco Antônio
Priscila Mara
Rodrigo Silva
Sérgio de Fátima
Valdiney Fernandes

Comunicação
Wendell Silva, *gerente*
Ana Luiza Andrade
Jheniffer Lourenço
Lucas Uriel
Magno Barbosa
Mariana Gonzaga
Matheus Salvino
Thiago Pacheco

Design
Ricardo Lopes, *gerente*
André Travassos
Clarice Lacerda
Lana Costa
Vitória Oliveira

Loja Design
Kit Paz, *gerente*
Anna Gomes

Dafni Leonardo
Daniel Colares
Daniele Vieira
Fabi Faria
Fátima Murta
Gabriela Silva
Giovana Ester
Guilherme Morais
Hariel Santos
Júnia Eduarda
Lili Soares
Luiz Souza

Produção de Exposições
Clara Machado
Dani Cardoso
Serafim Cruz

Produção de Programação
Bruna Campos
Jade Santos
Julie Aguiar
Lylah Araújo
Raphaelly Sandrine
Rogério Guimarães
Sarah Monteiro
Wallisson Arthur

Natureza

Natureza e Áreas Verdes
Sabrina Carmo, *gerente*
Abelar Moreira
Adriana Santos
Alex Rodrigues
Alexandre de Souza
Ana Paula Santos
Ana Paula Silva
Antônio de Freitas
Antônio França
Antônio Júnior
Aristides Borges
Arthur Pablo
Aumir de Paulo
Bárbara Sales
Beatriz Oliveira
Bianca Paulino
Caio Alves
Carlos de Jesus
Carlos Silva
Celton de Oliveira
César Augusto
Claudia Rodrigues
Daniel Henrique
Doglas Neres
Eber da Silva
Edmilson Cândido
Eduardo Silva
Elenir Santos
Elizabeth Silva
Emilly Santos
Enilson Gonçalves
Eric Junior
Erica Castro
Fabiano Lima
Frank Junior
Gabriela Candida

Geraldo Anacleto
Geraldo Custódio
Geraldo Farias
Geraldo Miguel
Glaucia Vieira
Gleiciane Silva
Gleiciane Teixeira
Grazi Santos
Gustavo Vieira
Hamilton Conceição
Heberte
Ilma Almeida
Jacson Lopes
João Carlos
Juçeara Prado
Karina Maia
Lais Diniz
Larissa Nunes

Leandro Ferreira
Leandro Silva
Leonardo Vertelo
Lilian Duarte
Lourdes de Oliveira
Lucas Pereira
Luiz Alves
Luiz Domingos
Marcelina Aparecida
Marcelo Ferreira
Marcelo Miranda
Marco Antonio
Maxwel Damião
Nelse Santos
Nícius Brandão
Petúnia Sousa
Rian Morais
Sara Dias
Sergio Ferreira
Thamyris Bragioni

Theo Karam
Thiago Alves
Ulisses Oliveira
Valnei Alves
Vanderlan Silva
Vanderley Silva
Vando Silva
Victor Mendes
Walter Silva
Wellington Severino
Werberth Braga
Yuri Thierry

Educação	Estela Gonçalves Ester Karen Esther Fontes João Paulo Andrade, gerente Amanda Homem Brenno Theotônio Christiane Avelino Clara Duarte Daniela Brandão Daphne Cunha Diu Felipe Gabriel Filipe Camato Gabriel Rodrigues Geovana Antonelle Isadora Godoy Júlio Gotelip Laura Matos Leonardo Alves Letícia Peixoto Lucas Ribeiro Paula Libertad Pedro Medeiros Pedro Ton Rafa S. Saymon Santos Viktória Brandão	Pedro Souza Queila Oliveira Rhuan Ventura Esther Silva Evellim Lavine Evelyn Amaral Felipe Santana Fernanda Maia Fernando Henrique Gabriel de Paiva Gabriel Paulino Giovana Miranda Guilherme Dias Gustavo Hyago Victor Isaura Braga Jhoelly Rodrigues João Vitor Cruz Josiane Lopes Juan Mendes Júlia Guedes Kamilly Alves Karine Almeida Kátia Braga Kayky Mateus Kelve Wilian Khelysne Pereira Klênia Santos Larissa Leônia Larissa Souza Lorraine Serpa Luan Almeida Luann Dutra Lucas Dutra Ludmila Oliveira Luiz Viegas Marcella Neves Anna Luiza Anna Luiza Antônio Carlos Ariany Campos Brenna Hevilen Bruna Alves Bruna Cássia Bruna Dominiguitti Bruna Esthefany Bryan Brum Camila Dias Camila Stephanie Carlos Alberto Carol Silveira Debora Reszende Deyse Santos Eduardo Torres Ellen Brito Ellen Cristina	Renan Faustini Renata Passos Ronald Eduardo Rone Teixeira Suelene Alves Valdeci Silva Washington Silva	Operações e Infraestrutura	Roane Kassia Ruth Reis Sabrina Gonçalves Samuel Lucas Sargento Wagner Suellen Cristina Tenente Aparecido Valdilene Edevim Vanessa Rodrigues Victor Barbosa Victor Cabral Victor Hugo Costa Vitoria Karoline Vitoria Silva Wederson Martins Yasmim Barra
Educação				Operações	
João Paulo Andrade, gerente				Gabriel Corrêa, gerente	
Amanda Homem				Alexandre César	
Brenno Theotônio				Ana Carolina	
Christiane Avelino				Beatriz Nogueira	
Clara Duarte				Bruna Thais	
Daniela Brandão				Camila Almeida	
Daphne Cunha				Eduarda Rodrigues	
Diu				Eduardo Silva	
Felipe Gabriel				Elton dos Santos	
Filipe Camato				Fernanda Silva	
Gabriel Rodrigues				Emerson Avelar	
Geovana Antonelle				Endrio Venâncio	
Isadora Godoy				Erick Gonçalves	
Júlio Gotelip				Ester Ariadine	
Laura Matos				Ester Silva	
Leonardo Alves				Fernando Resende	
Letícia Peixoto				Flávia Aparecida	
Lucas Ribeiro				Gabriel do Carmo	
Paula Libertad				Gabriel Fernandes	
Pedro Medeiros				Giovana Batista	
Pedro Ton				Greyce Silva	
Rafa S.				Guilherme Campos	
Saymon Santos				Guilherme Eduardo	
Viktória Brandão				Guilherme Lima	
Desenvolvimento de PÚBLICO				Guilherme Lopes	
Luiza Verdolin, gerente				Gustavo Carreiro	
Agnes Cayane				Henrique Faria	
Alice Martins				Ihago da Silva	
Aline dos Anjos				João Damasceno	
Aline Silva				Juan Pablo Santos	
Ana Amorim				Júlia Almeida	
Ana Cristina				Julia Silva	
Ana Luiza				Kaique Junior	
Anna Luiza				Kauan Junior	
Antônio Carlos				Ketlen Brum	
Ariany Campos				Kimberly	
Brenna Hevilen				Láisa Christina	
Bruna Alves				Josue Temporim	
Bruna Cássia				Pablo Herique	
Bruna Dominiguitti				Pedro Assis	
Bruna Esthefany				Richard Ryan	
Bryan Brum				Samuel Moreira	
Camila Dias				Tiago Moreira	
Camila Stephanie				Viviane Freitas	
Carlos Alberto				Wellington de Paula	
Carol Silveira					
Debora Reszende					
Deyse Santos					
Eduardo Torres					
Ellen Brito					
Ellen Cristina					
Controladoria Administrativa	Cristiane de Paula, gerente	Daniel Freitas			
Compras e Transporte	Eduardo Silva, gerente	Celson Silva			
	Milton Lira	Eduarda Ribeiro			
	Moyses Vittor	Elber dos Santos			
	Mirella Castro	Flavia Lamounier			
	Naiara Oliveira	Itacilde Nascimento			
	Neyla Cristina	Lara Lima			
	Pablo Dias	Marcos Vinicius			
	Paloma Helen				
	Paulo Henrique				
	Pedro Mendes				

Silvano Dias
Sofia Vasconcelos
Ueller Soares
Valter Silva
Walisson Silva
Welbe Morais
Yedda Silva

Serviços Gerais

Ana Cristina
Andrea Roberta
Camila Braga
Dalva Ribeiro
Diego Rodrigues
Edivânia Rocha
Flavia Pereira
Geraldo Gonçalves
José Mauro
Juliana Aguiar
Kelly Pereira
Lindaura Matos
Luzia Costa
Margareth Firmino
Maria Aparecida Divino
Maria das Dores
Maria de Lourdes
Nilson Pereira
Patrícia Santana
Rony Danniel
Rosimara da Silva
Sabrina Lima
Sara Pereira
Sarah da Silva
Solange Aparecida
Solange Borges
Tânia Silva
Thainara Teixeira
Thayna Miranda
Vagner Santos
Valdirene Amorim
Vicentina Dias
Washington Marinho

Relações Institucionais

Patrocínios e Relacionamento
Andrea Lombardi, gerente
Beatriz Sousa
Davds Lacerda
Luana Campos
Maria Candido
Sophia Barcelos
Viviane Cunha

Projetos
Vinicius Santos, gerente
Aline Pereira
Pipe Nascimento
Viviane Melo

Relações Públicas
Marina Toledo

Riscos e Controles

Compliance
Elivelton Cruz, gerente
Wellinton Junior

Patronos Inhotim

Benemérito
Camila e Eugênio Mattar
Flávia e Guilherme Teixeira

Diamante
Nadia e Olavo Setubal
Roberto Setubal

Ouro
Iris Kaufmann e Gustavo Ioschpe
Luís Paulo Montenegro
Teca e Cristiano Paz
Teresa e Cândido Bracher
Valéria Nogueira e Maurício Campos

Prata
Alfredo Pinto
Beatriz Menin e Rubens Menin
Betania Tanure e filhos
Daniela Villela
Fabio Barbosa
Genny Nissenbaum
Julisa e Tiago Pessôa
Lina e Eduardo Wurzmann
Maguy Etlin
Paulo Kakinoff
Susana Leirner

Patronos
Albuquerque Contemporânea
Galeria de Arte
Ananda Lopes e Leonardo Lopes
Cleusa Garfinkel

Fernanda Pessoa e Robinson Salvador
Fernando Marques Oliveira
Fortes D'Aloia & Gabriel
Galatea
Galeria Almeida & Dale
Galeria Karla Osorio
Galeria Luisa Strina
Galeria Nara Roesler
Geyze Diniz
Juliana de Lima Vasconcellos
Lenny Niemeyer
Lucas Araripe
Nazaré Almeida Braga Metsavaht
e Oskar Metsavaht
Rita Leite e Nilson Teixeira

Jovens Patronos
Carolina e Mario Ermírio de Moraes
Denise Valadares e Marcelo Chelles
Fabiana Cepeda
e Luis Rodrigo Almeida
Felipe Urbano
Luddi Oliveira
Luiza Mussnich e Pedro Sauer
Paola Sarkis
e Renata Faria Nascimento
Vinicius Veloso

Patrocinadores e Parceiros 2025

Mantenedora Master
Vale

Parceria Estratégica
Nubank
Cemig

Patrocínio Master
Shell
Itaú

Patrocínio Ouro
Vivo
CBMM

Grup Ultra
Petronas
Santander

Patrocínio Prata
C6 Bank
Instituto Unimed
B3

Patrocínio Bronze
UBS
UBS BB
Banco BV
Drogaria Araujo
Mapfre
Banco Mercantil
Fundo Museu Escola
Pottencial Seguradora
Instituto Machado Meyer
Química Anastacio
Supernosso

Apoio
Cescon Barriau Advogados
We Benefícios
Semove

Locadora Oficial
Localiza

Frota Oficial
Stellantis

Parceria Institucional
Clara Resorts
BMA Advogados
Bain & Company
Falconi
EcoSimple
Orchid Brazil
Embaixada da França no Brasil
Embaixada dos Estados Unidos no Brasil
Kouda
Embaixada da Colômbia no Brasil
Consulado da Colômbia em São Paulo
Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro
Embaixada do Peru no Brasil
SP-Arte
CasaCor
Sympla
Fernanda Pessoa Grupo Educacional

Parceria de Mídia
Jornal Estado de Minas
Revista Piauí
Rádio CDL
Fredlzak
D Mídia
JCDecaux
Jornal Circuito Notícias
Portal da Cidade Brumadinho
FlyMídia

LivOOH
Eletromídia
A3TV
OOH Brasil
Rádio Inconfidência
Rede Minas
Canal Curta
Arte! Brasileiros
Visual
ELLE
Quatro Cinco Um
Rádio Band News
Band Minas
Rádio Mix

Realização
Lei Rouanet

Todos os esforços foram feitos para que a menção a nossos patrocinadores, conselheiros, patronos, membros e colaboradores fosse publicada de forma correta. Caso algum erro tenha ocorrido, por favor, informe-nos em info@inhotim.org.br.

Lista atualizada em 12 de agosto de 2025.

PUBLICAÇÃO
SER DO CERRADO:
SABERES E DIVERSIDADE
NOS JARDINS DO INHOTIM
1ª EDIÇÃO 2022

Organização
Lorena Vicini
Sabrina Carmo
Sílvia Almeida

Projeto editorial
Lorena Vicini

Coordenação editorial
Sílvia Almeida

Edição
Lorena Vicini
Sabrina Carmo
Sílvia Almeida
Vinícius Porfírio

Redação
Alex Coelho
Bárbara Sales
Sabrina Carmo
Sílvia Almeida
Vinícius Porfírio

Pesquisa
Alex Coelho
Ana Vitória Martins
Bárbara Sales
Juliano Borin
Nayara Mota
Sabrina Carmo
Sílvia Almeida
Tatiana Almeida
Vinícius Porfírio

Ilustrações
Vito Quintans

Fotografias
Alexandre Guzanshe
Brendon Campos
Bruno Figueiredo
Eddie Esteves Pereira
Glenio Campregher
Henrique Marques
João Marcos Rosa
Maria Eduarda Santos Silva

Transcrição das entrevistas
Renan Camilo

Revisão de texto
Ricardo Lelis

Projeto gráfico, diagramação e produção gráfica
André Travassos
Yannick Falisse

Impressão e acabamento
Rona Editora

PUBLICAÇÃO
SER DO CERRADO:
SABERES E DIVERSIDADE
NOS JARDINS DO INHOTIM
2ª EDIÇÃO, 2025

Para a produção da 2ª edição o conteúdo da publicação foi em grande parte mantido e, portanto, os créditos da 1ª edição se mantêm para: Organização, Projeto editorial, Edição, Redação, Pesquisa, Fotografia, Ilustração e Transcrição de entrevistas.

Agradecemos a colaboração de todas as pessoas envolvidas.

Organização
Laís Silva
Sabrina Carmo

Coordenação editorial
Clarice Lacerda

Assistência editorial
Sílvia Almeida

Edição
Clarice Lacerda
Sílvia Almeida

Supervisão de design
Clarice Lacerda
Lana Costa
Ricardo Lopes

Projeto gráfico e diagramação
Luísa Rabello

Produção gráfica
Clarice Lacerda

Atualização dos textos
Laís Silva
Petúnia Sousa
Sílvia Almeida

Redação
Sílvia Almeida

Revisão
Regina Stocklen

Impressão e acabamento
Rona Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(edoc BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I59s
Instituto Inhotim
Ser do Cerrado: saberes e diversidade nos jardins do Inhotim / Instituto Inhotim; organizadoras Sabrina Carmo, Laís Silva, Clarice Lacerda, Sílvia Almeida. – 2. ed. – Brumadinho, MG: Instituto Inhotim, 2025.
192 p.: il. color.; 18,5 x 26,5 cm.

Bibliografia.
ISBN 978-65-988326-0-5

1. Cerrado (Brasil) – Conservação. 2. Biodiversidade – Brasil.
3. Jardins botânicos – Brasil. I. Carmo, Sabrina. II. Silva, Laís.
III. Lacerda, Clarice. IV. Almeida, Sílvia. V. Título.
CDD 581.9681

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS E CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO

O Ministério Público é responsável pela defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis. Entre suas atribuições constitucionais, tem-se a tutela do meio ambiente, de forma a resguardar a vida sustentável para as futuras gerações. A Comissão do Meio Ambiente do Conselho Nacional do Ministério Público tem como propósito o fortalecimento e aprimoramento da atuação dos órgãos do Ministério Público brasileiro na tutela ambiental, facilitando a integração nacional e o desenvolvimento institucional.

PLATAFORMA SEMENTE

A Plataforma Semente foi desenvolvida pelo Ministério Público de Minas Gerais, por meio do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Defesa do Meio Ambiente (Caoma), em parceria com o Centro Mineiro de Alianças Intersetoriais (CeMAIS), e visa a garantir maior segurança jurídica e transparência na contemplação, gestão e monitoramento de projetos custeados por medidas compensatórias ambientais, apresentados por parceiros do Terceiro Setor e Poder Público. Com o Semente, propostas inovadoras e que visam a contribuir para a defesa, preservação e recuperação do meio ambiente são efetivamente transformadas em realidade, em todo o estado.

Esta edição da publicação *Ser do Cerrado: Saberes e diversidade nos jardins do Inhotim* foi composta nas fontes Vista Sans OT, PP Neue Montreal e TT Trailers; e impressa em policromia offset, em papel AP 90 g/m² no miolo e cartão Supremo 300 g/m² na capa. A tiragem de 4.000 exemplares foi produzida durante o mês de agosto de 2025, pela Rona Editora na cidade de Belo Horizonte (MG).



O projeto *Ser do Cerrado* nasceu de uma parceria frutífera entre o Instituto Inhotim e o Ministério Pùblico de Minas Gerais, por meio da Plataforma Semente. Marcante por revelar histórias e detalhes de um bioma extraordinário, ainda pouco conhecido e muito ameaçado, o projeto teve como um de seus resultados a publicação, em 2022, da primeira edição do livro *Ser do Cerrado: Saberes e diversidade nos jardins do Inhotim*.

Partindo da premissa de que é preciso conhecer para proteger, a publicação busca expandir o imaginário relacionado à natureza no Brasil através de informações, entrevistas e ações que têm o Cerrado como tema central. Esta segunda edição, revisada e atualizada, vem a público em 2025 para reafirmar o papel do Inhotim na educação ambiental, na conservação da biodiversidade local e no debate sobre questões relevantes da contemporaneidade.

ISBN 978-65-988326-0-5



REALIZAÇÃO



APOIO

